Clube de Revistas

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

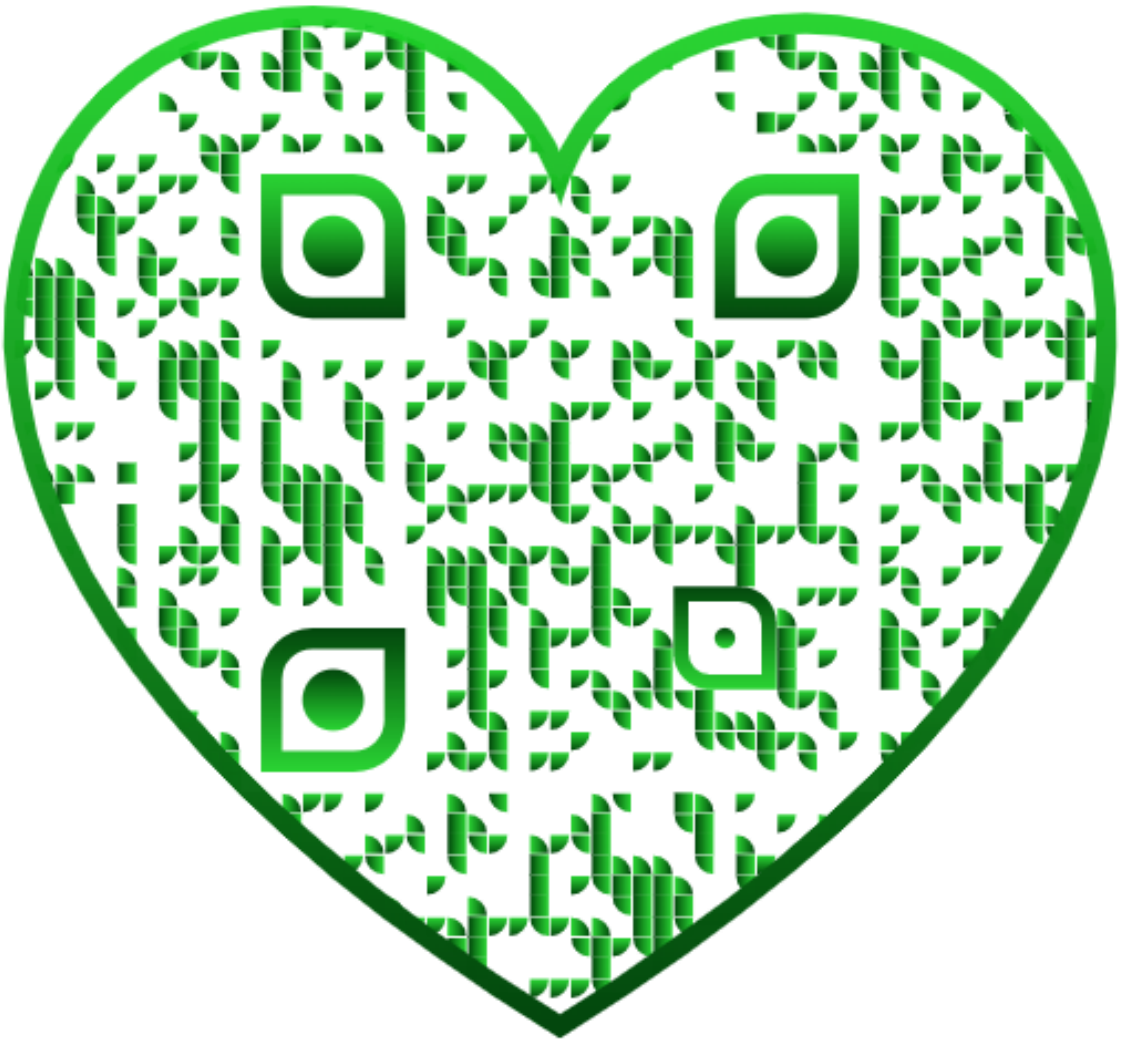
Rolling Stone

BRASIL

rollingstone.com.br

SPRING

EDIÇÃO 13 - JUL 2024 - R$ 29,90
7 898034 593871



CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Clube de Revistas

SOBRECAPA PUBLICITÁRIA

Rolling Stone

BRASIL

THE ICON ATTITUDE

A nova fragrância de

BANDERAS

Clube de Revistas

Clube de Revistas

EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

Rolling Stone BRASIL

MICHAEL JACKSON

JULHO | 2024

Clube de Revistas

MICHAEL JACKSON

EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

6
Introdução
Por Paulo Cavalcanti

8
Triunfo e Tragédia
A vida de Michael Jackson.
Por Mikal Gilmore

28
O Príncipe do Pop
Jams nos bastidores e guerra de travesseiros: em turnê com Michael e o Jackson 5, as crianças mais trabalhadoras do show business.
Por Ben Fong-Torres

32
O Groove que Dominou o Mundo
Gravado antes de Michael Jackson completar 21 anos, o disco *Off the Wall* fez dele o mais importante artista jovem de R&B dos Estados Unidos.
Por Anthony DeCurtis

36
Os 20 Melhores Vídeos
Como um astro pop tímido revolucionou todo um mercado e mudou a maneira como vemos a música.
Por Christopher R. Weingarten

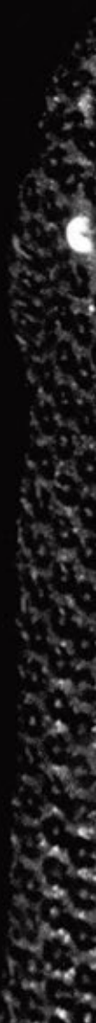
44
Dançando pela Eternidade
Os caminhos trilhados por Michael Jackson e Quincy Jones na criação de *Thriller*, o álbum mais vendido de todos os tempos.
Por Alan Light

52
No Reino da Magia
Em 1982, Michael Jackson recebeu a *Rolling Stone* em casa – sem seguranças e sem máscaras – para uma longa entrevista e um encontro com Muscles, a serpente de estimação dele.
Por Gerri Hirshey

62
Michael Versus Michael
Na época de Bad, o astro competia somente consigo mesmo. Um mergulho na estratosfera solitária do ídolo.
Por Michael Goldberg e David Handelman

68
Por Trás do Trono
No começo dos anos 1990, a *Rolling Stone* passeou por Neverland, a incrível terra de fantasia que o artista chamava de casa.
Por Michael Goldberg

74
As 50 Maiores Músicas
As histórias por trás das canções que fizeram o mundo dançar.



Clube de Revistas

TOPO DO MUNDO
Michael Jackson em 1984, no auge com o sucesso de *Thriller*

Clube de Revistas

Introdução

Por **Paulo Cavalcanti**

Quando Michael Jackson apareceu pela primeira vez na capa da *Rolling Stone* norte-americana, em abril de 1971, em uma matéria escrita pelo editor Ben Fong-Torres, estava prestes a completar 13 anos – e, a essa altura da vida, já era um astro com o Jackson 5. Na época, a publicação era considerada a *Bíblia* da contracultura, mas estava começando a dialogar com a música pop. Algumas pessoas indagaram o motivo de a *Rolling Stone* dar espaço para um ídolo adolescente que saía em revistas teen. No entanto, aquele não era um jovem comum, e a música que fazia com os irmãos agradava a um público cada vez maior. Naquela capa, não estava apenas um garoto ingênuo e promissor – estava um dos futuros responsáveis por alguns dos mais significativos feitos na história da cultura pop.

Nos anos que se seguiram à entrevista, Michael permaneceu com o Jackson 5 (que mais tarde seria rebatizado como The Jacksons) enquanto enveredou por uma carreira solo paralela. A grande virada veio em 1979, quando o cantor se juntou ao produtor Quincy Jones, com quem gestou *Off The Wall*, um álbum cheio de groove que redefiniu a black music. Foi o prelúdio para *Thriller* (1982), que se tornou o disco mais vendido de todos os tempos.

A explosão de *Thriller* teve um impacto sem precedentes. É comum recordar o momento em que se ouviu "Billie Jean" ou a faixa-título pela primeira vez – canções marcantes, cuja audição ficou gravada na memória de quem viveu os anos 1980. Todo o globo cantou as faixas do álbum, assistiu aos inovadores clipes estrelados pelo astro ou tentou imitar o moonwalk nas pistas de dança, além de ter se emocionado com a imagem dele comandando o coral de megaestrelas em "We Are the World".

Depois de *Thriller*, Michael foi coroado o Rei do Pop. Infelizmente, a fama precoce e o poder em excesso cobraram seu preço. Michael, com suas excentricidades, virou o rei dos tabloides. A *Rolling Stone* sempre se manteve de olho no artista e registrou seus triunfos e controvérsias. Apesar do final triste e de episódios que provavelmente jamais serão de fato esclarecidos, a importância da obra de Michael será sempre incontestável, como é possível atestar nas páginas a seguir.

Clube de Revistas

IMORTAL
Michael no palco em 1987

Clube de Revistas

Clube de Revistas

ASTRO PRECOCE
Michael Jackson
em 1971

Triunfo & TRAGÉDIA

A vida de Michael Jackson

Por **Mikal Gilmore**

Clube de Revistas

Michael jackson era, de fato, o que proclamava ser, e o que lutou para ser: o maior astro do mundo. Se ainda existia alguma dúvida, ela foi esmagada na tarde de 25 de junho de 2009, quando veio a notícia de que ele havia morrido em Los Angeles, aos 50 anos. O brutal choque inicial e o luto foram os maiores já vistos pelo mundo em um acontecimento como esse. Embora as mortes de John F. Kennedy e Martin Luther King Jr. tenham afetado mais a história como um todo, e as de Elvis Presley, John Lennon e Kurt Cobain tenham significado o final de determinadas épocas, nenhuma outra morte correu o globo com tanta rapidez como a de Michael Jackson. Nos dias que se seguiram, canais de notícias, especiais de televisão, revistas e jornais tentaram entender o que havia ocorrido. Não apenas a morte em si – ainda que houvesse mistérios –, mas mais a natureza da vida e do legado do artista. Michael era um homem com uma personalidade complicada, um ser humano cuja vida foi igualmente notória e gloriosa.

O que ficou imediatamente claro na cobertura foi que, apesar da desonra que se abateu sobre o astro em certa altura da vida dele, apesar das terríveis alegações contra ele, apesar das extravagâncias, dos medos idiossincráticos, da megalomania (ou narcisismo) e do prolongado abandono de sua arte, o mundo ainda o respeitava pela música que ele fez por mais de quatro décadas. Nenhum artista eclipsou o que ele alcançou nos primeiros anos de carreira solo. Claro, muitos outros astros nos deram grandiosas obras de arte, invencionismo, rejuvenescimento, mas Michael Jackson mudou o equilíbrio no mundo pop de um modo que ninguém havia feito até então. Ele forçou o rock e a grande mídia a admitirem que o maior astro pop do mundo podia ser jovem e negro, e ao fazer isso quebrou mais barreiras do que qualquer um.

Não existe na música popular uma história tão afortunada e ao mesmo tempo tão trágica quanto a de Michael. Ambas as características permearam sua vida, mais ou menos desde o início: enquanto ele ainda era criança, tornou-se a principal fonte de renda de uma família numerosa e um patrimônio incalculável para uma das mais importantes gravadoras que já existiram. Michael Jackson aproveitou isso tudo – ganhou fama e dinheiro e desenvolveu uma autoimagem que o isolou de quase todo o mundo. Viveu muitas vidas dentro de si – foi aí que refletiu e transformou seus ressentimentos e desejos em uma arte ao mesmo tempo feliz e furiosa. Foi também aí que ele encontrou sua força e manteve suas fragilidades, até que estas se tornaram letais.

Considerando a criação que recebeu, pode-se ver por que ele teve de conceber essa vida interior. O pai, Joe Jackson, foi operador de guindaste durante os anos 1950, em Gary, Indiana – um lugar no qual havia cotas impostas para determinar quantos negros podiam progredir em ocupações qualificadas nas fábricas da cidade.

MENINOS ARTISTAS
Michael faz pose em frente aos irmãos em Chicago, em 1968. A banda passou dois anos se apresentando em clubes antes de conquistar o mundo

Os trabalhadores negros recebiam menos que os brancos e também estavam sujeitos a taxas muito maiores de doenças fatais relacionadas ao trabalho, mas Joe Jackson nutria esperanças de que a música o faria subir na vida. A mãe de Michael, Katherine Scruse, era do Alabama, mas morava em East Chicago, Indiana, quando conheceu Joe. Ela cresceu ouvindo country music e, embora alimentasse sonhos de cantar e tocar, a pólio deixou-a claudicante para sempre. Casados em 1949, Joe e Katherine eram um jovem casal e imediatamente começaram uma grande família. A primeira filha dos dois, Maureen (Rebbie), nasceu em 1950, seguida por Sigmund (Jackie) em 1951, Toriano (Tito) em 1953, Jermaine em 1954, La Toya em 1956 e Marlon em 1957. Michael nasceu em 29 de agosto de 1958, e Randy chegou em 1961. Janet, a caçula, só veio em 1966.

Michael e seus irmãos ouviam música o tempo todo. Joe tinha uma forte admiração pelo blues urbano elétrico e ruidoso que tinha se desenvolvido perto de Chicago, e também pela fase inicial do rock and roll. Ao lado dos irmãos, ele formou uma banda, The Falcons, e ganhava uma modesta renda extra tocando em bares e festas de colégio na região de Gary. "Eles cantavam algumas das grandes canções de blues e do início do rock and roll, de Chuck Berry, Little Richard... E o que mais você lembrar", escreveu Michael na autobiografia *Moonwalk*, em 1988. "Todos aqueles estilos eram incríveis e cada um deles nos influenciou, embora fôssemos jovens demais para saber disso na época." Quando o The Falcons acabou, Joe aposentou a guitarra em um armário do quarto, e a guardava com ciúme, exatamente como fazia com tudo o que estava sob seu controle. Katherine, no entanto, às vezes dirigia seus filhos em coros de country music. Tito, assim como o pai, tinha uma clara afinidade com instrumentos. Um dia, depois de pegar a guitarra de Joe para praticar com os irmãos, ele arrebentou uma corda. Como Michael lembrou depois, Joe bateu em Tito por causa do descuido – "Ele bateu para valer" – e então desafiou o filho a mostrar o que sabia tocar. Pelo que se viu depois, Tito impressionou o patriarca; talvez naqueles momentos, Joe tenha visto florescer novamente a esperança no futuro. Ele comprou uma guitarra para Tito, ensinou-lhe algumas músicas de Ray Charles e então comprou um

Clube de Revistas

VESTIDOS PARA AGRADAR
O Jackson 5 na metade dos anos 1970: (na fileira de trás, da esq. para a dir.) Michael, Jackie, Jermaine (na fileira da frente, da esq. para a dir.) Tito, Randy e Marlon. Randy fazia algumas aparições com os irmãos e foi efetivado quando Jermaine saiu solo na metade da década

baixo para Jermaine. Em pouco tempo ele estava montando um grupo musical com todos os filhos homens. Embora Joe fosse, no fundo, um homem do blues, gostou que o R&B contemporâneo – Motown e soul – fosse a música que atraía seus filhos. Joe preparou Jermaine para ser o solista, mas um dia Katherine viu Michael, na época com apenas 4 anos, cantando uma música de James Brown, e o garoto já eclipsava seu irmão mais velho – tanto na voz quanto nos movimentos. Ela disse a Joe: "Acho que temos outro solista". Katherine diria mais tarde que às vezes a capacidade precoce de Michael a assustava – ela provavelmente viu que a infância dele daria lugar ao estrelato –, mas também reconhecia que havia algo inegável naquela voz infantil: ela era capaz de transmitir lembranças e experiências que nenhuma criança poderia conhecer. Michael era também o centro das atenções. Ele adorava cantar e dançar e, como era ainda tão novinho – um veículo inesperado para uma expressividade tão poderosa, direta e comovente –, tornou-se o foco de atenção quando ele e seus irmãos se apresentavam. O pequeno Michael Jackson era engraçadinho, mas também era como dinamite.

É evidente que Joe Jackson era bom no que fazia. "Ele sabia o que eu tinha de fazer para me tornar um profissional", disse Michael mais tarde. "Ele me ensinou a segurar direito um microfone, fazer gestos para a multidão e lidar com o público." Entretanto, como o próprio Joe admitiu, o pai também era implacável. "Quando descobri que meus filhos estavam interessados em ser artistas, comecei a trabalhar com eles", disse ele à revista *Time* em 1984. "Ensaiei com eles durante uns três anos antes de liberá-los. Era todos os dias, pelo menos duas ou três horas... No início, eles ficavam meio aborrecidos com aquilo tudo, porque as outras crianças estavam se divertindo lá fora... Então, percebi que conforme eles iam melhorando, gostavam cada vez mais." Pelo que Michael se lembrava, a coisa não foi bem assim. "Nós nos apresentávamos para ele, e ele nos criticava", escreveu em *Moonwalk*. "Se você errava, apanhava, às vezes com um cinto, às vezes com um chicote... Eu apanhava por coisas que aconteciam fora do ensaio. Meu pai me deixava tão zanga-

Clube de Revistas

Clube de Revistas

BALANÇO JUVENIL
(Da esq. para a dir.) Tito, Marlon, Michael, Jackie e Jermaine na TV, em 1971

do e machucado que eu tentava rebater e apanhava mais ainda. Eu pegava um sapato e jogava nele ou só reagia. É por isso que apanhei mais do que todos os meus irmãos juntos. Eu reagia, e meu pai queria me matar, me arrebentar." Aqueles momentos – e provavelmente muitos mais – criaram uma perda que Michael Jackson nunca superou. Ele era essencial para o trabalho musical da família, mas não havia nenhum outro laço entre pai e filho. Novamente, de *Moonwalk*: "Uma das coisas das quais mais me arrependo é de nunca ter sido capaz de ser próximo dele. Ele criou uma concha em volta de si e, quando parou de falar sobre os negócios da família, descobriu que era difícil se relacionar conosco. Estávamos todos juntos, e ele saiu de cena".

Por volta de 1964, Joe começou a inscrever os irmãos Jackson em concursos de talentos, muitos dos quais eles venceram sem dificuldade. Um single que eles gravaram para o selo local Steeltown, "Big Boy", fez sucesso na cidade. "No início, eu disse a mim mesmo que eles eram apenas crianças", afirmou Joe em 1971, "mas logo percebi que eram muito profissionais. Não havia motivo para esperar. Os garotos estavam prontos para se testarem no palco, e eu fiquei sem justificativa para protegê-los da dureza desse meio." Em 1966, ele agendou shows de seus filhos em casas noturnas para negros em Gary e também em algumas em Chicago. Muitas delas serviam álcool e várias apresentavam striptease. "Era uma vida e tanto para alguém com 9 anos de idade", Katherine alertaria seu marido, mas Joe estava determinado. "Eu costumava ficar nos bastidores de um desses locais em Chicago e observava uma moça chamada Mary Rose", lembrou Michael. "Essa garota tirava as roupas, inclusive as íntimas, e as jogava ao público. Os homens as apanhavam, cheiravam e gritavam. Meus irmãos e eu ficávamos observando tudo isso, compreendendo, e meu pai não se importava." Sam Moore, da dupla Sam & Dave, lembrou-se de Joe trancando Michael – que talvez estivesse com 10 anos – em um camarim enquanto Joe saía para viver suas aventuras. Michael ficava sentado sozinho durante horas. Mais tarde, ele também se lembrou de ter de subir ao palco mesmo que tivesse estado doente durante o dia.

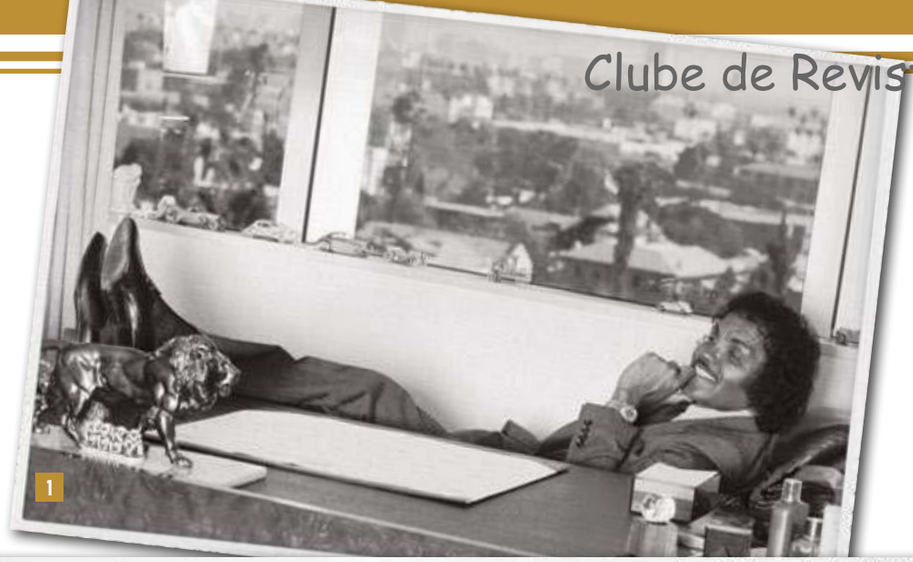
Michael e seus irmãos começaram a viajar pelo que ainda era chamado de "chitlin' circuit" – uma rede de locais espalhados pelos Estados Unidos, frequentados por negros (Joe fazia com que seus filhos mantivessem os estudos em dia e as notas em nível aceitável). Nessas casas de espetáculos, os Jacksons abriram shows para vários artistas de R&B, entre eles

Clube de Revistas

The Temptations, Sam & Dave, Jackie Wilson, Jerry Butler, O'Jays e Etta James, embora ninguém fosse tão importante para Michael quanto James Brown. "Eu sabia cada passo, cada gemido, cada giro", lembrou ele. "A presença física dele era fenomenal. Seria impossível ensinar a uma pessoa o que eu aprendi apenas ficando lá e observando."

O lugar mais famoso dessas viagens foi o Apollo, em Nova York, onde o Jackson 5 ganhou um show da Noite dos Amadores, em 1967. Joe havia investido tudo o que tinha nos filhos, embora qualquer lucro ou reconhecimento também fosse sucesso para ele, é claro. Nesse circuito, Joe conheceu Gladys Knight, que desfrutava de uma série de sucessos com a Motown, um importante selo de música negra pop. Encorajado por Gladys e Bobby Taylor, astro de R&B da Motown, Joe levou os filhos a Detroit para uma audição na gravadora. Em 1969, a Motown fez a família Jackson se mudar para Los Angeles, instalou-a na casa de Diana Ross e na de Berry Gordy, dono da gravadora, e começou a preparar o grupo. Michael se lembra de Gordy dizendo: "Vou fazer de vocês a coisa mais importante do mundo. O primeiro disco será o primeiro nas paradas, o segundo vai ser o primeiro, e o terceiro também".

Em 1959,Berry Gordy fundou a Tamla Records – que logo se tornou conhecida como Motown – em Detroit. Na época em que firmou contrato com o Jackson 5, a Motown desfrutava havia muito tempo do status de mais importante gravadora pertencente a um negro na América do Norte, lançando os sucessos de Smokey Robinson & The Miracles, The Temptations, Mary Wells, The Four Tops e Diana Ross & The Supremes, entre outros. Ao contrário da Stax e da Atlantic, o soul da Motown não era particularmente blueseiro nem tosco, nem era uma música que abordasse explicitamente assuntos sociais ou a luta racial nos Estados Unidos. Por sua natureza, a gravadora exemplificava o sucesso negro, mas sua música era calibrada para ser assimilada pela corrente pop – que, naturalmente, abrangia o público branco tanto quanto o público negro (os primeiros discos da gravadora usavam o rótulo "O Som da América Jovem"). Na época, o rock estava se tornando cada vez mais um veículo para a gravação


1

2

3

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

1. Joe Jackson, um ex-operário de Indiana e guitarrista amador de blues, transformou a banda de R&B dos filhos em um fenômeno pop mundial. Ele atuou como empresário deles e fazia os garotos praticarem exaustivamente por horas; 2. Toda a família Jackson reunida, em 1971; 3. Michael brinca com um órgão em um ensaio em Los Angeles, no mesmo ano

Clube de Revistas

JORNADA SOLO
Jackson, já longe dos irmãos

Clube de Revistas

de álbuns. Por outro lado, a Motown manteve sua identidade como fábrica de sucessos, apesar dos álbuns inovadores de Stevie Wonder e Marvin Gaye. Gordy procurava um grupo voltado para singles que não só criasse sucessos para os jovens, mas que também desse a eles alguém a quem se agarrar, com quem se identificar e a quem adorar. O Jackson 5, disse Gordy, exemplificaria o "soul bubblegum".

Os três primeiros singles do Jackson 5 – "I Want You Back", "ABC" e "The Love You Save" – chegaram ao primeiro lugar nas paradas como Gordy havia prometido, o que também aconteceu com o quarto, "I'll Be There". O grupo foi a sensação de 1970. Fred Rice, que havia criado o produto Jackson 5 para a Motown, disse: "Eu os chamo de 'os Beatles negros'... É inacreditável". Ele estava certo. O Jackson 5 definiu a transição do soul dos anos 1960 para o pop dos anos 1970 tanto quanto a banda Sly and the Family Stone. Além disso, em uma época em que os norte-americanos se sentiam desconfortáveis com as aspirações das minorias ao poder, o Jackson 5 transmitiu um ideal agradável de orgulho negro, que revelava afinidade e aspiração em vez de oposição. Eles simbolizaram uma realização que o movimento de direitos civis tornou possível, e aquilo não poderia ter acontecido cinco ou seis anos antes. Mais ainda, o Jackson 5 ganhou o respeito da crítica. Fazendo a resenha de "I Want You Back" na *Rolling Stone* norte-americana, Jon Landau escreveu: "O arranjo, a energia e a levada simples do ritmo – tudo contribui para o impacto encantador da gravação". Embora eles funcionassem como um grupo, não havia dúvida sobre quem era o verdadeiro astro do Jackson 5 e de quem os integrantes dependiam. A voz de Michael Jackson também transcendia todas as noções convencionais de vocais masculinos da soul music – ela iaaté mesmo além das questões de gênero. O crítico Jason King escreveu: "Não é exagero dizer que ele foi o cantor popular mais avançado de sua geração em toda a história da música gravada. Sua voz de tenor sem estudo formal era prodigiosa. Por todos os motivos, ele não deveria ter tanto poder vocal como tinha com tão pouca idade".

Pelo menos nos primeiros anos, Michael e seus irmãos pareciam onipresentes e desfrutaram de aceitação universal. No entanto, eles logo experimentaram sérias limitações. A música que eles estavam cantando não era realmente uma criação – eles não a compunham nem produziam –, e depois que Michael foi relegado a gravar velhos sucessos como "Rockin' Robin" (Bobby Day) em 1972, ele ficou preocupado com a possibilidade de o Jackson 5 se tornar "uma coisa antiga" antes que ele saísse da adolescência. O Jackson 5 começou a se autoproduzir e a criar seu próprio som. Stevie Wonder e Marvin Gaye tinham demonstrado capacidade de crescer e mudar – e vender discos – quando tiveram liberdade para criar, e com "Dancing Machine", em 1974, os Jacksons provaram que poderiam ter sucesso se pegassem o caminho do funk. A Motown, no entanto, não levou isso em conta. "Eles não só se recusaram a aceitar nossos pedidos", disse Michael em *Moonwalk*, "mas nos proibiram até de mencionar que queríamos fazer nossas próprias músicas". Michael compreendeu o que isso significava: a Motown não apenas impediria o Jackson 5 de crescer, ela também impediria que ele crescesse. O cantor aguardou o momento certo, estudando os produtores com os quais ele e seus irmãos haviam trabalhado. "Eu parecia um falcão caçando presas durante a noite", disse. "Observava tudo. Eles não escapariam impunes sem que eu visse. Eu queria realmente me envolver naquilo."

Em 1975, Joe Jackson negociou um novo contrato para os filhos – desta vez com a Epic Records, com um aumento de 500% nos royalties. O contrato também estipulava álbuns solo dos Jacksons (embora o acordo não incluísse Jermaine, que havia se casado com a filha de Gordy, Hazel, e ficara na Motown, criando um rompimento na família que se estendeu por vários anos). A Motown tentou bloquear o negócio e, no final, impediu que os irmãos usassem o nome Jackson 5; o grupo passou a ser conhecido como The Jacksons. Inicialmente, a Epic colocou-os com os produtores Kenny Gamble e Leon Huff, da Filadélfia, mas foi só depois de *Destiny*, em 1978, que os Jacksons finalmente assumiram o controle de sua própria música e reformularam seu som – sensual e suave nos sucessos dançantes "Blame It on the Boogie" e "Shake Your Body (Down to the Ground)" e revelando uma nova profundidade e complexidade emocional em canções como "Push Me Away" e "Bless His Soul".

A VOZ DE MICHAEL JACKSON TRANSCENDIA TODAS AS NOÇÕES CONVENCIONAIS DE VOCAIS MASCULINOS DA SOUL MUSIC – ELA IA ATÉ MESMO ALÉM DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Destiny, no entanto, era apenas um prelúdio: quando o álbum foi concluído, Michael estava pronto para fazer mudanças cruciais que estabeleceriam sua supremacia como artista solo. Ele dispensou seu pai da função de empresário e, na verdade, descobriu uma nova figura paterna, o produtor Quincy Jones, a quem Michael se ligou durante as filmagens de *O Mágico Inesquecível* (uma versão negra de *O Mágico de Oz*). Jones era um respeitado músico de jazz, maestro, compositor e arranjador que havia trabalhado com Clifford Brown, Frank Sinatra, Les-

Clube de Revistas

HORA DO JOGO
Devido aos inúmeros shows, ensaios e gravações, os rapazes do Jackson 5 tinham pouco tempo para brincar e praticar esportes. Aqui, a trupe exercita um pouco de basquete

ley Gore, Count Basie, Aretha Franklin e Paul Simon, além de ter composto as trilhas sonoras de *O Homem do Prego*, *A Sangue Frio* e *No Calor da Noite*. Michael Jackson gostou do ouvido do arranjador. "Foi a primeira vez em que eu escrevi e produzi totalmente minhas músicas", disse Michael mais tarde, "e eu estava procurando alguém que me desse essa liberdade e que fosse musicalmente ilimitado." Especificamente, o astro disse que seu álbum solo tinha de soar diferente dos Jacksons; ele queria um som mais limpo e mais funk. A união provou ser extremamente bem sucedida: Jones trouxe uma leveza etérea à febre erótica e suave de Michael em músicas como "Rock With You" e "Don't Stop 'Til You Get Enough", ao passo que em um momento emocionante como "She's Out of My Life" teve o bom senso de não permitir que nada obscurecesse a impressionante tristeza na voz do cantor. O álbum resultante, *Off the Wall* – que firmou Michael como força artística madura por seu próprio mérito –, tem a atmosfera mais consistente de todos os trabalhos dele. Foi também um sucesso colossal, que vendeu mais de cinco milhões só nos Estados Unidos em 1985.

Michael Jackson se tornou um dos maiores artistas negros que a América já produziu, e ele esperava que *Off the Wall* ganhasse os principais prêmios durante a cerimônia do Grammy Awards de 1980. Em vez disso, recebeu apenas um prêmio, de melhor cantor de R&B. "What a Fool Believes", com The Doobie Brothers, ganhou o prêmio de Música do Ano; *52nd Street*, de Billy Joel, ganhou o prêmio de Álbum do Ano. Michael ficou surpreso e ressentido. "Minha família achou que eu estava ficando maluco, porque eu chorei muito por causa daquilo", lembrou ele. "Eu me senti ignorado, e isso ma-

Clube de Revistas

AMIGOS DA MÚSICA
Dentre os vários astros da gravadora Motown, Michael era particularmente próximo de Stevie Wonder. Nesta foto, os dois estão juntos em uma premiação na metade da década de 1970

chuca. Eu disse a mim mesmo: 'Esperem até a próxima vez' – eles não conseguirão ignorar o próximo álbum... Aquela experiência acendeu uma chama na minha alma."

Michael disse a Jones – e parece que a outras pessoas também – que seu próximo álbum não seria maior somente do que *Off the Wall*, seria o maior álbum de todos os tempos. Quando *Thriller* foi lançado, em novembro de 1982, não parecia ter nenhum tema dominante nem um estilo consistente. Em vez disso, parecia um apanhado de singles – como uma coletânea de maiores sucessos, só que antes de fazerem sucesso. Rapidamente, no entanto, ficou evidente que isso era exatamente o que Michael pretendia que *Thriller* fosse: uma brilhante coleção de músicas concebidas para serem sucessos, cada uma planejada para conquistar um tipo diferente de público. Michael criou "Billie Jean" para a multidão dançante, "Beat It" para os roqueiros e então seguiu de estilo em estilo com vídeos ardilosos, arquitetados para realçar tanto o charme dele quanto sua inacessibilidade. Mesmo depois de falarem que o lugar natural daquelas músicas era o rádio, era óbvio que elas eram algo mais do que sucessos excepcionais. Eram a união bem concebida de paixão, ritmo e estrutura que definia a sensibilidade – se não a vida – do artista por trás delas. Eram canções que cativavam imediatamente, sobre claustrofobia sexual e emocional, sobre maturidade adquirida a duras penas e sobre uma decisão que ele acabara de tomar e que funcionou como árbitro entre os medos do artista e a constatação inevitável de que ele ficara famoso. Em seus melhores versos, "Wanna Be Startin' Somethin'" tinha o clima de um vigoroso pesadelo ("Você está encurralado/E a dor é imensa... Mesmo assim, eles te odeiam, você é um vegetal... Eles te devoram, você é um vegetal"). "Billie Jean", por sua vez, expôs os caminhos pelos quais a interação entre a fama do artista e o mundo exterior poderia ser fatal para sua reputação. "As pessoas sempre me disseram: 'Cuidado com o que faz... Porque a mentira se torna verdade'", Michael canta. E "Beat It" era pura raiva – uma descrição inflamada da violência como postura masculina, como herança social a ser superada. Em suma, as faixas de *Thriller* resultaram na mais improvável espécie de arte – um trabalho de revelação pessoal que também foi uma obra-prima da cultura de massa. É um sucesso que provavelmente nunca será ultrapassado por outro artista.

Só que, de certo modo, o próprio o ultrapassou, e o fez nos meses após o lançamento do álbum. Aconteceu em 16 de maio de 1983, em um especial de TV que comemorava o 25º ani-

Clube de Revistas

versário da Motown. O astro acabara de apresentar com seus irmãos um medley de seus maiores sucessos. Foi emocionante, mas não o suficiente para ele. Quando seus irmãos se despediram e saíram do palco, Michael ficou. Por um momento, ele pareceu encabulado, tentando encontrar as palavras. "É...", disse, quase sussurrando. "Bons tempos, aqueles... Eu gosto muito dessas músicas. Mas, particularmente...", ele disse, colocando o microfone no pedestal com um olhar imponente: "...Eu gosto das novas músicas". Michael se abaixou, pegou um chapéu Fedora, colocou-o confiantemente na cabeça e começou "Billie Jean". Esse foi um dos primeiros atos de Michael Jackson como astro fora e além dos Jacksons, e estava claro que ele era não só um dos performers mais eletrizantes da música, mas talvez tivesse mais capacidade de estimular a imaginação do público do que qualquer músico pop desde Elvis Presley. Há ocasiões em que você sabe que está ouvindo ou vendo algo extraordinário, algo que captura as esperanças e os sonhos que a música popular procura capturar, e isso pode unir e inflamar um novo público. Essa ocasião aconteceu naquela noite, nas telas da TV de todos os Estados Unidos – a visão de um rapaz assumindo seu território e começando a reivindicar seu merecido título de lenda. "Quase 50 milhões de pessoas viram aquele show", Michael escreveu em *Moonwalk*. "Depois daquilo, muita coisa mudou."

Ele estava certo. Aquele foi o último momento realmente afortunado na vida de Michael Jackson. Depois daquilo, tudo se transformou em debate e recriminação. E, com o tempo, em declínio.

Antes de entrar nessa parte – em que a história se bifurca – provavelmente vale a pena perguntar: que tipo de pessoa era Michael Jackson nessa época? Quais eram suas esperanças e seus problemas? O que ele queria que sua música dissesse ou atingisse? Como ele se relacionava com o público que o amava e como se relacionava consigo mesmo? Até então, essas questões não tinham emergido de verdade; Michael Jackson era um jovem imensamente talentoso – parecia tímido, mas ambicioso, e certamente se mostrava enigmático. Ninguém sabia muito sobre as crenças ou vida sexual dele. Ele raramente dava entrevistas, mas também não se envolvia em escândalos. No entanto, ele descreveu a si mesmo como uma pessoa solitária – principalmente na ocasião em que fez *Off the Wall*. Robert Hilburn, ex-crítico musical do jornal *Los Angeles Times*, escreveu sobre um encontro com Michael em 1981, quando o cantor tinha 23 anos. A descrição de Hilburn: "Uma das pessoas mais frágeis e solitárias que já conheci... Quase abandonado. Quando perguntei a ele porque não vivia sozinho como seus irmãos em vez de continuar na casa de seus pais, ele disse: 'Ah, não. Acho que sozinho eu morreria. Eu ficaria muito solitário. Mesmo em casa, sou solitário. Eu sento em meu quarto e às vezes choro. É difícil fazer amigos, e há certas coisas que você não pode falar para seus pais nem para sua família. Às vezes, eu ando pela vizinhança à noite, esperando encontrar alguém para conversar, mas acabo voltando para casa'".

Provavelmente, o desconforto social de Michael foi criado pelas marcas da história dele: os jovens Jacksons foram isolados de outras crianças da mesma idade, e a situação de Michael, como um astro durante toda a vida, talvez o tenha levado a se sentir não somente afastado da maioria das pessoas, mas também estranho a elas – como se sua experiência ou vocação tivessem feito dele um ser fora do normal. "Detesto admitir isso", ele chegou a dizer, "mas me sinto estranho perto de pessoas comuns". Não é um sentimento raro em algumas celebridades enclausuradas, principalmente em ex-astros infantis. Ao mesmo tempo, é uma afirmação cheia de sinais: Michael não usufruiu do tipo de companhia que poderia influenciá-lo positivamente. Provavelmente nunca usufruiu, durante toda a sua vida. Talvez a passagem mais preocupante em *Moonwalk* seja quando ele fala sobre jovens famosos do mundo que se tornam vítimas de drogas: "Eu consigo entender... Considerando o enorme peso sobre seus ombros quando ainda são jovens. É uma vida difícil".

AS FAIXAS DE THRILLER RESULTARAM NA MAIS IMPROVÁVEL ESPÉCIE DE ARTE: UM TRABALHO DE REVELAÇÃO PESSOAL QUE TAMBÉM FOI UMA OBRA-PRIMA DA CULTURA DE MASSA

Em todo caso, Michael Jackson tinha boa reputação – famoso, mas não heroico, nem messiânico, e certamente nada desprezível. *Thriller* colocou sete singles no Top 10 das paradas e também se tornou o álbum mais vendido da história, e no Grammy de 1984 Jackson finalmente obteve o que lhe era devido, abocanhando oito prêmios, inclusive os de Álbum do Ano e Gravação do Ano. Então, meses mais tarde, foi anunciado que Michael iniciaria uma turnê nacional com os Jacksons. Ele não queria assumir o risco, mas sentiu-se obrigado ("Aqueles eram ombros estreitos para receber tanta carga", ele escreveu sobre as eternas pressões familiares). Claramente, os talentos e aspirações de Michael foram além das limitações que as atitudes de sua família lhe impuseram. Pela lógica, ele deveria estar sozinho no palco àquela altura de sua carreira.

A aversão de Jackson à turnê *Victory* era evidente quando ele pareceu infeliz nas entrevistas coletivas ou quando tinha de censurar declarações feitas por seu pai e que ele interpretava como calúnia contra os empresários dos Jacksons, Ron Weisner e Freddy DeMann. "Houve um tempo", disse Joe, "em que eu sentia que precisava da ajuda de brancos para negociar com a estrutura de poder da CBS... E achei que [*Weisner e DeMann*] poderiam ajudar." Michael reagiu furiosamente em um comentário publicado em uma revista: "Ouvi-lo falar assim revira meu estômago. Não sei de onde ele tirou isso. Acontece que não faço distinção de cores. Não contrato cor, mas competência... Sou o presidente da minha organização e tenho a palavra final em todas as decisões. Racismo não é o meu lema". Era o fim de qualquer relacionamento comercial que pudesse persistir entre Michael e o pai.

Foi nesse período que houve as primeiras contrariedades para Michael, embora partissem mais da imprensa que do público. Na verdade, tudo começou antes da turnê, quando se tornou claro que *Thriller* se encaminhava para vendas sem precedentes, em um nível impressionante. Em meados dos anos 1980, grande parte da imprensa musical preocupava-se com a alta popularidade de um artista – principalmente se ela parecia representar uma cultura homogeneizada ou condescendente. Michael Jackson, afinal de contas, não era um astro com uma mensagem de revolução sociopolítica, nem suas letras refletiam aspirações literárias. Para alguns, naquele tempo – e para alguns, hoje –, ele representava pouco mais do que uma ambição por fama pessoal. Ele não era, ao que parecia, um artista que representasse para seu público o que Elvis Presley e os Beatles representavam para os deles: o tipo de evento ou ruptura que mudou tanto o mundo quanto a cultura da juventude. A meu ver, Michael, Presley e os Beatles compartilharam uma virtude: eles reuniram milhões de pessoas, que em outros

Clube de Revistas

EM TRANSE
Michael no palco em 1988, durante a turnê do álbum *Bad*. Mais elaboradas do que as apresentações anteriores, estas performances tiveram muita pirotecnia e efeitos especiais

contextos eram desiguais, não só em um raro caso de gosto comum, mas também em um consenso sincero e vigoroso que atestava seus sonhos e valores comuns.

Entretanto, havia uma preocupação mais delicada em jogo. As dimensões raciais da imagem de Michael mostraram ser complexas além de qualquer resposta fácil naquela época ou mesmo depois. Parte disso podia ser atribuída a acusações de que o cantor parecera disposto a trocar seu antigo público negro por outro branco – senão, como poderia ter conseguido aquela venda espantosa? No entanto, o que mais influenciou essas discussões raciais era a topografia do rosto de Jackson. Com exceção das acusações posteriores sobre seu comportamento sexual, nada causou mais discussões em relação a Michael do que aquele rosto.

Na infância, ele tinha uma fisionomia doce e a pele escura; muitos fãs da primeira fase do Jackson 5 olhavam para ele como o mais bonito dos irmãos. J. Randy Taraborrelli, autor de *Michael Jackson: A Magia e a Loucura*, escreveu: "[*Michael*] acreditava que sua pele (...) 'bagunçou toda a minha personalidade'. Ele não olhava mais para as pessoas quando falava com elas. Tornou-se mais quieto e mais sério. Ele se achava feio – com a pele escura demais e o nariz largo demais. Não ajudava em nada o fato de seu pai e irmãos o chamarem de 'Big Nose' (Narigão)". Além disso, quando Michael se tornou adolescente, tinha vergonha da acne. Hilburn lembrou que, numa noite, estava folheando uma pilha de fotos com Michael e chegou a uma em que ele era adolescente: "'Ah, essa é horrível', disse [*Michael*], afastando-se da foto".

O rosto que o cantor exibiu na capa de *Thriller* tinha mudado; o tom da pele parecia mais claro e o nariz estava mais fino e mais reto. Em *Moonwalk*, Michael alegou que muito da renovação aparente deveu-se a uma mudança de dieta; ele admitiu ter alterado o nariz e o queixo, mas negou que tivesse feito algo com a pele. No entanto, as mudanças não pararam por aí. Ao longo do tempo, a pele dele foi ficando mais clara, o nariz, cada vez mais afilado, e os ossos de sua face, mais proeminentes. Para alguns, isso virou motivo de zombaria; para outros, parecia uma mutilação grotesca – não só porque podia ser uma atitude extravagante, para manter seu rosto eternamente infantil, mas, ainda mais perturbador, porque alguns acreditavam que Michael queria se transformar em uma pessoa branca. Ou em um ser andrógino – alguém com características tanto masculinas quanto femininas. O filme de guerra *Três Reis* (1999) tem uma cena famosa em que um interrogador iraquiano pergunta a um jovem soldado norte-americano que havia sido capturado: "Qual é o problema com Michael Jackson? O seu país faz ele rasgar o próprio rosto... Michael é o Rei do Pop de uma porra de um país fodido". O soldado responde: "Bobagem! Ele fez isso com ele mesmo". O iraquiano bate na cabeça do soldado com uma prancheta. "É tão óbvio. Um negro clareia a pele e alisa o cabelo, e sabe por quê? A porra do seu país faz o homem negro odiar a si mesmo."

Em 1985, James Baldwin escreveu, em um ensaio para a revista *Playboy*: "A cacofonia ao redor de Michael Jackson é fascinante porque não tem nada a ver com ele. Espero que ele tenha o bom senso de perceber isso e a sorte de arrancar sua vida das garras desse sucesso carnívoro. Ele tão cedo não será perdoado por ter virado tantas mesas, por ter agarrado a oportunidade de ouro, e o homem que quebrou a banca em Monte Carlo não é melhor do que Michael em nada. Todo esse barulho tem a ver com os Estados Unidos, como guardiões desonestos dos bens e da vida dos negros; com os negros, especialmente os homens, nos Estados Unidos; com a culpa arraigada e ardente dos norte-americanos; com o sexo, os papéis sexuais e o medo de sexo; com dinheiro, sucesso e desespero..."

O parágrafo de Baldwin era solidário e determinado, mas era também premonitório. Michael Jackson certamente quis agarrar a oportunidade duas vezes: quis que o álbum seguinte

Clube de Revistas

fosse tão grande quanto *Thriller*, o que era, é claro, pedir demais. Um colega dele me disse em 1988: "Michael ainda quer que o mundo o reconheça". Talvez tão importante quanto isso era o fato de que o astro também queria reclamar. Ele se sentia injustiçado pela quantidade de críticas endereçadas a ele após a turnê *Victory*, em 1984. Por muito tempo, seu pai e a Motown ensinaram a ele que a imprensa era uma força vingativa quando se tratava de artistas, que ela tinha prazer em criar a imagem de uma celebridade apenas para dar meia-volta e miná-la depois. No seu caso, Jackson não estava errado. Parte das análises que ele recebeu sobre sua "esquisitice" – a devoção a seus animais como se eles fossem seus amigos, sua contínua reconstrução facial, acusações desdenhosas de que ele dormia em uma câmara hiperbárica para manter a juventude – foi intolerante, até mesmo moralista. A maioria dos comentários desdenhosos vinha de repórteres de fofocas e até mesmo de comentaristas políticos, que não demonstravam nenhum apreço real pela música de Michael e pouco respeito pela genialidade do trabalho dele.

Naquela época, a arte do cantor ainda era a melhor maneira de ele se justificar. Em 1987, ele lançou *Bad*, sucessor de *Thriller*. Embora não fosse tão memorável e inventivo quanto *Off the Wall* e *Thriller*, *Bad* foi um álbum tão bom quanto qualquer outro que ele tenha feito. Era tenso e funkeado, tinha energia e agitação, irradiava fúria e autopiedade, mas também ambicionava ter graça e transcendência – principalmente em "Man in the Mirror", uma música sobre aceitar a responsabilidade política e social e sobre o artista negociar seu caminho de volta ao mundo. *Bad* vendeu milhões e lançou cinco singles que chegaram ao primeiro lugar, três a mais do que *Thriller*, mas, como não realizou as mesmas façanhas que *Thriller*, foi visto como um fracasso.

Michael apresentou sua primeira turnê solo ainda naquele ano. Independentemente de suas excentricidades, ele obtivera a fama principalmente por causa de seu talento intuitivo como cantor e dançarino – talento genuíno e incomparável e não o fruto de mera ambição ou de um golpe publicitário. Embora ele tivesse a estrutura flexível de Fred Astaire, a criatividade maluca de Gene Kelly, a maestria rítmica de James Brown, ninguém se movia como Michael Jackson. Com certeza, ninguém mais abriu à força seu próprio caminho como Michael, com uma exibição física tão ousada. Ele não inventou o moonwalk – aquele movimento famoso e impossível, em que ele deslizava para trás –, mas isso não importava. Ele se definiu naquele momento e desafiou qualquer pessoa a competir com ele. Ninguém nunca o fez. Durante a turnê de *Bad*, os movimentos dele eram de tirar o fôlego, às vezes inesperados. Repentinamente, Jackson se tornava confiante e começava a dar golpes robóticos e surpreendentes com os quadris e o torso, além de movimentos em que parecia deslizar em câmera lenta e que deixavam o público ofegante. Assistindo àqueles estranhos movimentos, você percebia que tudo aquilo vinha de algum lugar dentro dele. Você percebia que o excepcional talento de Michael Jackson não podia ser separado por completo da excentricidade dele.

Em 1988, ele foi novamente indicado para as principais categorias do Grammy, inclusive Álbum do Ano, mas enfrentava uma forte concorrência. Artistas como U2 e Prince tinham emplacado as mais ambiciosas e visionárias músicas de suas carreiras – músicas que refletiam animadamente o estado do pop e do mundo. Indo direto ao ponto, em 1988 muitos observadores suspeitavam que a fase de Michael Jackson como filho favorito do pop tinha passado. Ele não levaria nenhum Grammy naquele ano. Na pesquisa entre os leitores da *Rolling Stone* norte-americana, Michael figurou em primeiro lugar em seis das categorias de "pior do ano" (inclusive "pior cantor"); além disso, os críticos do *Village Voice* deixaram de mencionar *Bad* em sua seleção dos 40 melhores álbuns de 1987. Era uma reviravolta assustadora em relação a quatro anos antes, quando Michael e seu trabalho encabeçaram positivamente as mesmas pesquisas em ambas as publicações.

QUANDO AS PLÁSTICAS COMEÇARAM, A MAIORIA DOS COMENTÁRIOS DESDENHOSOS VINHA DE REPÓRTERES DE FOFOCAS, QUE NÃO DEMONSTRAVAM NENHUM APREÇO REAL PELA MÚSICA DE MICHAEL

Michael Jackson nunca mais recuperou o ímpeto nem a ambição após a reação negativa a *Bad*. Ele tinha finalmente deixado a casa da família em Encino e construído sua própria fortaleza, conhecida como Neverland (referência à Terra do Nunca, de Peter Pan), cerca de 160 quilômetros ao norte de Los Angeles, com um parque de diversões e passeios de trem em alusão à Disneylândia. Aquele se tornou o lugar para o qual ele trazia o mundo, ou pelo menos a parte do mundo com a qual ele parecia se preocupar, formada principalmente por crianças – as pessoas, segundo ele, com as quais se sentia mais à vontade, já que parte dele queria experimentar e compartilhar a infância da qual ele tinha sido privado por causa do pai e da carreira no showbiz. Entretanto, foi também o apetite de Michael por companhia infantil que lhe criou os mais lamentáveis problemas na vida. Em 1993, irrompeu a história de que ele fora acusado de molestar Jordie Chandler, um garoto de 13 anos com quem ele tinha mantido frequente contato. Era uma grave acusação, e como Michael tinha essa predileção pela companhia de crianças, a culpa parecia plausível para muitos observadores. A história fez furor não só nos tabloides, mas também em alguns importantes veículos. Não houve acusação formal e não apareceram testemunhas confiáveis, mas em 1994 Michael Jackson fez um acordo fora dos tribunais (supostamente, algo em torno de US$ 20 milhões), o que para muitos repercutiu como admissão tácita das alegações. O artista negou a culpa. Posteriormente, ele disse ao jornalista Martin Bashir que quis encerrar essa questão.

O episódio causou enorme dano à imagem de Michael e, talvez, a seu equilíbrio psicológico. Foi nessa época, dizem, que ele desenvolveu uma dependência de medicamentos que o acompanhou pelo resto da vida (a necessidade de drogas também pode ter sido consequência das dores atribuídas a várias cirurgias). No mesmo ano, ele se casou inesperadamente com Lisa Marie Presley, filha de Elvis Presley. Algumas pessoas viram isso como um esforço para reabilitar a imagem dele ao sustentar sua autenticidade heterossexual e vincular seu nome a uma fama ainda maior. O casamento durou 20 meses. Lisa nunca falou mal de Michael – só com afeição – e disse, dias após a morte do ex-marido, que só o tinha deixado porque sentiu que não conseguiria salvá-lo de si

Clube de Revistas

PERFORMER NATO
Apesar dos problemas que se acumulavam, Jackson sempre dava o melhor no palco

Clube de Revistas

mesmo. Michael casou-se de novo em 1996, dessa vez com Debbie Rowe, enfermeira do consultório de seu dermatologista. O casal teve dois filhos: Prince Michael Jackson e Paris Michael Katherine Jackson. Aparentemente, as crianças eram o real objetivo do casamento para Michael. O casal se divorciou em 1999, e Debbie abriu mão da custódia dos filhos (ela admitiu que Michael não era o pai biológico e que elas tinham sido concebidas por inseminação artificial).

Durante todo esse período, tristemente, o impulso criativo de Michael decaiu, e a música que foi feita foi apenas esporadicamente bem sucedida. As novas canções eram frequentemente um atestado de autojustificação. Em "Childhood", do disco *HIStory: Past, Present and Future* (1995), ele escreveu: "Ninguém me entende/Eles veem o que faço como estranhas excentricidades... Meu destino tem sido compensar/A infância que nunca conheci/Antes de me julgar, tente de verdade me amar/Olhe dentro de seu coração e então pergunte/Você viu minha infância?". Dois anos depois, ainda consternado com o fato de a mídia continuar o julgando, ele atacou em "Is It Scary", música do álbum de remixes *Blood on the Dance Floor* (1997): "Sou a besta que você visualizou?/E se você quiser ver/Esquisitices excêntricas/Serei grotesco diante de seus olhos... Então me diga... Sou assustador para você?".

A dor e a raiva de Michael Jackson também começaram a se revelar no corpo dele ao longo dos anos. Às vezes, a expressão que víamos no rosto do artista quando aparecia em público era de alguém apavorado, seus olhos espreitando acima de máscaras cirúrgicas ou atrás da proteção de uma burca. Noutras vezes, ele se movia com uma fúria explosiva, como no fim do incrivelmente bem sucedido vídeo da música de 1991 "Black or White".

Apesar de alguns bons momentos, a música de Michael nos anos 1990 não teve verdadeira presença no fluxo contínuo da cultura popular. O último álbum dele, *Invincible* (2001), rendeu algumas faixas ousadas – Michael estava adotando as inovações estilísticas e culturais feitas pelo hip-hop, entre outros estilos –, mas no geral isso não foi suficiente para atender as expectativas que vinham com o título de Rei do Pop. Isso não quer dizer que Michael não era mais um grande astro, mas sim que a saga dele tinha sofrido uma transformação: ele agora era conhecido por excessos e más escolhas. Vivia em um castelo, encomendou mais um filho, Prince Michael II (cuja mãe nunca foi identificada), e então arriscou a vida do menino ao segurá-lo fora de uma sacada, em Berlim.

O mais gritante erro de julgamento de Michael ocorreu em uma entrevista que ele deu a Martin Bashir em 2003, na qual o cantor declarou que compartilhava a cama em Neverland com crianças. Em um momento da transmissão, Michael se sentou, segurando a mão de Gavin Arvizo, um garoto de 13 anos que tinha sobrevivido ao câncer, e explicou o que ele via como a natureza inocente e afetuosa desse comportamento. A resposta do público foi rápida e hipercrítica, muitos achando que, apesar das acusações que tinha enfrentado em 1993, Michael ainda podia agir como quisesse, impunemente. A reação foi tão devastadora para o cantor que, segundo alguns rumores, ele tentou uma overdose de morfina naquele mesmo ano; alguns observadores diziam que ele, no mínimo, tinha cometido o suicídio de sua carreira.

AS ACUSAÇÕES DE ABUSO INFANTIL SERÃO SEMPRE UM PONTO CRUCIAL NA BIOGRAFIA DO ASTRO, ALGO QUE, PARA MUITAS PESSOAS – COMPREENSIVELMENTE –, SUPERA A GRANDE ARTE FEITA POR ELE

A controvérsia tornou-se o mais séria possível quando o garoto do vídeo acusou Michael de acariciá-lo. Dessa vez, o caso foi a julgamento. O drama em que Michael mergulhou estava em harmonia com os temas dominantes da vida e da arte dele: suas obsessões com o estrelato, o mistério, o excesso de confiança, o medo e a infância desolada. Se as acusações fossem verdadeiras, seria de se perguntar o que Michael via quando olhava a infância dos outros. Ele seria capaz de desrespeitar a inocência deles, tal como a sua tinha sido arruinada? Se, porém, as acusações não fossem verdadeiras, seria de se questionar: que grau de satisfação haveria em causar a ruína dele?

O julgamento em 2005 foi o espetáculo que todos achavam que iria ser – um drama sobre justiça e celebridade, sexo e ultraje, moralidade e raça. Mesmo o caso tendo se arrastado, estava claro que a promotoria não tinha um caso; o que tinha era ressentimento. O julgamento foi uma farsa – é consternador que o caso tenha sido levado aos tribunais – e Michael foi absolvido das acusações. O dano, entretanto, parecia de muitos modos ser fatal. Naquele dia, o Michael que saiu da sala de audiência era um homem abalado, apático. As finanças dele também estavam se desfazendo; Michael vinha gastando quantias absurdas e tinha administrado mal seu dinheiro – o que aconteceu durante um bom tempo, já que ele tinha reunido uma vasta fortuna. O maior astro do mundo caiu da mais alta das alturas. Ele deixou o país e mudou-se para Bahrein; só era visto ou citado ocasionalmente. Ninguém sabia se ele conseguiria resgatar seu nome ou mesmo preservar o legado musical, até o início de 2009, quando anunciou uma série ambiciosa de shows – que ele descreveu como "o espetáculo final" – que começaria na arena O2, em Londres, em 13 de julho de 2009.

É difícil acreditar que Michael, que era tão orgulhoso de suas performances públicas e tão incomparável ao executá-las, se comprometeria com um projeto no qual pudesse falhar. Ao mesmo tempo, não era inconcebível que nos últimos anos ele tivesse se tornado um homem falido e desmotivado. O certo é que em 25 de junho de 2009, em Los Angeles, Michael Jackson morreu depois de uma parada cardíaca em decorrência de uma overdose do poderoso analgésico Propofol. O doutor Conrad Murray, médico pessoal de Michael Jackson, foi acusado de homicídio culposo por administrar uma dose muito alta da droga. Ele foi condenado em 2011 e sentenciado a quatro anos de prisão.

Entretanto, ainda é válido questionar: o que matou Michael? Sua busca, por toda a vida, por fama e absolvição? Em partes, sem dúvida. As acusações de abuso infantil serão sempre um ponto crucial na biografia dele, que, para muitas pessoas – compreensivelmente –, supera sua grande arte. Nós nunca saberemos a verdade, o que é mais um terrível aspecto de todo esse pesadelo.

O que, então, salvou Michael – isto é, depois de sua morte? Nada menos que sua arte e realizações. Quando alguém faz uma música tão notável quanto a dele, nosso prazer coletivo se enriquece e nossa história se torna mais intensa e complexa.

Não foi uma surpresa o fato de a indústria envolvendo o nome de Michael Jackson ter explodido na ausência dele. Nos últimos anos, Michael se tornou um dos mais poderosos astros no mundo da música – ele desencarnou no espetáculo *Immortal*, do Cirque Du Soleil, que,

Clube de Revistas

AINDA AMADO
Jackson do lado de fora da Corte do município de Santa Maria, Califórnia, em janeiro de 2004, quando foi indiciado pelo crime de abuso infantil. Antes de ir embora, ele subiu na capota do carro que o transportava e dançou para a multidão que se acotovelava para vê-lo

desde 2011, arrecadou mais de US$ 325 milhões vindos de quase três milhões de ingressos vendidos. Vendeu 50 milhões de discos, e o filme sobre os últimos ensaios dele, *This Is It*, levantou mais de US$ 500 milhões.

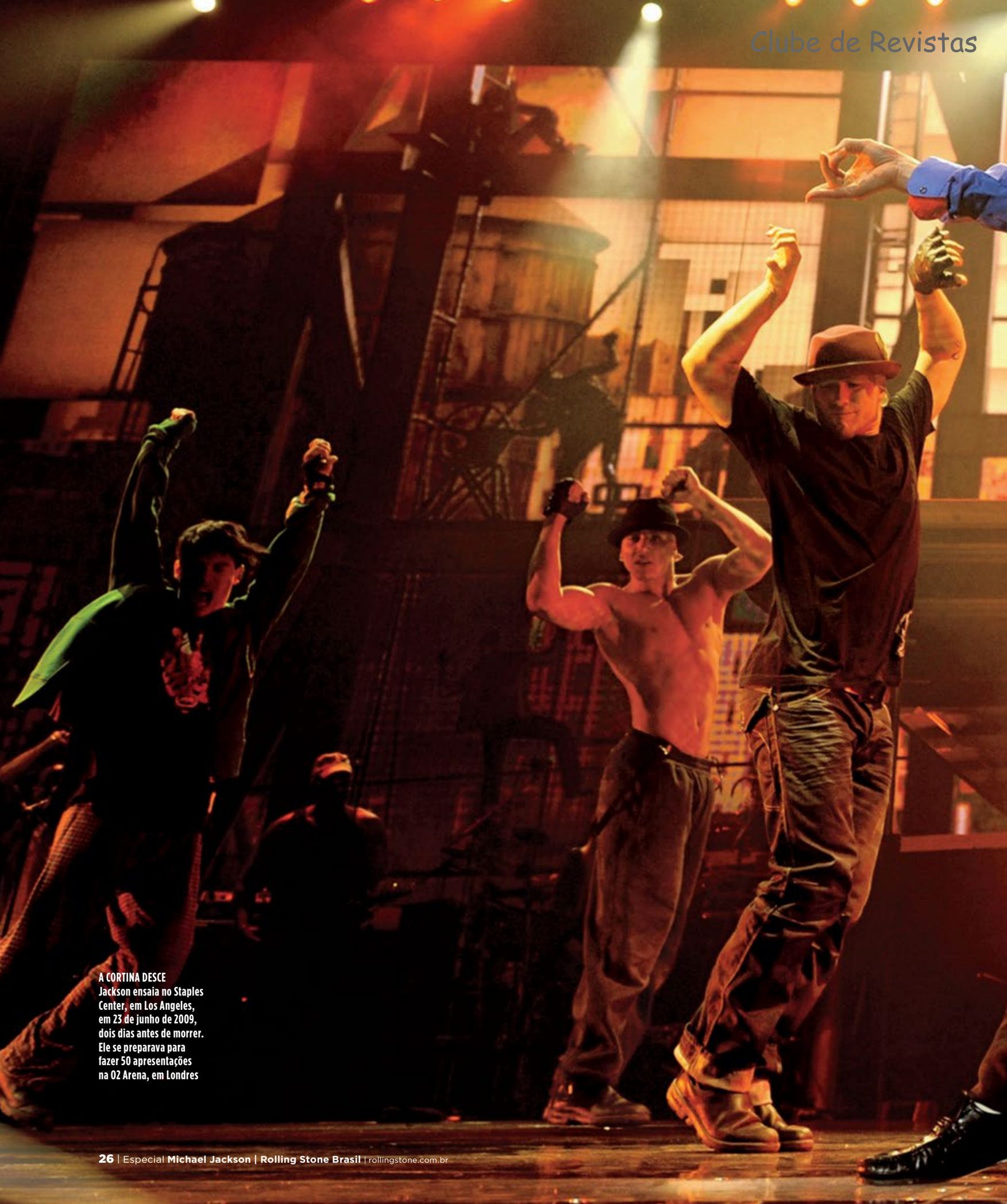
Sem Michael para gastar ele mesmo enormes quantias de dinheiro, o espólio do cantor tem tido liberdade para fazer lucrativos acordos usando o legado musical do artista. Acredita-se que ele tinha uma dívida de US$ 500 milhões quando morreu; o espólio conseguiu saná-la em 2012. Diversas coletâneas foram lançadas depois da morte do cantor – incluindo a trilha de *This Is It*; uma edição de 25 anos de *Bad* (acompanhada pelo documentário de Spike Lee); e o disco *Michael* (2010), um punhado de músicas não finalizadas produzidas por gente como Akon e Lenny Kravitz. Toneladas de material do cantor, incluindo faixas raras que Michael manteve guardadas por anos, têm aparecido – a nova versão de *Bad* tinha as preciosidades "Al Capone" e "Streetwalker", enquanto uma coletânea de 162 músicas lançada apenas no iTunes incluiu uma versão ao vivo de 1981 de "Don't Stop 'Til You Get Enough" e remixes de Will.i.am, Moby e Paul Oakenfold. *Michael* foi uma coletânea de músicas não finalizadas, mas *Xcape* reuniu canções descartadas durante as sessões de *Thriller*, *Dangerous* e *Invincible*, tendo sido copruduzida por Timbaland, Rodney Jerkins, John McClain e outros.

Nada disso diluiu a noção que temos a respeito do trabalho que ele fez em vida. Em suas ambições, seus revezes, e mais importante de tudo, no som que deixou, ele personificou a história dos negros nos Estado Unidos. No entanto, ele fez mais: as barreiras que quebrou ajudaram a fazer o mundo pop moderno um lugar mais inclusivo do que era antes. É sempre bom ver alguém transformar o mundo. Eu me lembro de, quando criança, ver Elvis Presley transformando o mundo no programa *Stage Show*, dos Dorsey Brothers, e no *The Ed Sullivan Show*. Lembro-me de, quando adolescente, ver os Beatles abrindo novas possibilidades artísticas e históricas com as primeiras aparições deles nos Estados Unidos, ao vivo no *The Ed Sullivan Show*. Lembro-me de, no meu primeiro ano escrevendo para a *Rolling Stone*, assistir aos Sex Pistols destruir antigos padrões, algo que renderia um novo futuro – mesmo quando cantavam que "não havia futuro" no palco na última performance deles, nos anos 1970.

Ainda assim, eu nunca esquecerei aquela noite no início de 1983, no palco em Pasadena, Califórnia, no show do 25º aniversário da Motown, quando Michael fez sua primeira performance como um artista maduro assumindo seu lugar, mergulhando naquela versão graciosa e eletrizante de "Billie Jean". Dançando, lançando olhares ardentes e apaixonados para a plateia estupefata, Jackson despertou e transformou em mito sua própria combinação de mistério e sensualidade. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. Talvez nunca veja de novo. Michael Jackson não só agarrou a oportunidade de ouro. Ele a elevou a um novo patamar e a colocou no alto, e ninguém ainda conseguiu pegá-la com o mesmo talento ou o mesmo resultado.

Reportagem adicional por **Steve Knopper**

Clube de Revistas



A CORTINA DESCE
Jackson ensaia no Staples Center, em Los Angeles, em 23 de junho de 2009, dois dias antes de morrer. Ele se preparava para fazer 50 apresentações na O2 Arena, em Londres

Clube de Revistas

Clube de Revistas

PRODÍGIO
Um jovem Michael faz pose em uma sessão de fotos, em 1971

Clube de Revistas

Quando Ben Fong-Torres, editor musical da *Rolling Stone*, pegou a estrada com o Jackson 5 para esta matéria de capa publicada em abril de 1971, aquilo era uma tarefa incomum. "A *Rolling Stone* não cobria muitos shows de crianças", lembra Fong-Torres, "mas a música era extraordinária e estava estourando em todo o cenário musical." Fong-Torres passou quatro dias sendo a sombra do grupo enquanto os meninos faziam shows em Columbus (Ohio) e em sua cidade natal, Gary (Indiana). "Eles falavam sobre suas ambições", diz ele. "Qualquer um pensaria que crianças que tinham conseguido o que eles conseguiram estariam radiantes. Em vez disso, eles falavam sobre ir à escola para estudar administração, música, arte dramática ou artes." Ao recordar, Fong-Torres tem um grande arrependimento: na capa – uma imagem do jovem Michael feita por Henry Diltz, fotógrafo da *Rolling Stone* –, a revista perguntava na manchete: "Por que esse menino de 11 anos fica acordado após sua hora de dormir?". O problema? Michael tinha quase 13 anos na época – a Motown havia tirado dois anos da idade real do cantor.

Matéria originalmente publicada na
Rolling Stone E.U.A. #81, em 21 de abril de 1971

O príncipe DO POP

Jams nos bastidores e guerra de travesseiros: em turnê com Michael e o Jackson 5, as crianças mais trabalhadoras do show business

Por **Ben Fong-Torres**

Clube de Revistas

Em janeiro de 1971, o Jackson 5 está nos bastidores do Veterans Memorial Auditorium em Columbus, talvez 15 segundos antes da chamada para entrar em cena. Michael Jackson está fazendo um pedido a Tito, que dedilha na guitarra: "Toca a música da Brenda and the Tabulations", ele implora. Tito, com o rosto sério e desafiador de seus 17 anos, continua no riff de blues que encontrou na parte baixa do braço do instrumento. Jermaine, no baixo, está tocando junto, cantando com seu novo falsete: "It's a sha-a-ame... the way you hurt me...". Michael parece inquieto, explorando o camarim com sua roupa de palco – uma camiseta laranja com tartarugas verdes e uma capa tipo toga sobre os ombros. Depois de posar com os irmãos para o jornal negro local – um ritual nessa turnê pelo Meio-Oeste –, ele faz seus exercícios vocais, cantando as notas agudas com sons curtos e guturais enquanto Jermaine o acompanha no baixo. Perto das 21h30, Michael pede a Jack Nance, o produtor da turnê, alguma coisa para comer – de preferência, um cachorro-quente. Tarde demais... um segundo depois, um homem entra e chama: "Vamos". É hora de enfrentar 4 mil pessoas gritando e, é incrível, não há nenhuma tensão. Michael pega um par de baquetas e começa a tocar em cima de uma cópia da *Rolling Stone* com James Taylor na capa, até que Marlon agarra a revista.

"Vamos embora." No momento em que a banda do Jackson 5 toca o refrão de "Stand" pela décima-segunda vez, os cinco irmãos sobem a rampa, passam pela série de cortinas, pela primeira onda de gritos e se colocam em linha – Jackie, o mais alto, no meio, Tito e Jermaine, com suas guitarras, um de cada lado, e Marlon e Michael nas pontas. Há uma contagem, e cada um deles põe a mão esquerda no quadril e a outra mão levemente em concha atrás da orelha direita, enquanto pisam forte com a perna direita – todos, naturalmente, em uníssono, até que Michael sai da formação para pegar o microfone e projetar sua voz acima dos gritos.

Naquela noite, no hotel em Columbus, o Jackson 5 foi espalhado em suítes do mesmo andar (onde, perto do elevador, dois seguranças ficam de olho nas fãs mais persistentes). Dois deles jogavam cartas, tendo ao lado copos de leite parcialmente vazios e um cesto com restos de frango frito. Há também bebida alcoólica, que está sendo bebida com avidez pelos vários promoters que estão por ali. O pai, Joe Jackson, observando o jogo de cartas, permanece em silêncio, exceto na hora de ajudar a juntar seus filhos para uma conversa.

Jackie, de 19 anos, fala em ir para uma escola de administração com o objetivo de "quem sabe algum dia cuidar da parte financeira do grupo". Por enquanto, "tudo o que eu quero é curtir o que faço no palco. É como um passatempo".

Tito, de 17 anos, é talvez o músico mais sério do Jackson 5. Ele ouve discos de Jimi Hendrix e B.B. King. "Desde que comecei a tocar guitarra, mais ou menos há três anos", ele conta. Questionado sobre os velhos tempos, sete anos atrás, quando Michael se juntou a eles, Tito balança a cabeça lentamente, como um velho blueseiro: "Era difícil. O dinheiro era curto".

Jermaine, de 16 anos, tem um riso fácil e aberto. Após as apresentações, ele anda, olha para meu gravador e pergunta: "Quer conversar agora mesmo?". Ele se recosta na cabeceira de uma cama; descreve como ele e seus irmãos frequentam uma escola particular em Encino, Califórnia, com cinco salas de aula e 29 alunos, e como um tutor, designado pela Secretaria de Educação, os acompanha nas turnês para mantê-los em dia com as lições.

Marlon, 13 anos, é considerado o mais quieto do Jackson 5. Em casa, ele divide um quarto com Michael e o pequeno Randy, e eles jogam basquete e bilhar, e nadam. Marlon gosta de ver desenhos nas manhãs de sábado com Michael e, da mesma forma que Michael, está pensando em seguir a carreira de arte dramática.

Michael Jackson tem 11 anos, 34 quilos, e é o solista em quase todas as músicas do Jackson 5 – seis singles de sucesso em 1970; três discos de ouro (mais um LP de Natal que certamente será tocado para sempre); e mais dois singles de sucesso até agora, nos três primeiros meses do ano.

Michael senta em um sofá. Ergue os olhos para indicar que está pronto para ser entrevistado. Ele fez suas duas apresentações e está relaxando – jogando cartas, fazendo truques com elas e aguardando a inevitável guerra de travesseiros. Seus olhos se movem de vez em quando, esperando o primeiro movimento. Ele juntou-se aos irmãos quando fez quatro anos; logo fez uma imitação perfeita de James Brown e fez disso seu número. "Era incrível", diz Suzanne de Passe, que planeja e coordena o show do J5. "Ele era perfeito – cada rodopio, cada giro, cada tranco e cada impulso –, e eu tive de trabalhar duro para não deixá-lo exagerar." As primeiras músicas que Michael se lembra de ter cantado foram "Under the Boardwalk", do grupo The Drifters, e "Twist and Shout", dos Isley Brothers. Hoje em dia, no palco, Michael fala um pouco sobre como ele sente o blues. Não convence; os Jacksons ainda não são grandes atores. Contudo, com a idade média de 15 anos, eles pagam pela inexperiência.

Atualmente, sete anos após o primeiro show com os irmãos, Michael toca bateria e estuda piano. Ele também é um hábil imitador. Vê dese-

Clube de Revistas

BATALHADORES
Os irmãos Jackson gravam em um estúdio de Hollywood, Los Angeles, nos anos 1970

nhos animados na TV e consegue desenhar pessoas; agora ele quer aprender arte na faculdade. "Eu também queria ser ator, fazer aquelas coisas que Sidney Poitier faz." Quando digo a Michael que ele é um bom cantor de blues, ele ri. "Aprendi de ouvido." E quanto aos gritos do público? "Se não fossem os gritos, não seria empolgante", diz ele. "A garotada nos ajuda sendo desse jeito."

Se há uma coisa que falta a um show do J5, é surpresa. Aconteça o que acontecer, você pode dizer que foi trabalhado em longas sessões de ensaio na casa deles em Hollywood Hills ou na Motown. Por todo lado, fãs ficam nas pontas dos pés, no limite de seus 1,20 m, 1,50 m de altura, e gritam; garotas congratulam-se entre si por celebrar um contato visual com um dos 5; por toda parte, crianças estão se dando as mãos de entusiasmo. Entretanto, não há movimento de massa, não há pulos em cima das cadeiras nem obstrução dos corredores.

Mais tarde, no aeroporto de Columbus, a TWA ofereceu à equipe do J5 uma sala de espera especial, poupando-os de algumas dúzias de autógrafos cada um – o que não quer dizer que eles se importassem de dar autógrafos. A TWA traz uma bandeja de hambúrgueres e Coca-Cola, e o J5 se dedica a mastigar e discutir sobre a guerra de travesseiros da noite anterior.

Depois de voar para Gary, o J5 passa pela Prefeitura, vai à escola secundária West Side para o primeiro show do dia, às 15h30, e então à casa do prefeito para uma festa relativamente particular.

Quando termina o segundo show, eles saem pelos fundos, amontoam-se nas limusines e vão a outra região de Gary – para uma festa da família na casa de uma prima de Joe Jackson. Ela trabalhou um dia e meio com amigos e parentes para preparar duas dúzias de tortas de batata-doce e montanhas de frios e frango frito, e agora ela está na porta quase chorando de tão feliz por ver a sala cheia de gente.

Joe e os garotos estão todos aqui, com alguns dos Commodores e um batalhão de amigos. Eles chegam em turnos, como se estivesse planejado, de modo que as tias, as primas e as irmãs, radiantes atrás das mesas de comida, passam a noite toda ocupadas, servindo. A prima mais velha de Joe, com os olhos marejados, fica perguntando se alguém quer mais comida. Parentes e amigos os chamam para tirar uma foto; meninos e meninas pedem autógrafos e o Jackson 5 faz tudo generosamente, dizendo "obrigado" depois. Eles estão felizes por estarem aqui. Não existe lugar melhor que o lar.

Clube de Revistas

O GROOVE que dominou o mundo

Gravado antes de Michael completar 21 anos, *Off the Wall* fez dele o mais importante artista jovem de R&B dos Estados Unidos

Por **Anthony DeCurtis**

"De certo modo, *Off The Wall* é meu álbum favorito, mais do que *Thriller*", diz Quincy Jones, que produziu ambos os discos de Michael Jackson. "Tenho a impressão de que ele tinha uma amplitude maior. Estávamos nos arriscando à beça. Nós nos sentíamos livres." ★ *Off the Wall* emplacou quatro singles no Top 10 e consagrou Jackson como o mais importante jovem artista musical negro dos Estados Unidos. O álbum depois foi soterrado pela avalanche que foi *Thriller*, mas *Off the Wall* vendeu 20 milhões de cópias em todo o mundo e dinamitou o piso sobre o qual *Thriller* seria construído. ★ É um trabalho dançante lançado no pico da febre disco, mas não faz concessão alguma aos clichês do gênero.

Clube de Revistas

NA NOITE
Em 1978, ponto alto da era disco, o cantor aproveitou a febre das pistas na boate Studio 54

Clube de Revistas

Seus ritmos são suaves, mas estimulantes; carregados, mas sincopados com graça. As melodias são leves como o ar, mas diretas e inesquecíveis. Boa parte do crédito por essa sofisticação vai para Jones, que reuniu uma equipe maravilhosa de músicos e trouxe para o projeto um profundo conhecimento de jazz, música orquestral e outros estilos. No entanto, as demos contagiantes de Jackson para "Don't Stop 'Til You Get Enough" e "Working Day and Night" demonstraram que aquelas músicas já estavam conceitualmente prontas quando ele as apresentou a Jones. Por sinal, as demos podem ser ouvidas na edição especial do álbum, de 2001, e ambas foram realizadas por Michael com os irmãos Randy e Janet – que estava com 12 anos na época – colaborando na percussão, que incluía garrafas de vidro. Desapontado por algumas de suas ideias terem ficado fora de *Destiny*, álbum dos Jacksons de 1978, Michael estava decidido a fazer seu próximo disco solo sem a tutela da família. "Eu não queria que *Off the Wall* parecesse o aproveitamento das sobras de *Destiny*", escreveu ele mais tarde. Os irmãos do astro queriam desesperadamente trabalhar com ele, mas Michael resistiu (embora Randy tenha acabado fazendo percussão em "Don't Stop 'Til You Get Enough"). O pai controlador deu uma bênção desdenhosa ao projeto, achando que Michael só precisava fazer algo fora de seu sistema e que logo voltaria à família. "Vá em frente, faça o que quiser", disse Joe Jackson a Michael, "desde que não interfira nos negócios do grupo."

Michael Jackson e Quincy Jones tinham se encontrado no início dos anos 1970, em uma festa na casa de Sammy Davis Jr., em Los Angeles. Jackson e Jones trabalharam juntos pela primeira vez em *O Mágico Inesquecível* (1978), interpretação soul de *O Mágico de Oz*, na qual Jackson apareceu como o Espantalho. Jones, que foi o supervisor musical da obra, encontrou em Jackson abrigo contra o que ele encarava como a banalidade de grande parte das músicas do filme. "Ao observá-lo quando fizemos *O Mágico*..., vi nele muita profundidade", lembrou Jones em 2008. "Ele sabia as falas de todo mundo, as músicas e os movimentos de cada um. Eu nunca tinha visto alguém que pudesse absorver tanto em tão pouco tempo."

A ligação deles ficou mais sólida quando Jones lhe corrigiu gentilmente a pronúncia de um nome em uma de suas falas. "Era 'Sócrates'", diz Bruce Swedien, engenheiro de áudio de longa data de Jackson. "Michael pronunciava 'So-crêi-tis', e Quincy lhe disse como era." Jackson havia perguntado antes a Jones se ele podia ajudá-lo a encontrar um produtor para o álbum solo no qual estava prestes a trabalhar. Jones, ao ver como Jackson tinha sido cordial ao responder à sua sugestão, disse: "Eu gostaria de tentar produzir seu novo álbum".

Não era uma união provável. Antes de mais nada, Michael Jackson mal tinha saído da adolescência, e Quincy Jones estava no meio dos 40 anos. Jones tinha trabalhado como arranjador e produtor para artistas como Dizzy Gillespie, Frank Sinatra e Miles Davis, e a gravadora de Jackson, Epic, achava que ele era "jazzístico demais". Somente a insistência de Jackson fez o nome de Jones – que tinha passado a maior parte dos anos 1970 trabalhando em trilhas de filmes e de TV – ficar no projeto.

As gravações de *Off the Wall* começaram em Los Angeles, em dezembro de 1978, e se prolongaram até o semestre seguinte. Os ensaios ocorriam na casa de Jones. "Ele era tão tímido que se sentava e cantava atrás do sofá, de costas para mim, enquanto eu ficava sentado com as mãos sobre os olhos e as luzes apagadas", Jones escreveu sobre Jackson em sua autobiografia de 2001, *Q* (2001). Patti Austin, que cantou com Jackson em "It's the Falling in Love", descreve seu primeiro encontro com o cantor: "Era como encontrar um filhote – você estende o dorso da mão a ele e deixa que venha até você".

"Tentamos todo tipo de coisas que eu aprendi ao longo dos anos para ajudá-lo no crescimento artístico, como baixar os tons apenas uma terça menor para lhe dar flexibilidade e um intervalo mais maduro nos registros mais agudos e mais graves, e algumas alterações de tempo", disse Jones em sua autobiografia. "Eu também tentei direcioná-lo para músicas com mais profundidade, algumas delas sobre relacionamentos." Jones também pediu a ajuda de seu esquadrão de músicos classe A, seu "comando Q de matadores", entre eles, os guitarristas Larry Carlton e Wah Wah Watson, da Motown, o baixista ás do jazz-fusion George Duke, o futuro produtor de celebridades David Foster, Steve Porcaro (da banda Toto) e Greg Phillinganes, que estava na banda de Stevie Wonder e se tornaria o diretor musical da banda de turnês de Jackson. Jones tinha produzido alguns sucessos recentes do grupo funk The Brothers Johnson e trouxe "Get on the Floor", uma das faixas inacabadas da banda, que Jackson terminou para o álbum.

As duas músicas de Jackson que incendiaram as pistas de dança – "Don't Stop 'Til You Get Enough" e "Working Day and Night" – foram cercadas por faixas que chegaram de todos os lugares. Embora o Wings já tivesse gravado a balada "Girlfriend" em seu álbum *London Town* (1978), a música de Paul McCartney tinha sido composta com Jackson em mente, e Stevie Wonder contribuiu com a antiquada "I Can't Help It". Jones recorreu a Rod Temperton, que tinha composto "Boogie Nights", um sucesso da banda Heatwave que chegou ao segundo lugar das paradas em 1977, para produzir algum material. Temperton compôs três músicas, esperando que Jackson e Jones selecionassem uma. Eles pegaram todas: "Off the Wall", "Rock With You" e "Burn This Disco Out".

Assim como Jones, Temperton fez o que pôde para salientar os pontos fortes de Jackson. "Ouvindo as melodias que Michael cantava nas músicas mais aceleradas, dá para dizer que ele é muito ligado no ritmo", disse Temperton. "Então, eu tentei escrever melodias com muitas notas curtas, para dar a ele alguns pontos em que ele pudesse marcar o ritmo com seus staccatos."

Jackson fez a maioria dos vocais ao vivo, sem overdubs. "A abordagem dele é bastante dramática", disse Jones. "Muito concisa. Quando ele se compromete com uma ideia, vai até o fim. É muito forte, cara."

"O que eu achava mais impressionante em Michael era sua disposição", afirmou Bruce Swedien. "Michael ficava acordado a noite toda até aprender a letra para não precisar ler quando gravasse."

"A ABORDAGEM DE MICHAEL É BASTANTE DRAMÁTICA", DISSE QUINCY JONES SOBRE A PARCERIA EM ESTÚDIO. "MUITO CONCISA. QUANDO ELE SE COMPROMETE COM UMA IDEIA, VAI ATÉ O FIM"

"Don't Stop 'Til You Get Enough" abre o álbum com uma explosão rápida e sensual, além de uma declaração ousada das ambições de Jackson. A sensualidade da música ("Estou derretendo/Como a cera quente de uma vela") era ela própria uma despedida para Jackson, uma mensagem inegável de que o garotinho que tinha encantado milhões de pessoas com o Jackson 5 tinha crescido e se tornado um homem.

Mas os Jacksons já tinham tido sua porção de sucessos dançantes e, como Jones, Jackson sentiu que *Off the Wall* precisava de algo mais. "Foram as baladas que fizeram de *Off the Wall*

Clube de Revistas

SEMPRE JUNTOS
Quincy Jones ajudou Michael Jackson a criar as obras-primas *Off the Wall* (1979) e *Thriller* (1982)

um álbum de Michael Jackson", disse o próprio astro mais tarde. "Eu já fiz baladas com meus irmãos, mas eles nunca se empolgaram muito com isso e faziam mais como concessão a mim do que qualquer outra coisa." Jones vinha guardando "She's Out of My Life" para Sinatra, mas acabou oferecendo-a a Jackson (a música de Tom Bahler supostamente falava do rompimento dele com Karen Carpenter, da dupla de soft rock The Carpenters). "É sobre uma experiência da vida real, uma música muito sentimental. E, se você bem se lembra, quando eu vi Michael pela primeira vez no Oscar, ele estava cantando uma canção de amor para um rato!", lembrou Jones, referindo-se a "Ben", sucesso de Jackson em 1972.

"Eu sabia que era uma experiência sobre a qual ele nunca tinha pensado... É uma emoção muito madura", contou Jones sobre a angústia da música e a profundidade surpreendente da interpretação. "Eu não sabia como ele estava se entendendo com aquilo. Ele nunca tinha tido aquele tipo de relacionamento maduro com ninguém, eu acho."

Algumas semanas após o lançamento de *Off the Wall*, Michael Jackson comemorou seu 21º aniversário no Studio 54. Ele parecia totalmente sintonizado com sua época, atingindo a maioridade no epicentro da vida noturna, vasculhando a cultura e criando para ela uma trilha sonora sensual e inteligente.

Até a capa de *Off the Wall* tinha um significado inquestionável. Em vez de ostentar um colorido traje de palco, Jackson está vestindo um elegante smoking, em um estilo adulto que poderia ser de uma foto tirada em uma formatura, em um casamento ou em qualquer outro rito de passagem (para neutralizar a seriedade do smoking, Jackson usou meias decoradas com lantejoulas).

De modo mais significativo, Jackson ainda está usando um estilo black power modificado nos cabelos – ele é identificável como negro e parece perfeitamente à vontade com isso. O astro passou a acreditar que a cor de sua pele limitou o reconhecimento que *Off the Wall* obteve. Devido à popularidade do álbum e à aprovação da crítica, Jackson esperou, logicamente, que receberia várias indicações ao Grammy, inclusive uma para Álbum do Ano. Entretanto, o álbum não foi indicado em nenhuma das categorias principais e recebeu apenas um Grammy: Melhor Cantor de R&B, por "Don't Stop 'Til You Get Enough". Jackson sentiu que a indústria musical estava tentando mantê-lo em seu lugar como artista de nicho: um cantor negro de música para dançar.

"Você precisa se lembrar do que aconteceu a Michael durante o Grammy de 1980...", disse à *Rolling Stone*, em 1998, um integrante da banda de Jackson. "Aquela experiência feriu Michael e também ensinou-lhe uma lição. Você podia ser o maior artista da história e, ainda assim, para muitos da indústria musical e da mídia, você seria invisível." Jackson considerou o desprezo "totalmente injusto" e insistiu que aquilo "não poderia acontecer nunca mais".

E não aconteceria. Jackson e Jones se impuseram uma missão, e a guinada de *Thriller* foi executada com precisão militar. O surgimento da MTV, onde Jackson teve outras barricadas a derrubar, tornou os aspectos visuais e performáticos de seu encanto mais imediatos. A genialidade dele não poderia mais ser negada.

No entanto, ao conquistar aqueles Grammys perdidos e um incalculável sucesso comercial, Jackson talvez tenha perdido algo ainda maior. *Off the Wall* expressa uma segurança calma e descontraída que é encontrada cada vez menos em suas músicas posteriores, embora muitas delas sejam ótimas e tenham sua importância. A urgência jovial de "Don't Stop 'Til You Get Enough" poderia dar margem à suspeita de que, para Jackson, nenhum aplauso, reconhecimento ou sucesso seria, algum dia, suficiente.

Clube de Revistas

Os 20 MELHORES videoclipes

Como um astro pop tímido transformou a maneira como vemos a música

Por **Christopher R. Weingarten**

Clube de Revistas

ATERRORIZANTE
Michael e amigos zumbis no vídeo de "Thriller"

Clube de Revistas

Nº 1
THRILLER

1983

Mais que um videoclipe, é um curta-metragem sobre zumbis dançarinos

"Thriller" foi o momento mais importante da música na TV desde que os Beatles apareceram no programa de Ed Sullivan, nos Estados Unidos. "Depois de Michael Jackson, quando artistas norte-americanos tiveram uma noção da potência de um vídeo bem elaborado, tudo ficou mais caro", disse John Taylor, baixista do Duran Duran. O diretor John Landis se lembra do presidente da CBS Records, Walter Yetnikoff, gritando e xingando quando ouviu o orçamento proposto para o clipe. No entanto, as inspirações grandiosas do vídeo vinham com uma visão: "Thriller" tinha o brilho de Hollywood. O gênio dos efeitos especiais Rick Baker transformou um superastro tímido em uma fera e o coreógrafo Michael Peters ajudou a criar uma sequência de dança historicamente icônica. "Jackson não é um dançarino treinado", contou Peters. "Ele me dizia: 'Quero algo quente e raivoso'. Descrevia aquilo em termos emocionais." "Thriller" transformou uma rua suburbana em um filme de terror e ajudou a fazer do videoclipe um novo tipo de arte. Como Michael diz no clipe: "Não sou como os outros rapazes".

FERA MUSICAL
Jackson transmutado no clipe de "Thriller"

Clube de Revistas

BRIGA POP
O cantor lidera uma gangue dançante no vídeo de "Bad"

2. Bad

1987

Jackson e Scorsese criaram uma obra-prima árida

Jackson e Martin Scorsese se uniram para um épico de 18 minutos com um grande orçamento. Filmando perto de prédios mal acabados no Harlem, em Nova York, o icônico diretor juntou Jackson e um jovem Wesley Snipes. "Foi uma performance bem tocante e poderosa", afirma o cineasta. "Ele enfrentou Wesley, e Wesley é um ator maravilhoso. Formidável. Uma forte presença. E Michael se saiu bem." Depois de uma cena dramática em preto e branco, na qual Jackson confronta Snipes, o segundo ato do videoclipe explode com um combate de dança encenado em uma estação de metrô no Brooklyn. "Estouramos o cronograma – foram duas semanas e meia só na sequência de dança", Scorsese relembra. "Fiquei embasbacado. O monitor de vídeo fez de todos nós dançarinos."

3. Billie Jean

1983

O clipe que mudou a maneira como o público consome música

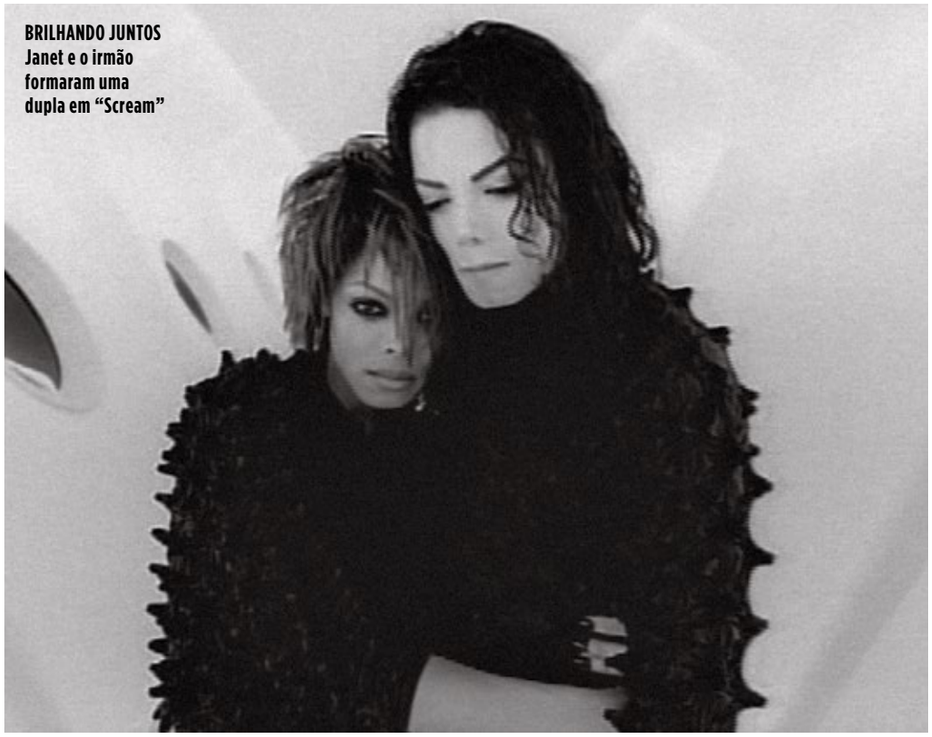
Billie jean" já era um single número 1 antes de passar na MTV, mas, quando foi ao ar, o impacto cultural da música foi além do sucesso nas paradas. O clipe acabou com a playlist centrada em rock e racialmente segregada da emissora, e fez de Jackson seu astro dominante (o presidente da CBS Records, Walter Yetnikoff, disse que ameaçou tirar os videoclipes dos artistas da gravadora se a MTV não colocasse "Billie Jean" no ar). A direção ficou a cargo de Steve Barron, britânico conhecido por vídeos da new wave. Um orçamento pré-"Thriller" significava que Barron não podia bancar a ideia de uma calçada que se iluminasse de maneira automática quando Jackson pisasse em um quadrado (um eletricista teve de fazer isso manualmente), mas a filmagem em si foi cheia de energia. "Quando ele caminhava para frente durante o refrão, a lente da minha câmera literalmente esquentava e eu pensava: 'Porra, isso é impressionante, ele é incrível'", diz Barron. "Filmamos essa primeira tomada, chegamos ao fim e todos – até quem estava nos guindastes, comendo sanduíche, lendo jornal, pintores trabalhando em outro set – simplesmente começaram a aplaudir. Todos sabíamos que estávamos vendo uma nova era de superestrelato."

4. Scream

1995

O "videoclipe mais caro já feito" mandou dois Jacksons para o espaço

Há um debate sobre "Scream" realmente ser o vídeo mais caro já feito (outros candidatos incluem "Die Another Day", de Madonna, e "Estranged", do Guns N' Roses). A desesperançada batalha de dança entre Michael e a irmã Janet, ambientada em uma nave espacial, custou ainda impressionantes US$ 7 milhões. "Não podíamos ter uma nave espacial como 'locação'... Então precisamos construir uma", conta o diretor Mark Romanek. "Tivemos duas semanas para projetar e fazer uma dezena de sets." Os resultados inóspitos e suntuosos foram baseados em *2001: Uma Odisseia no Espaço* e no romance *Les Enfants Terribles*, de Jean Cocteau, sobre um casal de irmãos brincando no isolamento. "[Michael e Janet] obviamente tinham uma afeição e um amor profundos um pelo outro", diz Romanek. "Havia uma rivalidade entre irmãos muito saudável e brincalhona acontecendo."



BRILHANDO JUNTOS
Janet e o irmão formaram uma dupla em "Scream"

Clube de Revistas

5. Smooth Criminal

1988

O épico noir no qual Jackson estreou seu famoso passo de inclinação

SEM CAIR
Jackson surpreendeu no clipe de "Smooth Criminal"

"Tínhamos 46 dançarinos, mais coreógrafos, mais cabeleireiros e maquiadores", descreve Colin Chilvers, diretor de "Smooth Criminal", a peça central do filme *Moonwalker* (1998). "E todo dia, na hora do almoço, íamos ver o que tinha sido filmado. Era como se houvesse uma festa na sala de exibição. Michael também ia e eles ficavam gritando animados." Para o trecho "Smooth Criminal", de 42 minutos, Chilvers queria a iluminação do clássico do cinema noir *O Terceiro Homem* e Jackson pretendia homenagear o musical de Fred Astaire, *A Roda da Fortuna*. Juntos, eles visualizaram o segundo passo de dança mais famoso de Jackson – uma inclinação que desafia a gravidade. Chilvers, que havia realizado efeitos especiais em *Superman*, prendeu os calcanhares de Jackson ao chão e evitou que ele caísse usando cordas de piano. "Era o filme de Michael e ele faria exatamente o que sentisse ser necessário para que ficasse perfeito. O produtor Dennis [E. Jones] tinha o hábito de andar na minha direção, olhando para o relógio. [O outro diretor] Jerry Kramer dizia: 'Dennis, com Michael, você não precisa de um relógio – precisa de um calendário.'"

6. Rock With You

1979

Michael + disco music + lasers = uma obra-prima de baixo orçamento

"Naqueles dias, os clipes eram filmados com trocados. Merrecas", explica Bruce Gowers, diretor de "Rock With You". Trabalhando em uma era pré-MTV, quando videoclipes eram chamados de "promos", Gowers (um pioneiro que esteve por trás de "Bohemian Rhapsody", do Queen) criou um túnel espacial esfumaçado em um estúdio de som em Los Angeles para que Jackson e sua roupa de lantejoulas brilhassem. "Não há nada ali além de um laser e Michael Jackson", afirma Gowers. "Quando filmamos, era o início da carreira solo dele. Ele era muito, muito tímido. Muito quieto. Muito modesto."

FAZENDO MODA
O cantor e a famosa jaqueta vermelha

7. Beat It

1983

A batalha de dança que acabou com todas as batalhas de dança

Se "Billie Jean" estabeleceu o que os pés de Michael podiam fazer, "Beat It" cuidou do resto – a jaqueta de couro vermelha, a mistura entre o homem sensível e o machão, a coreografia de filme musical, uma fama tão imensa que parecia engolir o próprio mundo pop. O diretor Bob Giraldi deu ao clipe sua ousadia, no clímax, com uma cena de briga com facas. "Na segunda tomada, dei uma navalha a meu assistente e falei para ele trocar secretamente pela faca de borracha do dançarino", conta. "[Os outros dançarinos] ficavam se afastando da faca – realmente se afastando – porque estavam mesmo com medo."

Clube de Revistas

RAIVOSO
Michael critica a imprensa

8. Leave Me Alone

1989

Uma casa de diversões que levou nove meses para ser construída

"Quando a maior parte dos diretores acaba de filmar a ação ao vivo, para eles, o trabalho termina", explica Jim Blashfield, que dirigiu o videoclipe de "Leave Me Alone". "Nesse caso, nós estávamos apenas começando." O "processo absurdo" de Blashfield para o clipe significava três dias de filmagem com Jackson, seguidos por uma jornada de nove meses para a criação de trechos em animação. Contratado para fazer um vídeo sobre "as idiossincrasias de Michael", Jim Blashfield e sua equipe de animadores filmaram o cantor em película de 35 mm, transformaram essas imagens em fotos, cortaram figuras com lâminas X-Acto e as sobrepuseram umas às outras. O resultado brincalhão e autoconsciente levou Jackson por uma casa de diversões povoada por boatos de tabloides, o que acrescentou mais uma camada à raiva antimídia da canção.

9. Black or White

1991

O diretor de "Thriller" voltou para mais uma experiência esmagadora

Leões, Michael se transformando em uma pantera e Macaulay Culkin brigando com o personagem Norm (George Wendt), do seriado Cheers – "Black or White" era um caldeirão explosivo. Os pedidos de Jackson para equipamentos de produção eram excessivos. "Por que você quer tudo isso?", perguntou John Landis, que dirigia um clipe pela primeira vez desde "Thriller". Jackson respondeu: "Bom, talvez tenhamos uma ideia". Os passos de dança em que Jackson agarrava os genitais e vandalizava carros causaram escândalo e a famosa sequência de "metamorfose" custou US$ 100 mil e demorou um mês para ficar pronta. "Agora, claro, você pode comprar o software e fazer isso no laptop", brinca Landis.

10. Who Is It

1995

Uma obscuridade elegante dirigida por David Fincher antes do estrelato

Antes de se tornar um cineasta indicado ao Oscar, David Fincher era um dos diretores mais requisitados da era da MTV. Sua colaboração com Jackson trouxe o estilo elegante, sinistro e intransigente que ele levaria a seus filmes. O belíssimo vídeo, no qual Michael se apaixona por uma garota de programa e olha triste para o horizonte da cidade, sobrevive nas antologias de videoclipes. "Para mim, era muito simples: ou concordamos sobre o que vamos fazer, ou não", disse Fincher sobre como era trabalhar com músicos. "Só que não vou te enganá-lo para fazer algo que você não quer." Catorze anos depois, Fincher seria indicado ao Oscar pela primeira vez, por *O Curioso Caso de Benjamin Button*.

11. In the Closet

1992

Michael de regata e esquentando o deserto

"Não se trata de cenários mirabolantes desta vez", afirmou, na época, o diretor Herb Ritts. "A ideia é mostrar a energia de Michael de uma nova maneira." Com os cachos do astro presos em um rabo de cavalo apertado e um guarda-roupa formado por pouco mais do que uma camiseta regata e calça jeans, esta é a performance mais sexualmente carregada da carreira do astro. Ritts, que morreu em 2002, era um aclamado fotógrafo de moda que havia retratado todo mundo, de supermodelos a líderes mundiais – incluindo Jackson para uma capa da *Rolling Stone* em 1992. Aqui, ele faz o corpo mais cinético do pop se enroscar no deserto arenoso com uma jovem Naomi Campbell.

ALTA TEMPERATURA
Naomi Campbell ao lado do astro no clipe mais quente dele

Clube de Revistas

12. Can You Feel It

1981

Os Jacksons traziam glitter e arco-íris para uma cidade necessitada

Concebido e escrito por michael, este clipe dos jacksons foi uma produção ambiciosa da Robert Abel & Associates, a equipe de efeitos especiais que trabalhou no filme *Tron – Uma Odisseia Eletrônica* (1982). Alguns dos efeitos visuais incluem ondas, explosões e os Jacksons dominando uma cidade, espalhando glitter e arco-íris.

Perto do final, um elenco de atores ajudou a dar um visual a trechos como "Todas as cores do mundo deveriam estar/amando umas às outras de todo o coração". Disse Questlove sobre ver o clipe no programa *Soul Train*: "Fiquei confuso, porque nunca tinha visto um vídeo no qual quem fez a música não a cantava nele".

PIONEIRO "Can You Feel It" tinha efeitos especiais marcantes para a época

DUPLA GENIAL McCartney e Jackson juntos

13. Say Say Say

1983

Jackson e um beatle intimidado vendiam um óleo milagroso

Paul estava terrivelmente inseguro sobre aparecer ao lado de Michael em termos de dança", contou o diretor de "Say Say Say", Bob Giraldi. "Quem não ficaria, ao subir no palco e ser coreografado junto com Michael Jackson?" Para o primeiro e único vídeo dos superastros juntos, Giraldi visualizou "Mac e Jack" como golpistas do Velho Oeste, vendendo poções que curavam tudo e fazendo apresentações de vaudeville. Paul até dançou. "Em todos os meus anos trabalhando em filmes e comerciais, já trabalhei com algumas das piores divas e superastros de todos os tempos", afirmou Giraldi. "Paul e Michael não eram assim."

14. They Don't Care About Us

1996

O músico e Spike Lee gravando no Brasil

Jackson ligou para o aclamado diretor Spike Lee três vezes o chamando para dirigir "They Don't Care About Us" – Lee desligou duas vezes porque não acreditava que era MJ do outro lado da linha. "Falei: 'Mike, vamos para o Brasil fazer isso', e ele respondeu que sim. É ótimo quando você trabalha com pessoas [positivas] assim", afirma o diretor. A dupla viajou para Salvador e para o Rio de Janeiro, na favela Dona Marta – em 1996, o local era um centro de atividade do tráfico de drogas que seria, naqueles dias, literalmente transformado pelo clipe. "Este processo de melhorar a Dona Marta começou com Michael Jackson", afirmou Claudia Silva, assessora de imprensa da Secretaria de Turismo do Rio. "Existe um imenso projeto social hoje, mas toda a atenção começou com Michael Jackson."

15. Captain EO

1986

Lucas, Coppola, Jackson e um monte de efeitos especiais

O diretor Francis Ford Coppola e o produtor George Lucas ajudaram a imaginar este épico de ficção científica – um desfile de efeitos especiais de 17 minutos realizado em 3D no parque temático Epcot, da Disney World. "'Captain EO' estourou o orçamento", lembra Michael Eisner, CEO da Disney na época. "O maior fator foram os efeitos especiais, uns 150 deles, mais por minuto do que Lucas havia usado em *Star Wars*."

NO ESPAÇO Cena de "Captain EO"

16. Man in the Mirror

1987

O clipe mais sério de Jackson – e o único no qual ele não aparece

"Ele ficou chorando copiosamente", conta o diretor Donald Wilson sobre a primeira vez que Michael Jackson viu uma edição inacabada do clipe de "Man in the Mirror". "Ele se levantou, veio em minha direção e me abraçou." Com cenas de fome, guerra e violência racial – e nenhuma de Michael –, o clipe foi uma declaração poderosa para uma MTV orientada quase por completo pelo culto às celebridades. "Fui a todos esses lugares que têm imagens de arquivo dos noticiários e falei: 'Quero tudo o que vocês têm de pior'", conta Wilson, que reuniu cerca de 200 horas de cenas comoventes e chocantes. "Vou fazer isso com 80% de cenas dos noticiários que as pessoas já viram, mas durante as quais elas trocam de canal porque é difícil demais de ver. Vou usar as mesmas coisas e fazer com que pensem: 'Uau, nunca vi isso'. Ah, viu sim."

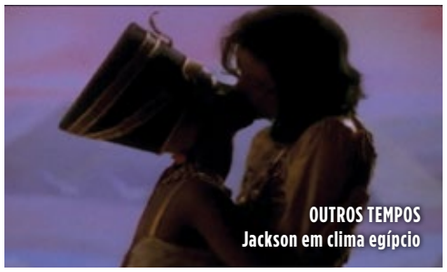
Clube de Revistas

17. She's Out of My Life

1979

Um vídeo sóbrio que estava anos à frente do seu tempo

"Ele estava muito emotivo ali", declara o diretor de "She's Out of My Life", Bruce Gowers. "Minha preocupação era se começaria a chorar." Era 1979, muitos anos antes de Sinéad O'Connor e D'Angelo ganharem elogios da crítica por vídeos sóbrios com performance em uma só tomada. Naquele ano, Jackson já estava adiantado, usando as profundidades emocionais da balada mais apaixonada de *Off the Wall* para se expressar diante das câmeras. O videoclipe foi filmado no mesmo dia de "Rock With You" ("Acho que filmamos um às 15h e o outro às 17h", conta Gowers) e era uma tomada completa do astro usando um suéter, filmado com várias câmeras e pouca assistência além de um filtro de estrela em uma lente. É Jackson em sua forma mais despida e crua, mostrando que ele era capaz de aguentar um vídeo altamente intenso antes que alguém começasse a pensar em maquiagem de zumbi ou naves espaciais em computação gráfica.



OUTROS TEMPOS
Jackson em clima egípcio

18. Remember the Time

1992

Um épico egípcio extravagante com uma alma progressiva

O diretor John Singleton passou magistralmente do drama humano *Os Donos da Rua* para esta impressionante fantasia egípcia cheia de computação gráfica. "[Michael] disse: 'O que você quiser fazer para que isso seja o mais legal possível, vamos fazer. Vamos chamar Eddie Murphy. Vamos chamar Magic Johnson'", relembra Singleton. Johnson havia revelado recentemente que era HIV positivo. "Michael falou: 'Temos que colocá-lo neste vídeo'. Sempre me lembrarei disso."

19. Don't Stop 'Til You Get Enough

1979

O primeiro vídeo solo de Jackson tinha divertidos ares de ficção científica dos anos 1970

O diretor Nick Saxton tinha o dom de chegar cedo – foi assistente de produção no primeiro longa-metragem de George Lucas, *THX 1138* (1971), e filmou o primeiro videoclipe solo de Michael Jackson, "Don't Stop 'Til You Get Enough". Um diretor que amava sincronizar as imagens com o ritmo da música (ou o que chamou, em 1981, de "sincrocinema"), Saxton encheu "Don't Stop 'Til You Get Enough" de explosões de luz que escorriam quando a batida diminuía. Do ponto de vista atual, e comparados às futuras extravagâncias de Jackson, os efeitos especiais usados em 1979 eram crus e embrionários, mas o videoclipe é um dos primeiros exemplos de Jackson misturando tecnologia, novos passos e estilo da velha Hollywood: quando ele dança sozinho, atualiza Gene Kelly e faz um presságio de "Once in a Lifetime", do Talking Heads.

20. Jam

1992

Michael e o maior superastro do basquete entraram em quadra

Michael Jackson e o superastro da NBA Michael Jordan eram as celebridades mais dominantes na Terra por volta de 1992 – como trabalhariam juntos? "Não ficamos conversando", conta o diretor David Kellogg. "Era mais fácil simplesmente tocar a música e deixá-los soltos – para dançar ou jogar basquete. O volume era tão alto que eles não conseguiam falar, então tiveram de deixar a música dizer a eles como se comportar." Filmando em um "armazém abandonado infestado por ratos em um bairro decadente de Chicago", a equipe não contou à polícia ou ao dono do local sobre a presença da dupla e manteve a discrição alegando que estava filmando um comercial de maionese. Kellogg achou que teria de cancelar tudo quando Jackson ficou doente. "Ele ficava sentado encolhido no canto com as mãos na cabeça", relembra, "mas quando chegava a hora de filmar... entrava com tanta paixão e energia que, honestamente, eu ficava arrepiado. Reclamávamos sobre estar cansados de ficar em pé e esse cara ia de zero a 100 ao toque de um botão."

PARCERIA
Jordan e o cantor dançam e jogam ao mesmo tempo

Clube de Revistas

Dançando pela ETERNIDADE

Como Michael Jackson e Quincy Jones criaram *Thriller*, o álbum mais vendido de todos os tempos

Por **Alan Light**

Clube de Revistas

DOMINANDO Michael na abertura da turnê Victory, em 1984

Clube de Revistas

Talvez tenha sido um aviso quando os alto-falantes do estúdio entraram em combustão. Era final de outubro de 1982, e um completo batalhão de músicos e técnicos estava trabalhando 24 horas por dia nos Westlake Recording Studios, em Los Angeles, dando os últimos toques no novo álbum de Michael Jackson. O disco era a esperadíssima sequência de *Off the Wall* (1979), que tinha consagrado Michael como superastro. Na verdade, o primeiro single do novo disco já tinha sido lançado – "The Girl Is Mine", um encantador dueto com Paul McCartney –, o que aumentava a pressão para andar rápido com as coisas. A música que Jackson e o grupo estavam completando provaria ser a realização mais ambiciosa e radical do álbum, a edição que acabaria escancarando o projeto.

"Quando a gente estava terminando 'Beat It', ocupávamos três estúdios", lembra Quincy Jones, que estava produzindo as gravações. "Tínhamos Eddie Van Halen em um; Michael em outro, cantando uma parte através de um tubo de papelão; e nós estávamos mixando no terceiro. Vínhamos trabalhando por cinco noites e cinco dias, sem dormir. Em certo momento, os alto-falantes tiveram uma sobrecarga e pegaram fogo!"

Um mês depois, *Thriller* foi lançado, e a música pop nunca mais seria a mesma. O álbum chegou ao primeiro lugar em fevereiro de 1983, continuou no topo das paradas pelo tempo recorde de 37 semanas e vendeu mais de 50 milhões de cópias em todo o mundo, segundo as estimativas. No mundo atual de vendas em declínio e públicos segmentados, é quase impossível imaginar em que grau este álbum, sozinho, dominou e uniu as culturas.

Hoje, quando lhe perguntam sobre *Thriller*, Jones destaca – insistindo que não está menosprezando o papel de Jackson – que fazer um álbum clássico exige uma equipe altamente qualificada. "Michael não criou *Thriller*", diz ele. "É preciso um grupo para fazer um álbum. Ele criou quatro músicas e cantou magnificamente, mas não o concebeu – não é assim que um álbum funciona." Jones dá um crédito especial às contribuições do engenheiro Bruce Swedien e do compositor Rod Temperton, que tinha composto os sucessos "Always and Forever" e "Boogie Nights" quando fazia parte do Heatwave, grupo multirracial de R&B. Ele se tornou um colaborador confiável de Jones, contribuindo com três músicas para *Off the Wall*, inclusive "Rock With You" e a faixa-título.

Michael tinha começado a trabalhar em *Thriller* no estúdio de gravação da casa dos Jackson em Encino, Califórnia, dias após o revolucionário *Off the Wall*, que o consagrou firmemente como o maior ícone pop da música. Ele estava determinado, inabalavelmente concentrado na ideia de criar não apenas algo que igualasse ou suplantasse *Off the Wall*, mas um álbum do qual cada uma das músicas seria um single de sucesso.

A composição que abriu a gravação de *Thriller* foi "The Girl Is Mine", em que ele compartilhou os vocais com Paul McCartney. Segundo as notas da *Special Edition*, reedição do álbum lançada em 2001, a gravação de *Thriller* começou em 14 de abril de 1982, ao meio-dia.

Primeiro, Jackson e Jones visitaram McCartney em seu rancho em Tucson (Arizona) e passaram alguns dias ensaiando e também cedendo à obsessão que compartilhavam por desenhos animados. "Quando eu me aproximei de Paul", escreveu Jackson em seu livro *Moonwalk* (1988), "eu queria retribuir o favor que ele me tinha feito ao ceder 'Girlfriend' para *Off the Wall*."

McCartney, entretanto, revelou apreensão com o jeito adolescente da música. Ele estava preocupado com o uso exagerado da palavra "doggone" (maldito). "Eu diria que é superficial", admitiu. "Quando falei disso com Michael, ele explicou que não estava atrás de profundidade; estava atrás de ritmo, atrás de sentimento."

Steve Lukather, guitarrista da banda Toto, que tinha recebido um telefonema de Jackson em pessoa, pedindo para ele tocar em várias faixas de *Thriller*, xingou o cantor e desligou o telefone em sua cara várias vezes, convencido de que era um trote, mas acabou tocando em "The Girl Is Mine". "O dueto com McCartney foi insano", diz ele. "Você pode imaginar a loucura que foi, com Michael, Quincy e McCartney, e todo o pessoal, e a equipe, e os seguranças... A gente nem entrou na sala de controle – George Martin [*produtor dos Beatles*] e Geoff Emerick [*engenheiro de som dos Beatles*] estavam lá com o apresentador Dick Clark. Foi muito poderoso."

Apesar de estar longe de ser o melhor momento de *Thriller*, "The Girl Is Mine" tem um charme jovial, e Jackson fez seus planos para a música imediatamente, chamando-a de "o óbvio primeiro single". Em *Moonwalk*, ele escreveu: "Realmente não tínhamos muita escolha. Quando você junta dois nomes fortes como esses em uma canção, ela tem de aparecer logo, ou toca até enjoar e fica superexposta. A gente tinha de tirá-la do caminho".

Clube de Revistas

SOLO EXPLOSIVO
A guitarra de Eddie Van Halen ajudou a tornar inesquecível o single "Beat It"

Para a gravadora de Jackson, a música representava uma chance de começar a pensar em uma estratégia global para *Thriller* que se tornasse histórica. "Nós tentamos dar uma projeção mundial ao Michael", disse em 1984 Don Dempsey, então vice-presidente sênior da Epic Records. "Estávamos percebendo algum interesse inicial por Michael fora dos Estados Unidos e sentimos que uma das formas de impulsionar isso era o dueto com Paul McCartney" (no entanto, Quincy Jones observa que havia alguma resistência ao romance inter-racial sugerido no dueto. "As rádios não gostaram da ideia de Paul e Michael disputando a mesma garota, e algumas estações não tocaram a música", diz).

Os instintos de Jackson se mostraram corretos – a canção chegou ao segundo lugar nas paradas pop e ao primeiro lugar na parada de R&B. Não só foi a primeira vez que um beatle chegou ao topo da lista de R&B, mas a música que foi destronada era "Sexual Healing", o grande sucesso da volta de Marvin Gaye, velho colega de Jackson na Motown.

Enquanto "The Girl Is Mine" entrava no mercado, Jackson continuava a gravar o álbum. Ele e Jones ouviram centenas de canções, tentando encontrar a amplitude e o equilíbrio que iriam criar o disco com o qual ele estava sonhando. Ele gravou "Wanna Be Startin' Somethin'", música que, ao que consta, começara a compor no período de *Off the Wall*. Sua levada rápida e o arranjo vertiginoso são o que há, em *Thriller*, de mais parecido com o álbum anterior, talvez o motivo para ter sido escolhida como faixa de abertura. No entanto, havia uma nova atmosfera na letra de Jackson, uma ponta de medo e paranoia ("Você é um vegetal/Mesmo assim eles o odeiam. Você é só um bufê... Eles o devoram").

Outro aspecto memorável da canção foi o canto africano no trecho final, uma pequena variação do sucesso pré-disco do saxofonista camaronês Manu Dibango em 1972, "Soul Makossa". "Michael ouviu aquilo e gostou", diz Jones. "Eu disse: 'Michael, é uma gravação de Manu Dibango', e ele disse: 'Mas eu preciso disso!'" (Dibango não recebeu crédito como autor, mas depois houve um acordo financeiro).

Entre outras músicas registradas na fase inicial das gravações de *Thriller*, havia uma canção alegre e ritmada de Rod Temperton, "Baby Be Mine" (cuja melodia, segundo Jones, parece um trabalho de jazz progressivo ao estilo de John Coltrane), e outra música do compositor que veio à vida com um título sem graça: "Starlight".

Clube de Revistas

Em algum momento, ele percebeu a paixão de Jackson por filmes de terror e deu à letra uma atmosfera mais sinistra. "Starlight" se transformou em "Thriller" e recebeu um arranjo teatral, dramático. A música encontrou o equilíbrio entre uma narrativa no estilo Broadway e uma levada dançante, pesada e irresistível. "Eu sempre imaginei uma parte falada no final", disse Temperton em uma entrevista incluída na reedição de *Thriller* em CD, "mas na verdade eu nunca soube o que fazer com isso". Alguém revelou que a atriz Peggy Lipton, então esposa de Jones, conhecia Vincent Price, o lendário ator de terror.

"A ideia era ele dizer algumas falas macabras, como fazia com seus personagens famosos", disse Temperton. "Na noite anterior à gravação, Quincy me ligou e disse: 'Estou apavorado. Talvez seja melhor você escrever alguma coisa para ele'. Temperton escreveu uma estrofe – o excelente rap mórbido que fecha a canção – enquanto esperava um táxi para o estúdio e mais duas estrofes no caminho. "Rod escreveu uma fala genial, digna de Edgar Allan Poe", disse Jones, "e Vincent entendeu bem: gravou tudo em dois takes".

Lukather recorda a intensidade de Jackson durante a criação do álbum. "Jackson era muito objetivo, sabia o que queria", diz ele. "Quando começava a dançar junto, aí é que a gente sabia se estava tocando a coisa direito. Não é que ele estivesse fazendo moonwalk pela sala, mas as mãos e os pés dele estavam. Ele e Quincy estavam improvisando. Aquilo criava uma vibração nova, e a gente queria ir até o fim. Era um ambiente de trabalho muito legal."

A música mais discutida na primeira metade das gravações de *Thriller* se tornaria a faixa central do álbum. Como revela a demo incluída na reedição de 2001, Jackson tinha uma noção muito clara do som e da levada de "Billie Jean" – uma das quatro músicas que ele criou para o trabalho.

Entretanto, Jones argumentou que a introdução estava longa demais. "Daria tempo de fazer a barba durante o começo", falou. "Ele então disse: 'É aí que está, é isso que me faz querer dançar'. E quando Michael diz que é aquilo que o faz querer dançar, bem, nós temos mais é que calar a boca."

O baterista N'dugu Chancler foi trazido para dar uma propulsão extra à batida, que já era forte. "Michael sempre soube como queria que aquilo soasse", disse Chancler certa vez. "No início, a música só tinha uma bateria eletrônica. Eu cheguei e gravei uma parte de bateria ao vivo, em cima do overdub." Para acrescentar outra camada de "festa para os ouvidos", o jazzista Tom Scott toca um solo (sem crédito) em cima de um instrumento chamado Lyricon, que aparece intercaladamente na música. E aí vem a letra. "Billie Jean" contava uma arrepiante história sobre ser falsamente acusado e viver aterrorizado. Era um aviso: "Cuidado com o que faz, porque a mentira se torna verdade". Essas eram emoções que ninguém antes tinha ouvido na voz do ex-garoto-maravilha. "Eu deduzi que ele estava fazendo um esforço consciente... para mudar sua imagem", escreveu a mãe de Michael, Katherine, no livro *My Family, The Jacksons*. "Acho que ele sentiu que tinha ficado com uma imagem de 'bonzinho' demais."

MAIS UMA VEZ
Depois de produzir Off the Wall, Quincy Jones foi escalado para trabalhar em *Thriller*

De qualquer forma, a história da música era mesmo baseada em fatos – embora Jackson nunca tenha revelado isso a seus colaboradores mais próximos, nem mesmo a Quincy Jones. Quando a repórter Gerri Hirshey percebeu uma foto emoldurada na sala de jantar de Jackson, este reconheceu que aquela era a verdadeira Billie Jean; Gerri a descreveu como "uma adolescente negra de aparência normal, posando, mais provavelmente, para o livro anual do colégio". Jackson explicou que ela lhe escrevera alegando que ele era pai de seu filho e tinha enviado uma arma com instruções sobre quando e como ele deveria se suicidar. "Eu quero memorizar o rosto dela", explicou, "para o caso de ela aparecer alguma vez em algum lugar".

Em *Moonwalk*, Jackson mudou sua explicação, presumivelmente para desencorajar futuras psicopatas. "Nunca houve uma Billie Jean real", escreveu. "A garota da música é uma combinação de pessoas que têm nos importunado por muitos anos." Mais tarde, em 2001, Jones disse que o tema da canção era "uma garota que tinha pulado o muro... e invadido o lugar. Ela o acusou de ser o pai de um de seus gêmeos!". A barreira final foi convencer Jones a aceitar o título de Jackson para a música. Ela quase foi lançada como "Not My Lover", porque o produtor temia passar a ideia de que a música era sobre a tenista Billie Jean King.

Com "Billie Jean" definida, Jackson e Jones tinham agora nove canções prontas. "Quando chegamos a nove", diz Jones, "nós as testamos para ver se ficavam em pé. Tentei ser tão objetivo quanto pude, tirar as quatro mais fracas e substituí-las. Elas não eram fracas, o material era bom, mas eu tenho de ser realista".

"Houve um ponto em que pensamos que não tinha dado certo, que estava tudo acabado", lembra Greg Phillinganes, o tecladista de *Thriller*. "Tinha havido longas horas de trabalho duro, e Quincy dizendo: 'Ainda não chegamos lá', e Michael, confuso, dizendo: 'O que é que a gente vai fazer agora?'"

Uma das músicas que foram eliminadas era uma faixa sentimental chamada "Carousel", que acabou vendo a luz do dia no relançamento de *Thriller* em 2001. Contudo, apareceu outra música que tinha o mesmo astral.

"Os músicos do Toto [*alguns de seus membros apareceram em boa parte de* Thriller] enviaram duas demos", disse Jones. "Eram legais, mas nós deixamos a fita rodando e, no final, houve um longo silêncio, e então apareceu uma música esquemática, lírica, levinha... mas com um sabor maravilhoso." Jones enviou a demo a um letrista chamado John Bettis, que respondeu com uma letra intitulada "Human Nature". No desenvolvimento da canção, Lukather acrescentou "todas essas partes metrificadas, estranhas, mas cativantes" que lhe valeram um crédito como arranjador. Jackson fez uma performance mais leve que

Clube de Revistas

QUERIDO POR TODOS
Em 1985, em Londres, o carro onde Michael estava foi cercado durante uma visita do cantor ao museu Madame Tussauds

Clube de Revistas

NA ESTRADA
Michael com o The Jacksons na abertura da turnê *Victory*, em 10 de julho de 1984, em Kansas City

Clube de Revistas

o ar, resultando no momento mais memorável de puro pop em *Thriller*. "Human Nature" também se tornaria uma referência de performance ao vivo do gigante do jazz Miles Davis nos últimos anos do trompetista.

Os toques finais na formação de *Thriller* revelaram o raciocínio tático de Jackson e Jones. O cantor estava se preparando para fazer o maior álbum da história. Como Jones diria, "para entrar nessa, você tem de ir direto na jugular em quatro, cinco, seis áreas diferentes: rock, adulto contemporâneo, R&B, soul..."

"The Lady in My Life", de Temperton, uma balada clássica em estilo Sinatra, fechava o álbum, fornecendo o toque final. "P.Y.T. (Pretty Young Thing)" – batizada com o nome de uma marca de lingerie da qual a mulher de Jones gostava – foi a única faixa de *Thriller* em que o produtor recebeu crédito como compositor, em parceria com o baladeiro soul James Ingram. No álbum, essa música era o que havia de mais parecido com o verdadeiro R&B contemporâneo, com um vocal romântico sobre alguns sintetizadores estridentes.

Entretanto, ainda havia uma cartada final. "Eu queria criar o tipo de rock que me faria sair de casa para comprar [*o disco*]", escreveu Jackson. Já em 1984, Jones disse que eles tinham "plena consciência de que queriam uma levada de rock para brancos". "Quando Smelly [*seu apelido para Jackson, em referência à palavra que o cantor usava quando estava embaraçado demais para descrever uma canção como 'fedorenta'*] criou 'Beat It', sabia que estava trazendo nitroglicerina pura." Mais tarde, o produtor diria que sentiu que o álbum precisava de uma versão negra para um "rock and roll vigoroso".

"Beat It" era, como sua companheira "Billie Jean", evidência da evolução das composições de Jackson. Seus versos eram a condenação da violência sem serem simplistas nem moralistas, e a levada era matadora, com uma atmosfera convincente e espontânea de rock. Para guiar a seção rítmica, Jackson ficava batucando em caixas no estúdio – ele está relacionado nos créditos como "drum-case beater" [*batedor de estojo de bateria*]. No entanto, foi de Jones a inspirada ideia de trazer o então deus da guitarra Eddie Van Halen. Isso também foi facilitado pelo fato de Jackson ser amigo da atriz Valerie Bertinelli, esposa de Van Halen na época.

Mais ou menos como Lukather, no entanto, Van Halen também desligou o telefone várias vezes na cara de Jones antes de se convencer de que era mesmo o lendário produtor que estava pedindo ajuda. O guitarrista subiu a bordo rapidamente e até recusou pagamento pela gravação: "Eu fiz isso pelo prazer", disse ele.

Quando Van Halen veio gravar o solo, Jones lhe disse: "Eu não vou sentar aqui e tentar lhe dizer o que tocar – você está aqui exatamente por causa do que toca". Quando Lukather ouviu que Van Halen ia tocar o solo, resolveu soltar a franga. "Quando me disseram que Eddie viria, e como eles estavam tentando fazer um disco revolucionário, eu peguei uns amplificadores Marshall e fiz uma puta parede de som", diz. "Quincy reagiu e disse: 'As guitarras estão pesadas demais; nunca vão tocar isso nas rádios de R&B'. Então parti para os Fender, menores, e fiz tudo de novo."

BENEFICENTE
Kim Carnes, Michael e Diana Ross em 1985, no vídeo de "We Are the World"

Mesmo assim, o som de "Beat It" era simplesmente um ultraje, tanto para os ouvintes de rock quanto para os de R&B. L.A. Reid, presidente da Island Def Jam, lembra que estava perplexo. "Hoje nós fazemos coisas chamadas 'mash-ups', certo?", diz ele. "Pega a banda Linkin Park e Jay Z e junta. Com certeza é uma coisa única, só que não é incomum. Contudo, naquela época, Eddie Van Halen estava no topo e se encaixou como uma luva em 'Beat It'. Não parecia um solo de guitarra colocado sobre uma trilha de R&B. Era muito orgânico. A ideia era realmente incomum, mas o resultado não era forçado, de jeito nenhum."

Os overdubs em "Beat It" foram as últimas partes gravadas para *Thriller*. A equipe trabalhou até as 9 horas da manhã. Bruce Swedien pegou as fitas para masterizar, e Jones levou Michael de volta para casa. "Eu o botei na cama e puxei um cobertor sobre ele", diz, "e então tivemos de voltar ao meio-dia para ouvir a master".

Lamentavelmente, quase no final de tudo, o álbum não tinha a força que eles esperavam. Era longo demais para caber em um LP normal, até porque exigiria sulcos bem finos, que produziriam um som metálico. Decidiram cortar uma estrofe de "The Lady in My Life" e reduzir aquela introdução polêmica de "Billie Jean". Então, com o tempo correndo, eles resolveram remixar o álbum inteiro (exceto "The Girl Is Mine", que já estava em todas as rádios), uma faixa por dia durante oito dias. O último dia de mixagem foi 8 de novembro de 1982. Vinte e dois dias mais tarde, *Thriller* estava nas lojas. Michael Jackson tinha 24 anos.

O incrível, afirmou Gerri Hirshey em 1985, era que "Michael tinha previsto tudo quando eu o vi pela primeira vez – o carnaval da mídia, as espantosas cifras de vendas, a ordem dos singles, o fato de que 'Billie Jean' seria a música que iria arrebentar".

Pode ser verdade, mas, segundo Jones, "não dá para explicar uma coisa dessas. Era por isso que eu tinha um aviso no estúdio que dizia: 'Sempre deixe espaço para Deus entrar na sala'".

Ele admite, no entanto, que há uma coisa da qual é possível ter certeza. "Quando um disco chega ao primeiro lugar", diz, "tudo começa com as canções".

Clube de Revistas

AMADURECENDO
Michael em 1982, aos 24 anos

No terceiro trimestre de 1982, quando Michael Jackson estava lançando *Thriller*, ele convidou Gerri Hirshey, correspondente da Rolling Stone, para ir à casa que alugara em San Fernando Valley, para o que seria sua última entrevista longa à mídia impressa. Nessa ocasião, Jackson estava profundamente reservado e isolado, temeroso de como seria apresentado pela imprensa. No entanto, quando Gerri apareceu, o próprio Jackson atendeu a porta, vestido com calças de veludo sujas e sapatos gastos. Não havia empresários nem membros da família com ele, e a jornalista diz que o astro era um anfitrião "comoventemente inábil": quando terminou a limonada que ela estava bebendo, ele encheu seu copo com ponche havaiano sem gelo. Durante vários dias, Gerri entrevistou Jackson em casa, acompanhou-o ao estúdio e foi com ele até mesmo a um show do Queen. Ela saiu com uma visão muito pessoal do isolamento e da excentricidade do cantor. Em dado momento, Jackson pediu a ela que segurasse sua jiboia de quase 2,5 metros, Muscles. "Ele explicou que era um exercício de confiança e foi muito convincente", conta a jornalista. "Enquanto eu tinha pavor de cobras, ele tinha um terror mortal de repórteres."

Matéria originalmente publicada na *Rolling Stone* E.U.A. #389, em 17 de fevereiro de 1983

No reino da MAGIA

Em 1982, Michael Jackson recebeu a *Rolling Stone* em casa – sem seguranças e sem máscaras – para uma longa entrevista e um encontro com a serpente de estimação dele

Por **Gerri Hirshey**

Clube de Revistas

É meio-dia e, em algum lugar de San Fernando Valley, as persianas frontais de uma fileira de casas de condomínio estão abaixadas por causa da claridade que atravessa a neblina. Ao longo dos bem cuidados caminhos do pátio, poodles com coleiras e guias cor-de-rosa saltitam ao redor das mulheres que os acompanham, com seus cabelos também cortados à la poodle. ★ "Não é o que você esperava, não é mesmo?" Por trás de uma máscara de dedos esqueléticos, Michael Jackson dá uma risadinha. Depois de acomodar a visitante no piso intermediário da casa de três andares, ele explica que a residência é provisória, enquanto sua casa em Encino, Califórnia, é demolida e reconstruída. Ele admite que este não é um lugar razoável para um jovem príncipe do pop.

Também é surpreendente ver que Michael decidiu enfrentar esta entrevista sozinho. Ele diz que fazia dois anos que não falava longamente com a imprensa. Mesmo quando o fez, sempre o fez cercado de empresários, dos outros irmãos Jackson e, em um dos casos, com sua irmã mais nova Janet imitando as perguntas de um repórter antes mesmo que Michael as respondesse. Algumas publicações o pintam como aflitivamente tímido. Ele se esquiva, se esconde, conversa olhando para a ponta dos sapatos. Ou simplesmente não aparece. Sabe-se que ele conduz sua vida privada com cuidado quase obsessivo, "exatamente como um hemofílico que não pode se permitir sequer um arranhão". A analogia é dele.

Associe isso às estatísticas, aos sucessos, e não faz sentido. Ele tem sido o protagonista do Jackson 5 desde o início do primeiro grau. Em 1979, lançou *Off the Wall*, que logo recebeu o disco de platina. *Thriller*, seu novo álbum, está em quinto lugar nas paradas, e a lista de artistas que estão trabalhando com ele atualmente — ou querendo trabalhar — inclui Paul McCartney, Quincy Jones, Steven Spielberg, Diana Ross, Queen e Jane Fonda. No estúdio, no palco, na TV e no cinema, Michael Jackson não tem problemas em se expor. Nada o assusta, diz ele. Exceto isto aqui...

"Você gosta de fazer isso?", Michael pergunta. Há um traço de incredulidade em sua voz, como se estivesse fazendo a pergunta a um médico-legista. Ele está largado em uma cadeira, olhando para a sala de estar cheia de estátuas. Há algumas elegantes obras no estilo greco-romano. As figuras estão imóveis como em uma fantasmagórica reunião social.

Michael não consegue ficar quieto na cadeira. Está tão nervoso que permanece devorando um pacote de batatas chips. Esse comportamento é estranho. Nenhum de seus irmãos se lembra de ter visto alguma coisa parecida com um salgadinho passar por seus lábios desde que se tornou um rígido vegetariano e entusiasta da alimentação saudável, há seis anos. Na verdade, Katherine Jackson, sua mãe, preocupa-se com o fato de que Michael parece sobreviver com pouco mais do que ar. Até onde ela sabe, ele simplesmente não se interessa por comida. Ele diz que, se não precisasse comer para se manter vivo, não comeria.

"Eu realmente detesto isso", diz ele. Depois de acabar com as batatinhas, o cantor começou a dobrar e redobrar um recorte de jornal. "No palco, eu fico muito mais relaxado do que estou agora, mas vamos lá." Ele sorri. Mais tarde, ele explicará que "vamos lá" é o que seu segurança sempre diz quando eles estão prestes a passar por alguma agitação popular. É também uma frase que Michael ouve desde que já tinha idade para amarrar os sapatos.

Aos 24 anos, Michael Jackson tem um pé fincado em cada um dos lados dos anos 1980. Ele tinha apenas 10 anos quando se mudou para a casa de Diana Ross em Hollywood. Agora, produz músicas para ela. Tinha 5 anos quando os Beatles deslancharam. Agora, ele e McCartney disputam a mesma garota em "The Girl Is Mine", single de Michael. Seus amigos do showbiz também atravessam gerações. Ele faz fofocas interurbanas com Adam Ant e Liza Minnelli e bate papos íntimos com o octogenário Fred Astaire. Quando Michael visitou o set do filme *Num Lago Dourado*, Henry Fonda o ajudou a pescar. Jane Fonda o está ensinando a atuar. Katharine Hepburn, sua amiga por correspondência, rompeu um hábito de toda a vida e compareceu a um show dos Jacksons no Madison Square Garden, em 1981.

Até o E.T se sentiria atraído por um espírito tão gentil, de acordo com Steven Spielberg, que afirma ter dito a Michael: "Se o E.T. não tivesse ido a Elliott, ele teria ido a sua casa". Spielberg diz que nunca pensou em mais ninguém para narrar a saga de seu alienígena. "Michael é um dos últimos inocentes vivos que têm total controle sobre sua vida. Eu nunca vi ninguém como Michael. É um astro infantil cheio de emoção."

Desenhos brilham silenciosamente na tela gigante posicionada na sala privativa. Michael diz que adora desenhos. Na verdade, ele adora todas as coisas "mágicas". Essa definição é abrangente o bastante para incluir tudo desde Bambi até James Brown. "Ele é tão mágico", diz Michael sobre Brown, admitindo que baseou sua coreografia nos movimentos de palco do soulman. "Quando tinha 6 ou 7 anos, ficava nos bastidores. Eu sentava e o observava." Recentemente, para se atualizar, Michael foi ver uma apresentação de James Brown em Los Angeles. "Ele é muito empolgante. Pode levar o público a qualquer lugar que quiser. Ele põe pra quebrar e sai totalmente de si."

Sair de si é um tema recorrente na vida de Michael, seja dançando, cantando ou atuando. Como Testemunha de Jeová, Michael acredita em um holocausto iminente, que será seguido pela segunda vinda de Cristo. A religião é parte importante da vida dele, exigindo intenso estudo da Bíblia e encontros três vezes por semana em um templo. Ele nunca experimentou drogas e raramente chega perto de álcool. Apesar disso, seu espírito não é severo a ponto de impedir que ele embarque na fantasia.

"Sou um colecionador de desenhos", diz ele. "Tudo da Disney, Pernalonga, os antigos da MGM. Eu só encontrei uma pessoa que tem uma coleção maior do que a minha e fiquei surpreso — Paul McCartney. Ele é fanático. Sempre que vou a sua casa, vemos alguns. Quando viemos para cá trabalhar em meu disco, alugamos todos esses desenhos do estúdio – *Dumbo* e alguns outros. É puro escapismo. É como se estivesse tudo bem. Como se o mundo estivesse acontecendo em uma cidade distante. Está tudo ótimo."

"Na primeira vez em que assisti a *E.T. – O Extraterrestre*, eu me desmanchei", ele revela. "Na segunda, chorei como um louco. Então, ao fazer a narração, senti como se estivesse lá, atrás de uma árvore, vendo tudo."

O envolvimento emocional de Michael foi tão grande que Spielberg encontrou seu narra-

Clube de Revistas

DANDO TUDO
Ao vivo em Toronto, em 1984

Clube de Revistas

dor chorando no estúdio quando chegou à parte em que o E.T. está morrendo. Por fim, Spielberg e o produtor Quincy Jones decidiram deixar a voz de Michael ficar embargada. Lutar contra aquele sentimento seria contraproducente — algo que Jones já aprendera ao produzir *Off the Wall*.

"Eu tinha uma canção guardada para Michael, chamada 'She's Out of My Life'", ele recorda. "Michael ouviu, e houve uma sintonia. No entanto, quando ele a cantava, chorava. Cada vez que a executávamos e chegava o final, eu olhava para Michael e ele estava chorando. Eu disse: 'Voltaremos em duas semanas e vamos gravar de novo. Talvez ela não faça você chorar tanto'. Voltamos, e ele começou a ficar lacrimejante. Então deixamos como estava."

Essa guerra entre o profissional controlado e o homem vulnerável na vida pessoal aparece nas letras que ele escreveu para si. Em "Bless His Soul", uma música do disco *Destiny*, dos Jacksons, que ele jura ser sobre ele, Michael canta: "Às vezes choro porque estou confuso / Isso faz parte de ser usado? Não há vida para mim".

Sim, ele diz que se sente usado e, sem detalhar, afirma apenas que, em sua profissão, "eles mandam você fazer isso e aquilo... Acham que são seus donos, acham que criaram você. Se você não tiver fé, enlouquece. Por exemplo, mandam não dar entrevistas. Se falo, digo o que penso, e isso pode parecer estranho aos ouvidos dos outros. Sou o tipo de pessoa que diz tudo, mesmo que seja segredo, e sei que há coisas que devem continuar secretas."

Para se proteger, Michael construiu uma série de comportas emocionais e cria situações em que pode realmente ficar à vontade. "Algumas circunstâncias exigem que eu fique quieto", ele afirma, "mas eu danço todos os domingos." Nesse dia, ele também jejua.

Esse, sua mãe confirma, é um ritual semanal que deixa seu filho acabado, suando, rindo e chorando. Aliás, um ritual muito parecido com as apresentações de Michael. De fato, a carga das apresentações dos Jacksons recai pesadamente sobre seus estreitos ombros cobertos de lantejoulas. Não há nada de improviso em seus movimentos solo. Ele pode contrair seu longo e esbelto corpo na interpretação de um patinador sem precisar de gelo nem de patins. Ajudado pelo impacto das roupas justas e prateadas, ele parece alterar sua estrutura molecular e, em um segundo, passa de um movimento robotizado para outro cheio de ondulações.

AMIGA DA FAMÍLIA
Michael e Diana Ross na balada, no final da década de 1970. A cantora foi madrinha artística do Jackson 5 e se tornou próxima do astro

O corpo dele é tão seguro que seus olhos frequentemente ficam fechados, o rosto voltado para cima, na direção de uma musa invisível. O peito sobe e desce. Ele ofega, arqueia e solta gritos agudos.

Em casa, no quarto, ele dança até cair. Michael diz que as sessões de dança aos domingos também são um modo eficiente de acalmar seu vício em palco quando não está em turnê. Às vezes, nesses períodos de "folga", algum outro artista o chama na plateia, e, no longo trajeto de sua cadeira até o palco, os dois Michaels se desentendem. "Fico lá sentado e digo: 'Por favor, não me chame. Eu sou tímido demais'", diz Michael, "mas quando chego ao palco, assumo o controle. Para mim, é algo mágico. Não tem nada igual. A gente sente a energia de todo o mundo. Sente no corpo todo. Quando as luzes iluminam você, não existe mais nada, eu garanto."

Ele agora está sorrindo, sentado ereto, tentando explicar a falta de importância do mundo material.

"Quando chega a hora de ir embora, eu não quero ir. Eu poderia ficar no palco para sempre. É a mesma coisa quando faço um filme. O que é maravilhoso em um filme é que você pode se transformar em outra pessoa. Eu adoro esquecer, e às vezes a gente esquece completamente."

Durante as filmagens de *O Mágico Inesquecível*, ele se apegou tanto a seu personagem, o Espantalho, que a equipe tinha de literalmente arrancá-lo do cenário e da fantasia. Para o cantor, ele estava no mundo de Oz e não tinha a menor vontade de sair de lá e ir para um quarto de hotel.

"Foi por isso que adorei fazer *E.T.* Eu estava lá de verdade. No dia seguinte, senti muita falta dele. Queria voltar para aquele lugar na floresta em que estava ontem. Eu queria estar lá."

Infelizmente, ele ainda está à mesa na sala de sua casa. Entretanto, apesar da visível tensão, Michael consegue se segurar e se ilumina com uma pergunta sobre seus animais. Ele diz que conversa todos os dias com seu zoológico. "Tenho dois cervos. Mr. Tibbs parece um carneiro: tem chifres. Tenho um lhama macho, que é lindo. O nome dele é Louie." Ele também tem aves, como araras, cacatuas e uma ema.

"Fica aí", ele pede, "que vou lhe mostrar uma coisa." O cantor sobe a escada de dois em dois degraus até o quarto. Embora eu saiba que somos as únicas pessoas em casa, eu o ouço falando com alguém.

"Ah, você estava dormindo? Desculpe..."

Em segundos, uma jiboia de 2,5 metros é colocada em cima da mesa. O réptil se aproxima em uma velocidade assustadora.

"Este é Muscles. Eu o treinei para devorar entrevistadores."

Muscles, tendo chegado ao gravador e mostrado a língua com desdém, continua em direção à fonte de sangue quente mais próxima. Michael o pega quando seu focinho toca meu pulso.

"Sério", ele insiste, "Muscles é muito amável. É tudo bobagem, essa história de cobras devorando pessoas. Além disso, Muscles nem está com fome; ele saboreou sua porção semanal de ratos vivos há poucos dias. Se a presença de um desconhecido causa algum efeito em Muscles, é um pouco de nervoso."

Ele se enrola no torso do dono. Sua força transforma o antebraço de Michael em um nítido baixo-relevo de vasos sanguíneos tensionados. Para demonstrar a noção de equilíbrio do animal, Michael o coloca em um corrimão

Clube de Revistas

de sete centímetros e meio de largura, onde ele ficará, imóvel, por mais ou menos uma hora.

"As cobras são mal compreendidas", diz ele. Eu falo que elas talvez sejam as vítimas mais antigas da crítica. Ele bate na mesa e ri. "A crítica... Não é mesmo, Muscles?"

A cobra levanta a cabeça por um instante e se acomoda novamente no corrimão. Nós três estamos um pouco mais relaxados.

"Sabe o que também adoro?", Michael pergunta. "Manequins." Ele diz que, quando sua casa estiver pronta, terá um quarto sem mobília, só com uma mesa e um monte de manequins.

"Acho que o que quero é trazê-los à vida. Gosto de me imaginar conversando com eles. Sabe o que penso disso? Bom, acho que vou dizer. Sinto que estou acompanhado pelos amigos que nunca tive. Eu provavelmente tenho dois amigos, e são recentes. Um artista nunca sabe quem é seu amigo. As pessoas olham para você de um jeito diferente. Como uma estrela, não exatamente como um vizinho."

Ele faz uma pausa e olha fixamente para as estátuas da sala.

"É isso. Eu me cerco de quem quero que seja meu amigo, e posso fazer isso com manequins. Vou conversar com eles."

Isso não quer dizer que Michael não tenha amigos. Pelo contrário, as pessoas estão ávidas para ser amigas dele. Esse é o problema: com uma multidão espantosa batendo à sua porta, é necessário separar e classificar. Michael nunca teve um amigo de colégio. Nem um companheiro de brincadeiras. Nem uma namorada firme. Os dois amigos misteriosos que ele mencionou são seus primeiros amigos que são pessoas comuns. Quanto ao resto...

"Conheço gente no show business."

Em primeiro lugar está Diana Ross, com quem ele compartilha seus problemas e seus "segredos mais profundos e obscuros". No entanto, mesmo quando estão só os dois, o mundo deles é restrito. E tem Quincy Jones. "Eu o acho maravilhoso. Mas sair do mundo do show business e ficar igual a todo o mundo..."

Para esquecer. Sair do papel de artista.

"Eu e Liza [*Minnelli*], por exemplo. No momento, eu a consideraria uma grande amiga, mas é uma amiga do mundo do show business. Ficamos lá conversando sobre filmes, e ela me conta tudo sobre Judy Garland, e aí ela diz: 'Me mostra o que você fez no ensaio'." Ele simula um passo de dança. "E eu digo: 'Mostre o seu'. Nós somos totalmente fãs das performances um do outro."

Isso Michael não acha estranho nem inaceitável. Quando o fato de ser uma celebridade transforma qualquer gesto seu em performance é que ele tenta se proteger. Alguns astros simplesmente decidem seguir em frente a qualquer preço. Diana Ross entrou bravamente com suas três filhas em uma loja de sapatos de Manhattan para que elas experimentassem tênis, apesar da multidão de 200 pessoas que se reuniu na calçada. Michael, que tem estado em uma bolha desde criança, consideraria isso intolerável. Ele vai a um único restaurante em Los Angeles, um local que serve comida saudável e cujos donos o conhecem. Para fazer compras, tem uma secretária ou assistente que escolhe suas roupas. "A gente não tem paz em uma loja. Se não sabem seu nome, conhecem sua voz. Não dá para se esconder."

Ele não diria que o amor é desagradável. Mas às vezes fere.

"Estar no meio da multidão dói. Você se sente como um espaguete passando por mil mãos. Eles rasgam suas roupas e puxam seus cabelos, e você acha que vai simplesmente se despedaçar."

Por isso, Michael tem de viajar com uma discrição digna da filha de um paxá. Qualquer tentativa de turismo é feita atrás de óculos escuros, dos vidros fumê de uma limusine e do terno sombrio de um guarda-costas. Até mesmo nos hotéis, ele escuta mulheres berrando e correndo como um bando de ratos na parede.

"Mulheres no saguão, subindo as escadas. Você ouve o pessoal da segurança tirando-as dos elevadores, mas fica no quarto e faz uma música. Quando se cansa de compor, fica falando sozinho. Então extravasa tudo no palco. É assim que funciona."

Não há o que se discutir – isso não é natural, mas... e aqueles manequins? Será que não é assustador acordar no meio da noite e dar de cara com todos aqueles sorrisos de plástico?

"Ah, vou dar nomes a eles. Como as estátuas que você está vendo lá embaixo." Ele faz sinal para o grupo na sala. "Elas têm nomes. É como se eu as conhecesse. Vou lá embaixo e converso com elas."

Um ritmo nervoso sacode seu pé, e o recorte de jornal já foi destruído há muito tempo. Michael pede desculpas, explicando que não consegue ficar parado tanto tempo assim. Em um impulso, ele decide nos levar à casa em construção. Embora seus pais o tenham forçado a aprender a dirigir há dois anos, Michael raramente dirige. Quando o faz, recusa-se a trafegar por vias expressas, dando voltas de uma hora para evitá-las. Ele só aprendeu o caminho para algumas zonas "seguras" – as casas dos irmãos, o restaurante de comida saudável e o templo.

Antes de mais nada, Muscles precisa ser guardado. "Ele é amável mesmo", diz Michael enquanto desenrosca a cobra do corrimão. "Eu gostaria de enrolá-la em você antes de você ir embora."

Isso não é piada, e Michael não vai pressionar, mas o medo de entrevistas pode ter raízes tão profundas quanto o medo de cobras, e, ao consentir em falar, Michael ouviu a mesma coisa que está me dizendo agora: "Confie em mim. Isso não vai ferir você".

Chegamos a um acordo. Muscles se enrola em meu tornozelo. A língua dele é seca. Faz cócegas. Se eu bloqueasse meu medo primitivo, poderia até achar que é o bigode de um gatinho. "Você acredita mesmo que este animal não vai lhe fazer mal, não é?", Michael questiona. "No entanto, existe esse medo, incutido pelo mundo e pelo que as pessoas dizem, que faz você se esquivar assim."

Tendo defendido seu ponto de vista polidamente, Michael e Muscles desaparecem escada acima.

"EU SOU TÍMIDO DEMAIS, MAS QUANDO CHEGO AO PALCO, ASSUMO O CONTROLE. PARA MIM, É ALGO MÁGICO. QUANDO AS LUZES ILUMINAM VOCÊ, NÃO EXISTE MAIS NADA, EU GARANTO"

"Oi, Michael." algumas mensagens como esta estão rabiscadas na pintura de uma placa no portão de aço da entrada da casa. Há cachorros, uma cerca e seguranças, mas mesmo assim as mocinhas continuam à espreita, em carros e nos arbustos.

Enquanto Michael me guia pela mansão de dois andares em estilo Tudor, fica bem claro que ele vai dormir em um quarto quase monástico em comparação com os que mandou projetar para seus prazeres e os que reservou para suas irmãs Janet e La Toya, que pensaram em cada detalhe de suas suítes revestidas de papel de parede. "As meninas são detalhistas", ele explica, passando por cima de uma serra elétrica em seu quarto. "Eu não me importo. Eu só queria espaço para dançar e colocar meus livros."

Clube de Revistas

REALEZA EXÓTICA
Nesta imagem feita em 7 de fevereiro de 1984, Michael usa chapéu para esconder as queimaduras que sofreu duas semanas antes, gravando um comercial da Pepsi

Os lugares que Michael examina com mais cuidado são os reservados à recreação. "Vou colocar tudo aqui dentro", diz ele, "para nunca ter de sair e ir lá fora". Nesse "tudo" estão uma sala de cinema com dois projetores profissionais e um alto-falante gigante, e tem uma sala de ginástica, uma para videogames e outra com um sistema de vídeo com uma tela gigante. Além disso, há uma enorme sala perto do quintal nos fundos da casa que foi criada para ser a Sala dos Piratas. Ela não será muito decorada, mas é povoada. Mais manequins. Entretanto, esse grupo vai responder. Michael tem consultado um técnico da Disney, exatamente a pessoa que projetou os robôs falantes para a atração Piratas do Caribe, da Disneylândia. Se tudo correr bem, ele instalará aqui vários piratas brandindo seus fuzis com cara de mau. "Não vai ser como um parque de diversões", diz Michael, "mas vai haver canhões e tiroteio entre piratas. Eles vão ficar gritando uns com os outros e vai ter luzes, sons e tudo."

Piratas é uma de suas atrações favoritas na Disney, e o local é um dos poucos dos quais nem Michael consegue ficar longe. Às vezes, ele para em um estande de mágica e compra uma daquelas máscaras de Groucho Marx – óculos falsos com um nariz acoplado –, mas o melhor é quando a equipe o leva pelos túneis e portas dos fundos. Atravessar de dia o pátio do castelo da Bela Adormecida é de matar. "Ontem mesmo, à noite, eu tentei ir lá, mas estava fechado", diz ele com certa incredulidade.

Quando voltamos ao condomínio, Michael percebe que uma cópia de teste de "The Girl Is Mine" foi entregue. Isso é trabalho. Ele explica que precisa examinar o material antes do lançamento e vai ao escritório para ouvir no aparelho de som. Antes que a gravação termine, ele já aperta as teclas do telefone. Entre telefonemas para contadores e empresários, ele me diz que toma todas as decisões, até a colocação da última lantejoula em suas roupas de palco – as únicas com as quais se importa. Michael diz que sabe ser implacável na hora de escolher empresários, músicos e promotores de shows. Ele avalia o desempenho de cada um com o rigor de um repórter investigativo, pedindo opiniões a seus irmãos, aos colegas do meio artístico e até mesmo a jornalistas. Embora acredite que seu talento vem de Deus, ele tem plena consciência de seu valor no mercado. Nunca é impositivo nem autoritário, mas gosta de ser respeitado. Não lhe pergunte, por exemplo, há quanto tempo ele está com determinada empresa do show business. "Pergunte-me", ele corrige, "há quanto tempo eles estão comigo."

Clube de Revistas

Quem já trabalhou com Michael não tem dúvidas sobre sua capacidade – mesmo aqueles para quem ele é apenas um astro infantil. "Ele tem controle total", diz Spielberg. "Às vezes, parece um tanto indeciso diante de coisas que não estão claras, mas existe um grande e consciente planejamento em tudo o que decide fazer. Ele é sagaz em relação à sua carreira e às escolhas que faz."

Quando Michael estava procurando um produtor para seu álbum solo, Quincy Jones ficou feliz por receber uma mensagem dele, porque sabia que Michael era de uma classe especial. Como o próprio Jones diz, algumas coisas lhe deram a pista. Primeiro, houve a cerimônia do Oscar na qual ele viu Michael, com 14 anos de idade, apresentar uma canção de amor por um roedor fascista ("Ben") com uma segurança impressionante. Anos mais tarde, ao trabalhar com ele na trilha sonora de *O Mágico Inesquecível*, Jones disse: "Eu enxerguei outro lado. Observando-o no contexto de ator, percebi muitas coisas dele como cantor, e essas coisas me abriram os olhos. Vi uma profundidade que nunca esteve aparente, e vi um comprometimento. Vi que Michael estava crescendo".

No estúdio, Jones percebeu que o profissionalismo do músico tinha amadurecido. Na verdade, o faro de Michael para coisas que cheiram mal é tão poderoso que Jones começou a chamá-lo de Smelly [*fedorento*]. Felizmente, quando rumores no mercado sugeriam que aquela parceria provavelmente não daria certo, Smelly continuou determinado e se concentrou ainda mais em seus ritmos. Aliás, as cenas de dança mais memoráveis de *Off the Wall* são as das músicas escritas por Jackson. "Working Day and Night", com sua hábil pontuação e o uso da respiração como elemento rítmico, só podia ter sido escrita por um dançarino. "Don't Stop 'Til You Get Enough", o single mais vendido do álbum, se equilibra entre o comedimento e o abandono com a mesma levada contagiante.

Funciona. Alguém como Michael é o perfeito híbrido pop dos anos 1980. *Thriller* é eclético o bastante para incluir cânticos africanos e o excelente toque másculo da guitarra de Eddie Van Halen. Isso tem sido chamado de pop soul pelo pessoal de marketing. Michael diz que não se importa com o nome que as pessoas dão ao que ele faz. Como foi que as coisas aconteceram ainda é um mistério para ele – bem como o próprio processo criativo.

"Eu acordo de um sonho e penso: 'Uau, vou colocar isso aqui no papel'", ele conta. "A coisa toda é estranha. Você escuta as palavras, tudo está exatamente ali, na sua cara. E você diz para si mesmo: 'Lamento, mas não fui eu quem escreveu isso. Já estava aí'. É por isso que eu detesto receber o crédito pelas músicas que fiz. Eu sinto que elas foram feitas em algum lugar, não sei onde, e eu sou só o mensageiro que as entrega ao mundo. Eu realmente acredito nisso. Amo o que faço. Sou feliz com o que faço. É puro escapismo."

Novamente, aquela palavra. Michael tem razão. Não existe melhor definição para um bom pop norte-americano bem-intencionado. Poucos compreendem isso melhor do que Diana Ross, aquela garota da gravadora Motown que se tornou a diva atual do pop. A proximidade entre ela e Michael começou quando Diana foi apresentada aos Jacksons 5.

"Não, eu não os descobri", ela afirma, contradizendo o mito. O dono da Motown, Berry Gordy, já os tinha encontrado. Ela só os apresentou em seu especial de 1971 na TV. "Não havia empatia entre Michael e mim", conta. "Eu era mais velha, ele mais ou menos me idolatrava e queria cantar como eu."

Ela gosta de ver que Michael está se tornando ele mesmo. Além disso, ela gostaria que ele saísse ainda mais. Ele queria que eles fizessem tudo juntos. Ela insistiu para que ele seguisse sozinho.

"ESTAR NO MEIO DA MULTIDÃO DÓI. VOCÊ SE SENTE COMO UM ESPAGUETE PASSANDO POR MIL MÃOS. ELES RASGAM SUAS ROUPAS E PUXAM SEUS CABELOS, E VOCÊ ACHA QUE VAI SIMPLESMENTE SE DESPEDAÇAR"

"Ele passa muito tempo, tempo demais, sozinho. Eu tento fazê-lo sair. Aluguei um barco e levei meus filhos e Michael em um cruzeiro. Michael tem muitas pessoas à sua volta, mas tem muito medo. Não sei por quê. Acho que isso vem de muito tempo."

As amigas de Michael no show business, muitas das quais não são vistas como maternais, cobrem grandes distâncias para produzi-lo, empurrá-lo para o mundo e deixá-lo confortável. Quando ele está em Manhattan, Diana o encoraja a ir ao teatro e às casas de espetáculos e, como recompensa, lhe oferece fins de semana tranquilos em sua casa, em Connecticut. Em bilhetes e telefonemas, Katharine Hepburn tem estimulado as atuações dele.

Michael registrou muitos desses conselhos em cadernos e em fita. A visita a Jane Fonda – que ele conhece desde que a encontrou em uma festa em Hollywood há alguns anos – na filmagem de *Num Lago Dourado* acabou se tornando um curso intensivo. Em uma versão invertida de suas cenas com o "neto emprestado" no filme, Henry Fonda levou o amigo roqueiro de sua filha ao lago e ensinou-o a pescar. Eles ficaram sentados no píer por horas, falando de trutas e de teatro. Quando Henry morreu, Michael passou a noite com a viúva, Shirlee, e os filhos dele, Jane e Peter. Ele conta que eles ape-

Clube de Revistas

nas ficaram lá, rindo e chorando, e assistindo ao noticiário. A facilidade com que Michael foi aceito pela família não surpreendeu Jane Fonda. Michael e o pai dela se deram bem, diz ela, porque eram muito parecidos.

"Papai também era penosamente inibido e tímido", diz ela, "e, no fundo, só se sentia confortável quando se escondia atrás de um personagem. Ele podia se soltar quando estava na pele de outra pessoa. Muito parecido com Michael."

Jane segue: "Lembro que um dia eu estava dirigindo com ele ao lado e disse: 'Meu Deus, Michael, eu adoraria achar um filme que eu pudesse produzir para você'. De repente, eu descobri. Eu disse: 'Eu sei o que você tem de fazer. É Peter Pan'. Lágrimas brotaram dos olhos e ele disse, com certa ferocidade: 'Por que você falou isso?'. Eu respondi: 'Eu percebi que você é Peter Pan'. Ele começou a chorar: 'Eu sei. Tenho imagens de Peter Pan em todas as paredes do meu quarto. Eu li tudo o que o [*autor J. M.*] Barrie escreveu. Eu me identifico totalmente com Peter Pan, o garoto perdido da Terra do Nunca'".

No livro, esse mundo de fantasia fica "na segunda estrela à direita, seguindo direto até o amanhecer" – não é um caminho menos estranho, observa Jane Fonda, que a própria jornada de Michael Jackson desde Indiana, estado onde nasceu.

"De Gary", ela diz, "direto para Barrie."

Todas as crianças crescem, exceto uma." Esta é a primeira linha do livro favorito de Michael – se você perguntar a Katherine Jackson se ela acha isso parecido com o que aconteceu com sua própria "ninhada" de nove filhos, ela rirá e dirá que sim, que esse é seu quinto filho.

Cinco filhos – Maureen, Tito, Jackie, Jermaine e Marlon – casaram-se e têm famílias. La Toya é uma jovem independente. Aos 13 anos, Janet estava estrelando o seriado cômico *Good Times*. Agora, ela tem seu próprio single de sucesso, "Young Love", e aparece no seriado cômico *Minha Família é uma Bagunça*. Aos 20 anos, o caçula Randy já mora sozinho. Michael garante que morreria se tentasse isso.

"Uma vez, La Toya me disse que acha que eu superprotegi todos eles", afirma Katherine, "mas, naquelas circunstâncias, eu realmente acho que não."

Quando se casou, ela foi morar na fria cidade industrial de Gary, em Indiana, bem perto de Chicago. A família que crescia forçou Joe Jackson a dissolver o The Falcons, um grupo de R&B que ele tinha formado com seus dois irmãos. O máximo que eles tinham conseguido era fazer covers de Chuck Berry e Fats Domino em casas locais. A guitarra foi para o armário, e Jackson foi trabalhar em fundições de aço como operador de guindaste. O orçamento da família não tinha muita sobra para brinquedos, mas havia um velho saxofone, um tamborim, alguns bongôs e uma coleção caseira de canções da infância de Katherine. Ela ensinou às crianças tudo o que conseguiu lembrar. "Eram só coisas simples", diz ela, "como 'Cotton Fields' e 'You Are My Sunshine'."

A harmonia foi crescendo junto com a família. Jackie, Jermaine e Tito começaram a cantar, com Tito na guitarra e Jermaine no baixo. Marlon então subiu a bordo. Um dia, o pequeno Michael, que gostava de batucar, surpreendeu sua mãe ao cantar imitando os vocais de Jermaine, em seu falsete infantil. "Acho que temos outro solista", disse ela ao marido.

"Ele tinha tanta energia que, aos 5 anos, já era uma espécie de líder", diz Jackie, o irmão mais velho, aos 31 anos. "Nós percebemos isso. Então dissemos: 'Ei, Michael, você vai ser a voz principal.' O público aceitou na boa. Na época, ele estava curtindo James Brown, sabe? O macete era a velocidade. Ele via alguém fazer alguma coisa e fazia igual, na mesma hora."

"Era meio assustador", declara a mãe deles. "Ele era tão novinho... Não saía muito para brincar. Então, eu não sei onde ele aprendeu. Ele simplesmente sabia."

Os pequenos palcos locais estavam perdendo espaço para salas maiores, em cidades distantes. Joe Jackson passava os fins de semana e noites como motorista, produtor, empresário e diretor musical. Ele ensinou Michael a explorar o palco e a manusear um microfone. Michael não se lembra de seu pai ter tornado isso divertido; os garotos sempre souberam que aquilo era trabalho. As regras eram severas. As notas no colégio tinham de ser mantidas, mesmo com cinco shows por noite, senão o faltoso seria tirado da estrada. Quando a Motown apareceu, Joe levou os garotos para Detroit e Katherine ficou em Gary com as outras crianças. Ela diz que nunca realmente se preocupou com os filhos até que foi a um show e ouviu os gritos da plateia. "Toda vez que eu ia a um show, ficava preocupada, porque às vezes as meninas queriam entrar no palco e eu as via chorando por Michael", diz Katherine. "Ele era tão pequeno, e elas eram tão grandes..."

Além disso, houve alguns incidentes sérios. Um deles tão assustador e bizarro que fez uma jovem ser internada em um hospital psiquiátrico. Por isso, Katherine Jackson tomou para si o trabalho de conversar com algumas dessas garotas selvagens e importunas. O que é mais esquisito, segundo Katherine, é que elas fazem isso em nome do amor. "São tantas!", conta. "Eu não tenho ideia do que passa pelas cabeças delas. É por isso que fica difícil para meu filho arranjar uma esposa."

Michael está ciente da impossibilidade dessa tarefa, talvez resignado com isso. Ele gostaria de ter filhos no futuro, mas diz que provavelmente os adotaria. Por enquanto, ele só tem de ir à casa de um de seus irmãos e é imediatamente soterrado pelos sobrinhos. De qualquer modo, ele diz que se entende melhor com as crianças do que com os adultos. "Elas não usam máscaras."

As crianças e os animais podem meter o nariz nos espaços mais íntimos de Michael. É o show de horrores do showbiz que torna o amadurecimento do cantor tão público e tão difícil. Com paciência e bom humor, ele viu nascerem boatos corriqueiros, como o de troca de sexo, e acusações de paternidade vindas de mulheres que ele nunca tinha visto. No entanto, isso o afetou claramente. "Billie Jean", em *Thriller*, é uma negação veemente de paternidade: "o garoto não é meu filho", diz a letra. Na verdade, ainda não houve ninguém especial. Michael diz que não tem pressa de entrar em uma relação romântica.

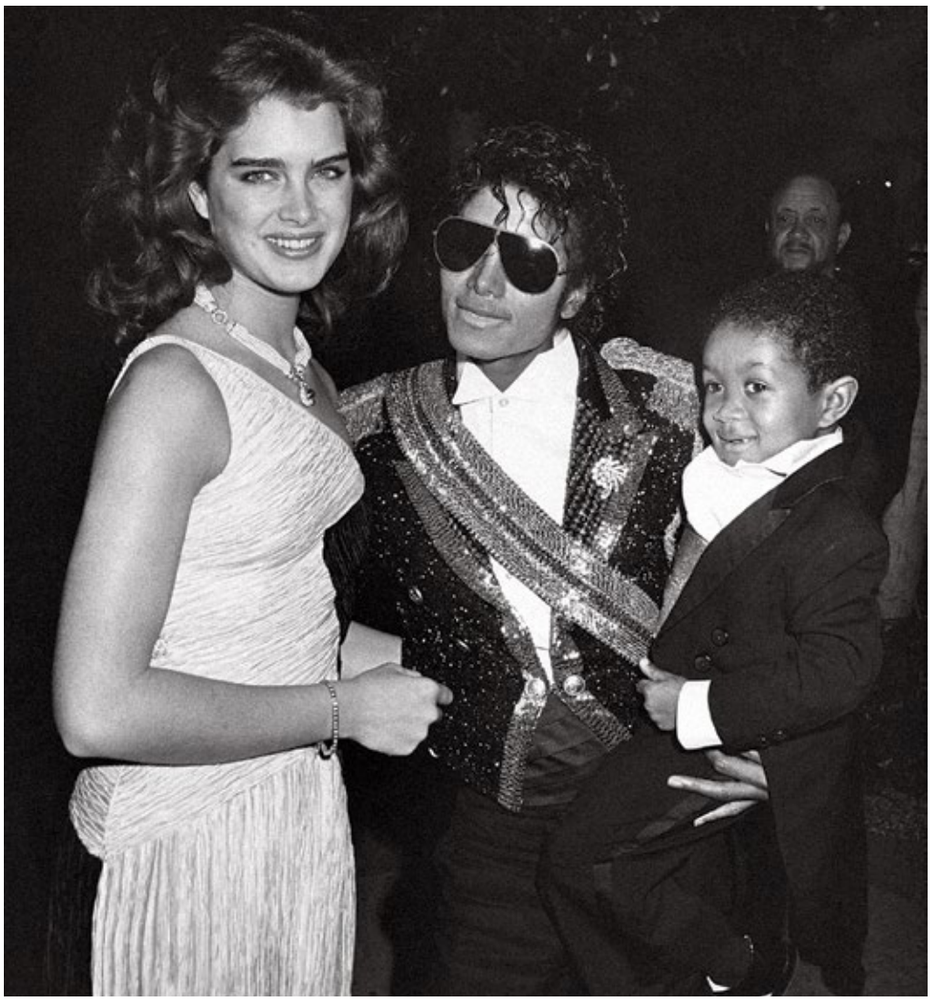
"É como o que eu te falei sobre encontrar amigos", diz. "Com isso, é mais difícil ainda. Com tantas garotas em volta, como é que eu posso saber?"

"TENHO IMAGENS DO PETER PAN EM TODAS AS PAREDES DO MEU QUARTO. EU ME IDENTIFICO TOTALMENTE COM ELE, O GAROTO PERDIDO DA TERRA DO NUNCA"

Só estou aqui para ver um amigo." Michael está tentando polidamente se livrar de uma jovem inquisidora que está bloqueando o corredor que dá para um labirinto de camarins no subsolo do L.A. Forum.

"Eu posso dizer aos meus espectadores que Michael Jackson é fã do Queen?"

Clube de Revistas



NOITES DE HOLLYWOOD
Com Brooke Shields e o ator mirim Emmanuel Lewis, da série *Webster*, depois da cerimônia do Grammy em 1984. O cantor ganhou oitos troféus

"Eu sou fã de Freddie Mercury", ele corrige, desviando da garota para chegar a uma grande sala cheia de esposas, técnicos, amigos e membros da banda Queen. Um grandalhão, com jeito de jogador de futebol americano, está comandando o cantor do Queen em exercícios de alongamento, para fazer seus músculos cansados suportarem o último show da turnê do grupo pelos Estados Unidos. A banda está alegre. Michael fica à porta, tímido, até que Mercury o vê e se levanta de um salto para lhe dar um abraço.

Mercury convidou Michael. Ele ficou ligando a semana inteira para falar da possibilidade de trabalharem juntos. Decidiram tentar no próximo álbum dos Jacksons. Embora eles sejam bem diferentes – recentemente, Freddie comemorou o aniversário pendurando-se pelado em um lustre –, os dois têm um clima de cordialidade desde que Michael ouviu o material que o Queen gravou para o disco *The Game* (1980) e insistiu que o single tinha de ser "Another One Bites the Dust".

"Agora ele me ouve, não é, Freddie?"

"É isso aí, irmãozinho."

O grandalhão acena. Com um cigarro na mão, Mercury aponta para umas bandejas de frutas, carne branca e doces. "Você e seus amigos podem ficar à vontade."

Nossa escolta, um guarda-costas desajeitado, mas de rosto agradável, está consultando a segurança sobre lugares para sentar. Havia umas garotas de tocaia do lado de fora do condomínio quando Michael correu para a limusine e garotas tentando ver através do vidro fumê quando a porta foi trancada. Isso tudo era muito enigmático para o convidado de Michael, que estava esperando no carro.

Ele é um amigo de verdade, uma das "pessoas comuns", tão normal que passa despercebido pelos olhos habituados dos caçadores de celebridades. Ele nunca foi a um show de rock e nunca viu Michael se apresentar. Ele diz que espera ver, mas o principal é que eles passam um tempo juntos. Às vezes, seu irmão caçula os acompanha. Na maior parte do tempo, eles só falam das "coisas normais de sempre", diz o amigo. Para Michael, é outro tipo de mágica.

No momento, o assunto é o show business, como sempre. Boatos, para ser mais exata. Michael pergunta a um dançarino sobre a recente crise de um superastro decadente. Ele quer saber o que rolou. Em resposta, o dançarino leva um dedo a uma das narinas. Michael faz que sim com a cabeça e traduz para seu amigo: "Drogas. Cocaína".

Michael admite que ele próprio vem lidando com esse boato e a toda hora ouve que os famosos revelam que precisam fugir. "Escapismo", diz. "Eu entendo. Realmente."

Entretanto, os vícios são outra coisa. "Eu sempre quero saber o que faz artistas se esfacelarem", diz ele. "Eu sempre tento descobrir, porque eu simplesmente não acredito que as mesmas coisas os atingem o tempo todo." Até agora, seus próprios vícios – o palco, a dança, os desenhos – são livres de toxinas.

Alguma coisa está influenciando Michael nesse exato momento, mas não é nada químico. Ele está zunindo como uma abelha presa em um pote de geleia. "É a sala em que estamos", ele explica. Neste exato lugar, e por tantas vezes, ele forçou e levou ao limite suas cordas vocais, e ficou fora de si, inquieto, tremendo como um cavalo de corrida enquanto deslizava para dentro de sua roupa de lantejoulas.

"Eu não consigo aguentar isso", grita levemente. "Não consigo nem ficar parado."

Ele está a ponto de precisar ser contido para seu próprio bem. Randy Jackson entra rapidamente na sala, refreia o irmão com um abraço de urso e o ajuda a dissipar um pouco da energia com um pequeno golpe de luta livre. Esta não é a mesma criatura que tentou se esconder atrás de um pacote de batatinhas. Agora, Michael está boxeando com o guarda-costas e perguntando a todo instante pelas horas, até que o homem, misericordiosamente, lhe dá um tapinha no ombro e diz: "Vamos embora".

Freddie Mercury e sua turma já começaram a descer o estreito corredor e, antes que alguém possa alcançá-lo, Michael vai em seu encalço, avançando na direção do rugido da multidão lá fora e saltando para conseguir vislumbrar Freddie, que está com o punho em riste, prestes a subir a escada para o palco.

"Ooooh, Freddie está a toda", diz Michael. "Eu estou com inveja dele agora. Você não sabe o quanto."

O último integrante da banda sobe as escadas e a cortina negra do palco se fecha. Michael volta e se deixa levar para a escuridão da arena.

Clube de Revistas

Michael versus Michael

Na época de *Bad*, Jackson competia somente consigo mesmo. Um mergulho na estratosfera solitária do ídolo

Por **Michael Goldberg** e **David Handelman**

Clube de Revistas

SENDO O REI
Michael em 1988, na turnê Bad

Clube de Revistas

Em 1987, Michael Goldberg e David Handelman empreenderam uma tarefa difícil: escrever uma ótima matéria de capa sobre Michael Jackson sem nenhuma entrevista com o astro. "As pessoas que estavam à volta de Michael eram tão interessantes para mim quanto ele – talvez até mais", afirma Goldberg. "O empresário dele, Frank DiLeo, era um antigo executivo de promoções da Epic Records que achava ser o Coronel Tom Parker [empresário de Elvis Presley] dos tempos modernos."

Matéria originalmente publicada na *Rolling Stone* E.U.A. #509, em 24 de setembro de 1987

Imagine a manchete principal se o tabloide *National Enquirer* ficasse sabendo da história: "Michael Jackson divide suíte em hotel com um 'amigo ator'". A solteirice perene de Jackson – que, aos 29 anos, ainda mora com a mãe – é um dos muitos mistérios que deram à mídia milhares de fofocas e especulações sobre ele. Só que, desta vez, a história é verdadeira. Até o empresário do astro, Frank DiLeo, confirma.

Quando Michael começar sua primeira turnê solo em Tóquio neste mês, dividirá sua suíte de dois quartos com um de seus amigos mais chegados, que realmente é um ator. Michael até o ajudou a conseguir um agente; você pode tê-lo visto no filme *De Volta às Aulas*, com Rodney Dangerfield. O amigo de Michael tem três anos e se chama Bubbles.

Bubbles é um chimpanzé.

Bubbles é só um dos muitos personagens da vida real que preenchem o elaborado mundo de fantasia que o superastro construiu ao seu redor. Brincando e conversando com Bubbles ou Louie, uma lhama, ou Crusher, sua nova cobra píton de 136 kg, Michael Jackson pode se tornar facilmente um dos personagens da Disney que tanto ama.

O símio vai a todo lugar com o cantor. Eles são uma dupla clássica como as da TV, como Timmy e Lassie ou Wilbur e Mister Ed. Bubbles frequentemente come à mesa de jantar com Michael; ficou no estúdio de gravação com ele durante boa parte dos dois anos levados para a finalização do disco *Bad* (1987), sucessor de *Thriller* (1982); acompanhou Michael até Nova York para a filmagem de Martin Scorsese do videoclipe de "Bad", que estreou em 31 de agosto no especial *Michael Jackson... The Magic Returns*, do canal CBS; é também o astro de uma nova linha de bichos de pelúcia conhecida como Michael's Pets, que também será a base para uma série de desenhos animados para crianças. O chimpanzé tem até um berço no quarto de Michael – e quando o astro deu um sofisticado jantar em sua mansão em Encino, na Califórnia, em uma noite quente de julho, para iniciar a divulgação de *Bad*, foi Bubbles, não o astro pop, quem entreteve os convidados.

Quase cinco anos se passaram desde o lançamento de *Thriller*, que se tornou o maior álbum da história, gerando sete singles de sucesso, ganhando oito prêmios Grammy e vendendo inéditas 38,5 milhões de cópias no mundo inteiro. Assim, o lançamento de *Bad* foi um evento importante. Menos de uma semana depois da masterização do álbum, a gravadora de Michael, Epic, pagou para que um grupo dos mais poderosos varejistas de discos nos Estados Unidos viajasse e ficasse hospedado no Beverly Hills Hotel.

A comitiva de 50 pessoas – incluindo executivos da CBS, empresa-mãe da Epic – foi levada a Encino em uma frota de limusines. Eles atravessaram os portões de ferro negro que protegem o "Maravilhoso Mundo de Michael", percorrendo a longa estrada de pedregulhos até a imensa casa em estilo Tudor. Com sua elegante torre de relógio, torreões iluminados como árvores de Natal, uma loja de doces bem abastecida e gramados bem cuidados, a propriedade se parecia muito com a Disneylândia à noite. Apenas a visão dos seguranças enfileirados no telhado da casa quebrou o encanto.

Na hora seguinte, todos conversaram, com drinques na mão, fazendo um tour pela casa como se fosse um parque de diversões. Ficaram maravilhados com a imensa coleção de relógios antigos e estátuas gigantes mostrando Luís XIV sobre um cavalo e Davi matando Golias. A repleta sala de jogos oferecia de tudo, de *Space Invaders* a um touro mecânico; na sala de troféus, os visitantes puderam admirar o número impressionante de discos de ouro e platina.

No andar de cima, sobre a garagem, fica a galeria, com souvenires de quase 20 anos de show business: uma estátua de cera de Michael em tamanho natural, mostruários de vidro com as jaquetas dele em estilo *Sgt. Pepper*, meias de lantejoulas, as famosas luvas. Mais impressionantes são as fotos: centenas delas cobrindo as paredes, remetendo até aos primeiros anos de Michael como um astro infantil. Michael e o presidente Reagan. Michael e Jimmy Carter. Michael e Fred Astaire. Michael e Yul Brynner. Michael e Sammy Davis Jr. Michael e Liza Minnelli. Michael e Elizabeth Taylor.

Se a visita ficasse cansativa, sempre havia Bubbles. Usando suspensórios e calças, sob o olhar atento de seu treinador, Bob Dunn, o serelepe chimpanzé queria brincar com qualquer um que mostrasse interesse. Posou para fotos com alguns dos convidados, deu cambalhotas e fez sua própria versão do moonwalk.

Pouco antes de o jantar ser servido, Michael Jackson se materializou com a irmã La Toya nos fundos do jardim. Parecia que ele tinha acabado de sair da capa de *Bad*: calças pretas, camiseta preta, cinto com detalhes de metal. A roupa faz parte da nova imagem das ruas projetada por Michael. O empresário dele e alguns executivos da gravadora pareciam sentir que o velho visual com lantejoulas era um pouco afetado, então agora ele está vestido como um punk estilizado, só que seu rosto pálido e maquiado com queixo de covinha recém-feita não parece vir das ruas – mal parece ser deste mundo.

Michael e La Toya prontamente ocuparam seus lugares em uma mesa com um grupo dos maiores amigos e conselheiros do cantor: DiLeo; Walter Yetnikoff, presidente do CBS Records Group; Al Teller, presidente da CBS Records; e John Branca, advogado do cantor. Pouco tempo depois, seria hora de o astro encontrar seus convidados – ou algo assim.

Michael Jackson magistralmente manteve sua famosa postura de "estou aqui, mas não estou". A única interação real entre ele e seus convidados veio no final do jantar, quando um dos seguranças foi a cada mesa e juntou os visitantes para uma foto, explicando que o astro estaria lá dali a um minuto. Então, outro segurança levava Michael, banalidades eram ditas, a foto era tirada e ele seguia para a mesa seguinte. E só. Mesmo assim, a maioria dos convidados saiu do jantar pronta para acreditar na magia renovada do artista.

Clube de Revistas

Com as obrigações cumpridas, Michael desapareceu. Talvez tenha se enfiado em sua sala de cinema com 32 lugares e sentado ao lado do enorme Mickey Mouse de pelúcia para ver alguns desenhos, ou parado por um momento na sala de troféus, olhando com carinho para a peça central, um terrário grande com um diorama de *Branca de Neve e os Sete Anões*, dado a ele pelos próprios personagens da Disney.

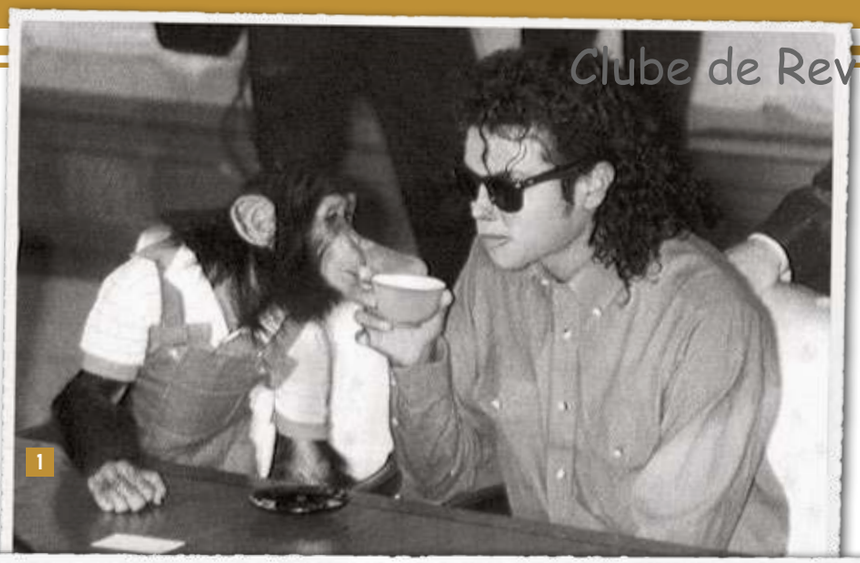
Ou talvez, quem sabe, quando Michael escapou da festa, subiu até o banheiro para olhar seus traços sempre em mutação e pensou na nota que está colada no espelho, que diz simplesmente: "100 milhões".

A nota ajuda a explicar por que Michael Jackson, o ermitão dolorosamente tímido e infantil, faria algo tão bizarro quanto escancarar as portas de seu Xanadu para alguns engravatados babões e durões e posar em estilo bar mitzvah com eles. O cantor quer vender impressionantes 100 milhões de cópias de *Bad* e sabe que precisa do apoio da indústria para isso.

Há dois Michael Jacksons: o próprio empresário dele o descreve como "um cruzamento entre E.T. e Howard Hughes". Um é o homem de negócios sagaz que arranca acordos incrivelmente lucrativos de licenciadores e patrocinadores (US$ 15 milhões da Pepsi desta vez), que comprou os direitos de publicação das músicas dos Beatles quando Paul McCartney e Yoko Ono não o conseguiram fazer, e que controla sua exposição na mídia como um gavião. Ele é dono de praticamente cada imagem fotográfica sua e não dá uma entrevista aprofundada desde 1983.

O outro Michael é o astro infantil voluvelmente genial, que vive em um reino de conto de fadas com amigos famosos, animais, manequins e desenhos animados e que dá material infinito para tabloides ao revelar suas intenções de comprar os restos mortais do Homem Elefante, oxigenar o sangue ao dormir em uma câmara hiperbárica ou se casar com Elizabeth Taylor. Só que é a criança em Michael que inspira sua arte. Ele canta com uma voz brilhante e cheia de alma, e dança como um cometa em espiral; como artista, não há ninguém que se assemelhe a Michael Jackson.

Para que *Bad* se iguale ao sucesso de *Thriller*, o Michael artista está sob mais pressão por parte do Michael corporativo do que nunca. Paralisado pelo fardo de tentar se superar, temendo a rejeição do público, ele foi forçado a declarar *Bad* finalizado porque muitos fatores externos dependiam de seu lançamento. Já tinha visto o fracasso com uma linha de roupas e o perfume Magic Best, ambos lançados no últi-


1

2

3

EM TODOS OS CANTOS
1. Michael confraterniza com o chimpanzé Bubbles. Durante um período, o símio também acabou se tornando um astro e acompanhava o dono onde ele fosse; 2. O cantor no Japão, local onde sempre teve uma devota legião de fãs; 3. Com o empresário Frank DiLeo, que esteve ao lado dele nos tempos de glória

Clube de Revistas

SUPER-HERÓI
MIchael em uma cena de Captain EO, produção de 1986. O filme dirigido por Francis Ford Coppola foi exibido em 3D e fez bastante sucesso na Disney

mo outono e que, sem música nova para acender o interesse, desapareceram sem deixar rastros.

Michael vendeu a música "Bad" à Pepsi para um anúncio e, para outro, está dando uma faixa que ficou fora do álbum, chamada "The Price of Fame" ["*O Preço da Fama*"]. É um assunto com o qual está familiarizado. Ele é obcecado por manter seus altos patamares artísticos a qualquer custo. Já rompeu com muitas constantes de sua vida: declarou que nunca mais fará uma turnê com os irmãos, e conflitos sobre sexo e violência em sua arte levaram à saída dele das Testemunhas de Jeová. Tudo foi abandonado em favor de sua carreira solo.

Vou processar!", grita o empresário de Michael Jackson, um cruzamento de 100 kg e 1,58 m entre o Coronel Tom Parker e P.T. Barnum. Frank DiLeo está no escritório dele em Encino, uma cabana enorme com vista para a piscina, a uma curta distância de sua espaçosa casa de fazenda; o homem mordedor de charutos está furioso com o *Late Show* da noite anterior, exibido pela Fox. O programa mostrou um imitador de Michael Jackson chamado Valentino Johnson, que havia gasto US$ 40 mil para ter seus traços alterados para que se parecesse com o astro. DiLeo está furioso pelo fato de Michael Jackson e cirurgias plásticas estarem mais uma vez juntos na mídia.

Desembrulhando um charuto, ele o coloca na boca, mas não acende. DiLeo não se barbeou nesta manhã; seu cabelo castanho comprido está penteado para trás e amarrado em um rabo de cavalo. "OK, então ele mexeu no nariz e no queixo – grande coisa. Vou lhe contar uma coisa, meu nariz foi fraturado cinco vezes e consertado duas. Quem se importa? Elvis fez plástica no nariz. Marilyn Monroe fez plástica no nariz, nos seios... Todo mundo fez."

Michael chama DiLeo de tio Tookie (agora também o nome do sapo de pelúcia da Michael's Pets). O cantor e o empresário se falam constantemente ao telefone, passam a maior parte do tempo juntos e moram a menos de cinco minutos de distância um do outro. DiLeo é o pai compreensivo do menino impetuoso de 10 anos que vive dentro de Michael. Aos 39 anos, o empresário aceita hesitantemente alguma responsabilidade pelo "novo visual" do astro. "Trago uma atitude de rua para Michael", observa. Também conta com orgulho que ensinou a Michael sobre Al Capone, "explicando todos aqueles tipos de pessoas". DiLeo fica animado quando menciona que Scorsese quer escalá-lo como gangster no filme *Os Bons Companheiros*.

É fácil entender por que Michael o contratou como sua ligação com o mundo real. "Ele sabe que, se digo algo, é a verdade", afirma DiLeo. "Não tenho de concordar com as coisas se eu não quiser. Em outras palavras, porque sei que isso vai acabar saindo mesmo assim. A câmara hiperbárica – sou 100% contra. Está vindo na turnê conosco. Alguns empresários não poderiam ter essa conversa com seu artista. Ele respeita minha opinião, mas nem sempre escuta..." (De acordo com uma fonte, "mentes mais sensatas prevaleceram desde então" e agora parece que o tanque ficará em casa.)

DiLeo uma vez declarou que sua meta era "manter [*Michael*] tão popular e em alta quanto se pode ser", mas e quanto ao preço da fama? Será que todo este rebuliço pode estragar a psique já frágil do cantor?

"Já é tarde demais", responde DiLeo. "Ele não terá uma vida normal mesmo se eu parar."

Foram necessários três homens para levar Crusher, uma píton de 6,10 m e 136 kg, para o estúdio D do Westlake Audio, em Los Angeles, onde a gravação de *Bad* aconteceu. A maioria das pessoas na comitiva de Jackson está acostumada a ver seus bichos no estúdio; Bubbles uma vez até passeou montado nas costas do engenheiro Bruce Swedien. Só que quando o ás dos sintetizadores Greg Phillinganes entrou no estúdio e deu de cara com Crusher, "ficou apavorado", conta Quincy Jones. "Um pequeno enfarte." Michael só ficou sentado, vendo a cena e rindo sozinho com aquela voz suave e aguda.

Clube de Revistas

Três semanas antes do lançamento de *Bad*, Jones se lembra desta cena de seu leito no hospital Cedars-Sinai Medical Center, em Los Angeles, onde em breve passará por uma cirurgia na boca. Hoje, o produtor de 54 anos está revivendo a gravação de *Bad* enquanto assiste a uma edição bruta do videoclipe da faixa-título em uma TV no quarto.

Assim que ouviu a canção, Jones pensou em chamar o amigo Martin Scorsese para dirigir o vídeo. Conhecedor da importância da imagem na música, DiLeo colocou pressão para conseguir Scorsese, sabendo que uma fantasia lustrosa mais a la Spielberg simplesmente cimentaria ainda mais a problemática imagem de Peter Pan de Michael.

De acordo com um amigo próximo de Scorsese, a filmagem de "Bad" foi "um pesadelo". Michael insistiu que o diretor "filmasse várias tomadas repetidamente". O cineasta descreve o astro como "um perfeccionista" e diz que, por causa do próprio cantor (que também estava pagando a conta), o clipe ficou "duas ou três vezes mais caro do que o orçamento", custando cerca de US$ 2 milhões. Mesmo assim, o diretor achou Michael "simpático, doce e aberto".

"JÁ É TARDE DEMAIS", DIZ O EMPRESÁRIO FRANK DILEO. "MICHAEL NÃO TERÁ UMA VIDA NORMAL MESMO SE EU PARAR DE FAZER O MEU TRABALHO"

Durante as sessões de gravação, *Thriller* pairava sobre todos – especialmente sobre Michael. Ele havia composto 62 músicas e, em 1985, tinha gravado dezenas de demos de 48 faixas em seu estúdio caseiro, incluindo uma cover de "Come Together", uma de suas músicas preferidas dos Beatles. Quando ele e Jones foram para o estúdio Westlake em 4 de agosto de 1986, a pressão estava aumentando. "Fiz a mesma parte pelo menos cinco vezes diferentes em cada música", conta o guitarrista David Williams. "Eles estavam tentando no mínimo se equiparar a *Thriller*."

No estúdio, Michael, normalmente se vestia informalmente, mas às vezes aparecia usando, como Jones descreve, "essas coisas de Capitão Marvel" ou "um terno lindo e elegante". Enquanto gravava os vocais, o cantor exigia que as luzes fossem apagadas e quase sempre dançava; há um palco permanente com piso de madeira e espelhos no estúdio D. Durante as sessões, amigos famosos foram encorajados a passar por ali para aliviar o tédio: Spielberg, Sean Lennon, Emmanuel Lewis, Robert De Niro e Oprah Winfrey apareceram no local.

Em uma festa de Natal na casa de Quincy Jones em 1986, o compositor Glen Ballard perguntou, meio brincando: "Precisa de alguma coisa para Michael?". "Preciso", o produtor respondeu, também meio brincando. "Preciso de um sucesso!" Jones agora diz que queria "mais quatro músicas matadoras"; na primeira semana de fevereiro de 1987, fez uma reunião com seus compositores e alertou outros editores que estava procurando material. Acabou encontrando duas músicas: "Just Good Friends", de Terry Britten e Graham Lyle, fabricantes de sucessos para Tina Turner; e a única faixa de "mensagem" do álbum, "Man in the Mirror", de Ballard e Siedah Garrett.

No mesmo mês, Michael fez uma pausa para filmar um vídeo estendido com orçamento de US$ 8 milhões para a música "Smooth Criminal", na qual interpreta um gângster da era de Al Capone. Quando esse processo levou dois meses, os conselheiros do artista perceberam que tinham uma crise nas mãos. *Bad* tinha de estar finalizado e nas lojas antes da turnê já agendada para setembro no Japão. DiLeo convocou uma reunião de emergência na sede da Universal Studios, onde Michael ainda estava trabalhando no vídeo. "Este trem tem de partir", implorou DiLeo. O álbum finalmente foi masterizado em 10 de julho.

No final, as centenas de rolos de fita digital usadas para *Bad* encheram uma sala do Westlake. O disco levou mais de dois anos para ser concluído (*Thriller* foi gravado em apenas três meses) e custou mais de US$ 2 milhões. Agora era hora de Michael sair de seu reino encantado e tentar vender alguns produtos.

Em sua cabana, o homem da produção ataca novamente. "Esta será, sem dúvida, a última turnê de Michael – não é mentira, nem bobagem, nem enganação, nem chamariz, nada desse tipo."

O quê?

DiLeo está se divertindo. "Sua única turnê solo da carreira. Porque, depois dela, ele fará filmes. E discos. Foi o que me disse."

O empresário está dando esta entrevista por um motivo – Michael Jackson não fala mais com a imprensa. Há muitas teorias com relação a isso. Uma delas é que a timidez extrema de Michael torna as entrevistas insuportáveis. Mais provavelmente, ele percebe que, quanto menos é dito, mais as pessoas querem saber.

Até a câmara hiperbárica faz parte de sua abordagem de marketing. A exploração calculada das excentricidades de Michael é uma jogada elaborada que o ajudou a continuar sendo notícia sem nenhum produto novo. "É um trabalho muito bom de relações públicas", diz David Williams. "Conheço Michael. Ele coleciona alguns objetos, coisas estranhas. Não tinha que dizer isso para a imprensa. Tem milhares de coisas que ninguém sabe na casa dele e que provavelmente são um pouco mais estranhas do que isso. É um golpe publicitário."

Quincy Jones é mais pragmático sobre as esquisitices de Michael. "A maioria das pessoas, se tivessem o sucesso que Michael tem, não aguentaria", afirma. "E prefiro ter um garoto falando sobre os ossos do Homem Elefante do que cheirando um quilo de cocaína. Com certeza."

Michael admitiu em uma entrevista para o programa *20/20*, em 1979, que se sentia estranho ao "estar cercado por pessoas e coisas comuns", e que estava "trabalhando nisso". Entretanto, quem permaneceu ao lado dele recentemente diz que seu problema em lidar com "pessoas comuns" piorou. Até DiLeo admite que ele passa a maior parte do tempo enfurnado em casa.

Neste e no próximo ano, o cantor verá um pouco do mundo quando se apresentar para milhões de fãs, mas, assim que a turnê acabar, seu isolamento ficará completo, quando ele entrar nos ambientes herméticos de estúdios de gravação e sets de filmagens.

"Michael é um ser humano", diz David Williams. "Se você falar 'cala a boca' perto dele, ele provavelmente começará a chorar. Acham que é tímido e evasivo e tudo isso, mas não. Está simplesmente assustado e cansado de ter pessoas o incomodando. É um amor de pessoa e os outros o comeriam vivo se ele deixasse."

Então, já estamos mais próximos de Michael Jackson do que nunca. Talvez seja suficientemente perto. Sob a maquiagem e além do portão de ferro, passando pelas maquinações de relações públicas e do show de bizarrices, há um menino assustado, tímido e anormalmente pequeno que por acaso é um dos cantores e dançarinos mais talentosos que o mundo já viu. Talvez, se realmente estivéssemos na companhia dele, seria chato, ou tedioso, ou pior: perderíamos o interesse e deixaríamos de nos importar.

Essas possibilidades são assustadoras demais para Michael Jackson sequer considerá-las.

Clube de Revistas

ISOLADO
Michael comprou Neverland para se refugiar do mundo

Clube de Revistas

Michael Goldberg foi o primeiro repórter a conseguir acesso ao complexo Neverland, de Michael Jackson, em 1991. "Passei dois dias ali e dormi em um chalé de hóspedes a uma curta caminhada da mansão", ele lembra. "Jackson aparentemente não estava lá, mas nunca soube ao certo e me perguntava se ele estava me espiando enquanto eu caminhava pelo terreno. Eu o tinha encontrado antes, em um evento com fãs. Usando um de seus trajes de realeza, ele ficou quieto enquanto um funcionário me apresentou. Tentei fazer uma conexão, mas foi infrutífera. A mente dele parecia a milhões de quilômetros de distância."

Matéria originalmente publicada na *Rolling Stone* E.U.A. #621, em 9 de janeiro de 1992

Por trás do TRONO

No começo dos anos 1990, a *Rolling Stone* passeou pela incrível terra de fantasia que Michael Jackson chamava de casa

Por **Michael Goldberg**

Clube de Revistas

Os sete anões estão cantando. As vozes deles saem de alto-falantes escondidos entre as árvores e plantas que cercam a mansão de Michael Jackson, no Neverland Valley – o oásis de 1.090 hectares e US$ 22 milhões do cantor, a uma hora ao norte de Santa Barbara, Califórnia. "O Xanadu de Michael", como diz o diretor John Landis, amigo dele.

Em Neverland, Jackson criou um ambiente recluso e seguro, longe de homens de negócios, advogados, celebridades de canais musicais de TV e até de gente da família. Aqui, ele pode ficar na frente da casa e os únicos sons que ouvirá são os dos pássaros nos carvalhos e plátanos e, claro, os Sete Anões. Se escolher admirar o amplo lago que se estende diante de sua casa de campo de três andares em estilo Tudor, além dos gramados verdes e canteiros de flores lindamente cultivados, das estátuas de bronze de meninos batucando tamborins ou tocando acordeões de brinquedo, ele verá simplesmente uma colina tranquila pontuada por árvores.

Nesse grande complexo, protegido por guardas armados que patrulham o terreno 24 horas por dia, Jackson não tem de estar perto de pessoas. E nunca tem de crescer.

EM NEVERLAND, MICHAEL CRIOU UM AMBIENTE RECLUSO E SEGURO, LONGE DE HOMENS DE NEGÓCIOS, ADVOGADOS E ATÉ DE GENTE DA FAMÍLIA

Embora ele agora seja um homem de 33 anos, seus conhecidos e amigos dizem que ele ainda tem os interesses de uma criança e que, em Neverland, Jackson criou o maior playground já feito para crianças. "Estar com Michael é como estar na fábrica do Papai Noel", diz o coreógrafo Vincent Paterson.

Papai Noel está fazendo hora extra em Neverland. É possível passear em um trem da virada do século que comporta dezenas de passageiros. Suba a bordo e ele partirá da casa principal e passará por uma vila indígena (ocas, réplicas em tamanho natural de índios, um totem e fogueira), um forte de dois andares (completo, com artilharia pesada que dispara água) e um parque (incluindo um carrossel com animais pintados à mão feitos sob medida, uma roda gigante, um escorregador de três andares e um brinquedo emocionante chamado Zipper).

Continue e você verá o complexo Neverland Cinema, de mais de US$ 2 milhões (onde *Cabo do Medo* está passando hoje à noite, de acordo com cartazes em cada parada ao longo da rota do trem). Entre e encha os olhos com o balcão de doces, cheio de todo tipo de pipoca e guloseima imaginável. Nos dois lados da grande sala principal de projeção, você verá salas de exibição envidraçadas separadas, completados por camas para crianças doentes.

Passará ainda pelo zoológico, com cavalos e zebras, búfalos e chimpanzés, avestruzes e cisnes, veados e lhamas. E o zurro (um cruzamento de zebra com burro). Não podemos esquecer das três girafas.

Você pode passear de barco no lago, ou talvez esteja a fim de um jogo de fliperama – o prédio de recreação tem dois andares deles.

À noite, Neverland parece ter sido salpicada com uma espécie de pó de pirlimpimpim de alta tecnologia. No parque de diversões, por exemplo, Jackson mandou instalar luzes brancas nos troncos e galhos dos carvalhos. Enquanto essas luzes piscam, árvores brilhantes parecem se materializar diante de nossos olhos e desaparecer. Uma trilha sinuosa de tijolos amarelos leva ao parque de diversões iluminado, contrastando com o céu negro. Na casa, o lago, as estátuas e os próprios edifícios de madeira e pedra parecem peças de um conto de fadas.

Jackson às vezes entra na hidromassagem externa, tira uma pedra grande que esconde uma TV e um videocassete e, sentado sob as estrelas, assiste a uma das centenas de vídeos guardados em sua videoteca no andar de cima da casa principal.

Frequentemente, ele chama crianças para brincar. De acordo com seu porta-voz pessoal, Bob Jones, isso inclui "ônibus cheios" de crianças carentes e com doenças terminais (como o falecido Ryan White), além de jovens amigos do superastro.

"Quando as crianças estão aqui, às vezes ficam tão empolgadas que não conseguem dormir", conta Lee Tucker, que ajudou a desenhar o cinema de Jackson e serve de projecionista. "Às vezes recebo uma ligação às duas da manhã: 'Lee, você pode passar tal filme?' Neverland não se trata de crianças indo dormir na hora certa. Elas realmente dominam o lugar quando estão aqui."

Jackson gosta muito de crianças. Quem o conhece acredita que um motivo pelo qual ele pode relaxar com elas é que realmente acredita que gostam dele por sua personalidade, não por ser um grande astro. Como um conhecido observa: "Se você tem menos de 90 cm, pode ter acesso total a Michael".

A casa é lindamente mobiliada. O andar principal inclui uma biblioteca com painéis de carvalho cheia de edições raras de clássicos de Charles Dickens, Mark Twain e dezenas de outros. A grandiosa sala de estar conta com um piano Bösendorfer de pau-rosa feito sob medida e várias obras de arte raras. Há um amplo refúgio com uma lareira de pedra Bouquet Canyon, uma cozinha profissional totalmente equipada e uma sala de jantar espaçosa com sua própria lareira. No fim do corredor está o quarto de Jackson, proibido para a maioria dos visitantes; ele tem vista para um jardim envolto por um muro de pedra de 1,8 m de altura.

O andar de cima, como o terreno do complexo, é cheio de coisas com as quais crianças sonham. Um cômodo é repleto de brinquedos e jogos infantis. Há um quarto de bonecas – um espaço grande com uma cama de dossel coroada por dezenas de bonecas. Uma casa de três andares mobiliada contendo miniaturas fica em um lado do cômodo. Pratos do *Mágico de Oz* e caixinhas de surpresa, cada uma com Dorothy, o Espantalho, o Homem de Lata ou um dos personagens principais, foram colocados em prateleiras. Sobre uma mesa no canto, há a autobiografia de Shirley Temple Black, *Child Star*.

Uma escadaria estreita leva à sala de trens. Uma parte do cômodo está coberta com pistas de corrida de carros. Encostadas na parede, estão figuras enormes em papelão de Bart Simpson e Roger Rabbit, além de um monitor de vídeo do *E.T.* cheio de cópias do filme. Colchas de Peter Pan, Mickey Mouse e Bambi estão no chão.

Ironicamente, enquanto Neverland se torna ainda mais mágica, o próprio Jackson frequentemente não consegue aproveitá-la. Na maior parte dos três anos desde que a comprou, ele passou boa parte do tempo preso em estúdios de gravação, trabalhando em seu novo álbum, *Dangerous*. Planos de turnê não foram formalizados, mas, como todo mundo já sabe, o show de Michael Jackson está, mais uma vez, aberto para negócios.

O rei do pop." é assim que Fox, BET e MTV, os canais de TV norte-americanos que conseguiram os direitos para estrear o clipe de "Black or White", agora se referem a Michael Jackson. Esse foi o acordo. Se quiser "Black or White" primeiro, chame

Clube de Revistas

TEMPOS DE MUDANÇA
Michael em 1992, durante a turnê *Dangerous*. No ano seguinte ele seria acusado de molestar uma criança, acontecimento que mudou a vida do artista em definitivo

Jackson de "Rei do Pop". Um memorando de 11 de novembro de 1991, digitado em papel timbrado da MTV, orientava todos os apresentadores a se referir a Jackson como "o Rei do Pop" pelo menos duas vezes por semana nas duas semanas seguintes.

Estima-se que meio bilhão de pessoas viu a estreia de "Black or White", que rapidamente se tornou o vídeo mais pedido da semana na MTV. Em jornais grandes e pequenos de todo o mundo, outros milhões leram sobre ele e a polêmica que explodiu em relação às cenas nas quais Jackson simula masturbação, quebra os vidros de um carro e estilhaça a vitrine de uma loja com uma lata de lixo. Landis diz que o final controverso do clipe foi totalmente ideia de Jackson. "Ele queria que fosse mais sexualmente explícito", afirma Landis, acrescentando que partes da dança que filmaram eram ainda mais extremas.

O pessoal de Jackson negou qualquer sugestão de que a polêmica foi planejada. Mesmo assim, independentemente de suas intenções, quem está ao redor do músico, além de pelo menos um executivo de alto escalão da Sony, pareceu felicíssimo com toda a atenção. Só que uma pergunta permanece: independentemente de quanto burburinho é gerado, Jackson conseguirá superar suas vendas de discos anteriores?

Nos quatro anos desde que *Bad* (1987) foi lançado, Jackson tem, à maneira dele, tentado assumir controle total de sua vida. Parou de trabalhar com Quincy Jones, o homem que produziu ou coproduziu *Off the Wall* (1979), *Thriller* (1982) e *Bad*. Despediu o empresário Frank DiLeo e contratou Sandy Gallin, que trabalhou com Dolly Parton e Neil Diamond, entre outros. Trocou de advogados. Neste ano, os conselheiros de Jackson negociaram um contrato de US$ 65 milhões com a Sony Music que lhe deu não apenas participação nos lucros com as vendas de seu álbum, mas também sua própria gravadora e a oportunidade de fazer filmes para a Columbia Pictures, da Sony. Foi um acordo inédito.

As coisas mudaram desde *Thriller* e *Bad*. Enquanto o rap se tornou uma força a ser reconhecida, o rock pesado mais uma vez chamou atenção nos Estados Unidos. Produtores como L.A. Reid, Babyface e Teddy Riley criaram o new jack swing, a mais recente versão da soul music. Estrelas como Madonna, Peter Gabriel, Hammer e R.E.M. aumentaram os padrões com relação a videoclipes, e os Rolling Stones fizeram a maior e mais extravagante turnê da década.

Quanto a um novo disco, Jackson tinha de bolar algo que soasse novo, mas não afastasse seus milhões de fãs. A solução foi criar um álbum de apelo em massa no qual metade das faixas imita seus trabalhos anteriores ("Heal the World" é uma releitura óbvia de "We Are the World"; "Who Is It" copia os passos de "Billie Jean"). Ele também trouxe Teddy Riley para criar batidas inovadoras.

Jackson gastou estimados US$ 10 milhões para gravar *Dangerous*, usando sete estúdios e gravando cerca de 60 músicas (um representante da Epic negou esse número). Em um momento durante as sessões, Slash, dos Guns N'Roses, recebeu uma ligação de Jackson. Ele tinha uma balada poderosa, "Give In to Me", e queria que o guitarrista fizesse o solo. Só que Slash não tinha tempo para gravar a participação. "Estava viajando para a África", ele conta. "Nossas agendas não bateram, mas Michael conseguiu dar um jeito para que eu gravasse quando voltasse da África. Saí do avião e fui até o estúdio."

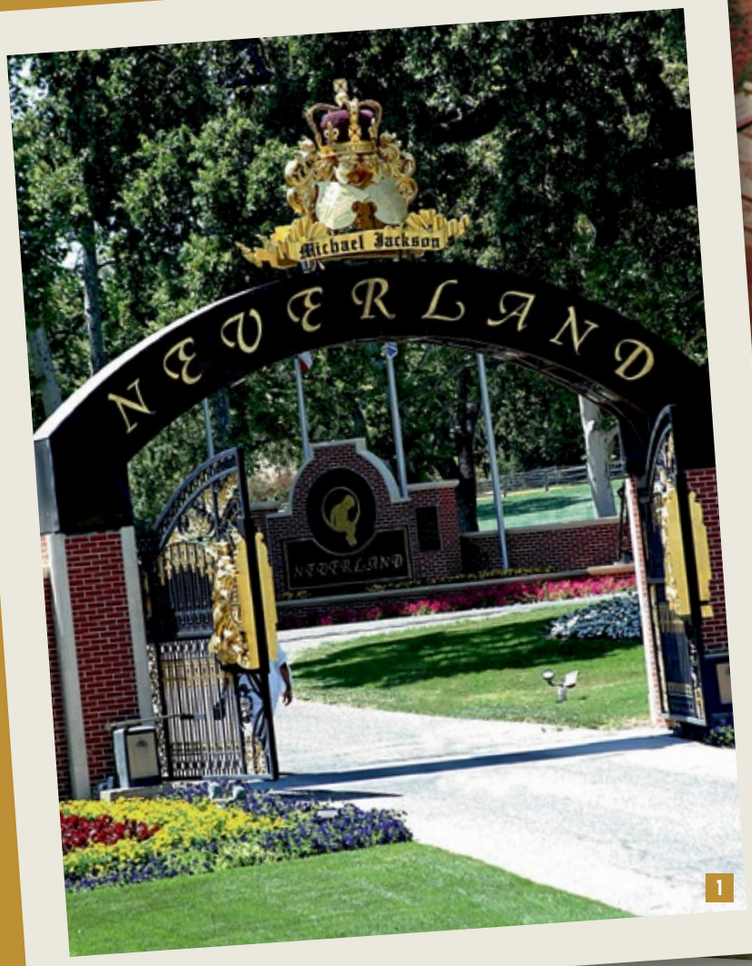
"Entrei e comecei a tocar – e foi isso", diz o guitarrista. "Foi muito espontâneo. Ele só queria o meu estilo. Nada de pressão. Estava realmente em sincronia comigo. Não venho desta escola de guitarristas de heavy metal, tudo o que faço ou curto vem do mesmo lugar de onde Michael Jackson vem. Podemos ir em direções separadas ou estar em lados diferentes do muro, mas no final das contas tudo vem da mesma origem."

Trabalhar com Jackson no estúdio pode ser complicado. Ele quase nunca sai ou diz que não gosta de algo. "Ele dá indicações características", conta Bill Bottrell, um dos produtores do álbum. "Sair da sala é uma delas."

A abordagem de Jackson em relação à coprodução de músicas é incomum. "Normalmente ele não começa com a letra, mas ouve o som e todo o arranjo na cabeça", diz Bottrell. "Cantarola coisas. Pode transmitir isso com sua voz como ninguém. Não apenas cantando a letra da música, mas consegue transmitir uma sensação em uma parte de bateria ou de sintetizador."

Embora Jackson tivesse ficado feliz com boa parte das músicas que concluiu, sentia que os

Clube de Revistas



1

2

3

4

REINO PARTICULAR
1 e 2. A entrada e uma visão aérea de Neverland, o icônico mundo de fantasia criado por Michael; 3. O cantor se divertindo em um carrinho de bate-bate; 4. Crianças sempre estavam presentes na mansão

grooves dançantes não tinham funcionado. “O desejo de Michael era apresentar algo das ruas, algo com que os jovens conseguissem se identificar”, afirma o engenheiro de som Bruce Swedien.

Aí entra Riley, que aparentemente foi sugerido a Jackson por Eddie Murphy como o produtor certo para dar grooves matadores. Assim que Jackson e Riley se entenderam, começaram a criar faixas. “Quando o prazo acabou, ele queria fazer mais e mais músicas”, conta Riley.

Um dia, Swedien encontrou Jackson chorando no estúdio. A música que havia tentado cantar, “Keep the Faith”, estava no tom errado. “Ele ficou absolutamente arrasado. Falei: ‘Michael, não é um problema tão grande assim’”, relembra Swedien. “Havíamos tentado dois tons e escolhido o errado. Eu disse: ‘Você pode se recompor e enfrentar isso agora’. Era tarde. Continuei: ‘Não vamos para casa até você ter cantado tudo’. Ele se recompôs, gravamos uma demo totalmente nova e gravamos um vocal de base completo. Uma situação assim poderia ter sido um verdadeiro bloqueio. Só saímos do estúdio ao amanhecer.”

A pressão para concluir o álbum a tempo de um lançamento antes do feriado de Ação de Graças (celebrado nos Estados Unidos na quarta quinta-feira de novembro) era enorme, mas ele foi finalizado no começo da manhã de 31 de outubro. Em seu lançamento, em 26 de novembro, *Dangerous* entrou nas paradas no número 1, com 350 mil cópias vendidas nos primeiros cinco dias em solo norte-americano (os números de vendas de uma semana inteira não foram contados por causa do feriado).

Jackson tinha muita coisa em jogo em *Dangerous*. O sucesso do álbum cimentaria o caminho para o próximo aspecto de sua carreira: astro do cinema. Ele queria ser um ator clássico, como sua amiga Elizabeth Taylor. Só que as estrelas atuais são figuras cujas vidas privadas estão abertas para discussão. Como Landis observou, Jackson deu ao público diversos tópicos pessoais para discutir e debater, da sexualidade ao rosto dele.

Teddy Riley afirma que, durante as sessões de *Dangerous*, Jackson falava muito sobre o que havia feito com seu rosto e pele. “Tenho certeza de que, se Michael pudesse ter voltado no tempo, não teria feito aquilo”, acredita Riley. “Não dá para voltar atrás, mas ele ainda é Michael Jackson; ainda é o homem talentoso com quem todos cresceram.”

Realmente, isso parece ser o que o próprio Jackson estava tentando transmitir. Todos os animais, anjos, esqueletos e brinquedos que ocupam boa parte da capa de *Dangerous* pareciam ser uma máscara por trás da qual o verdadeiro Michael Jackson se escondia.

Mas há uma coisa que sabemos com certeza sobre esse Michael: ele sabia como criar música que o mundo ama. Deveria ter tido mais fé em seu talento – que, mais do que tudo, foi responsável por décadas de estrelato dele.

Clube de Revistas

As 50 MAIORES músicas

As histórias por trás das canções que fizeram o mundo dançar

Clube de Revistas

AINDA GRANDE
Em show no intervalo do Super Bowl, em 1993

Clube de Revistas

CALÇADA DA FAMA
O astro no set do vídeo de "Billie Jean", em 1983

Clube de Revistas

A melhor canção de Michael Jackson resume todas as contradições na música feita por ele: exuberância juvenil, nervos torturados, graciosidade física. Como o astro disse à *Rolling Stone* na época, "Billie Jean" refletia sua própria paranoia sexual como um mega-astro de 24 anos: "Garotas no lobby, subindo as escadas. Você ouve os seguranças tirando-as dos elevadores, mas fica no quarto e compõe uma música. Quando fica cansado disso, fala sozinho. Então, libera tudo no palco". Embora "Billie Jean" tenha sido uma das primeiras faixas que Jackson escreveu para *Thriller*, ele e Quincy Jones ficaram brincando com ela até a fase de masterização final. A linha de baixo vem do mestre do funk Louis Johnson, do grupo The Brothers Johnson. O baterista Ndugu Chancler gravou sobre uma batida de bateria eletrônica original de Jackson, enquanto o veterano do jazz Tom Scott tocou o surpreendente solo de Lyricon. Com cinco minutos de duração, "Billie Jean" tem o movimento elegante da disco music, mas também uma sensação épica de rock clássico. Quincy Jones estava preocupado com o tamanho excessivo da introdução: "Só que [Jackson] disse: 'Esta é a delícia, é o que me faz querer dançar'". O mundo tem dançado com "Billie Jean" desde então.

Nº 1
BILLIE JEAN

Clube de Revistas

I Want You Back

Diana Ross Presents
The Jackson 5, 1969

2 Desde o piano ascendente que a inicia, "I Want You Back" é um choque glorioso após o outro – e, em 1969, a maior surpresa foi que o vocalista era, sem dúvida alguma, um artista magnífico, além de ser apenas um garotinho (Michael tinha 11 anos quando gravou, embora a Motown dissesse que tinha 8). Deke Richards, Freddie Perren e Fonce Mizell inicialmente a compuseram como uma demo para Gladys Knight and the Pips chamada "I Wanna Be Free". O chefão da Motown, Berry Gordy, ajudou a reescrevê-la para o Jackson 5, que havia acabado de contratar; sob o nome coletivo Corporation, os quatro membros dessa equipe de composição continuaram gerando muitos dos primeiros sucessos do Jackson 5. "I Want You Back" não foi o primeiro single do grupo (havia sido "Big Boy", de 1968, distribuído localmente), mas foi a estreia nacional do quinteto, uma música irresistível com um arranjo brilhante que deixa a voz de Michael dar piruetas sobre o groove da melodia. Ela continuou uma presença constante em praticamente todos os shows que ele fez pelo resto da vida.

Don't Stop 'Till You Get Enough

Off the Wall, 1979

3 Jackson chamou a faixa que abre de *Off the Wall* de "minha primeira grande chance", e não estava brincando. Com seis minutos de funk pop alegre que voaram como um jato, "Don't Stop 'Til You Get Enough" foi um sucesso imbatível e um marco na vida criativa de Jackson. "Essa música significa muito para mim, porque foi a primeira que compus inteira", ele escreveu na autobiografia *Moonwalk*. Realmente, ela sintetiza a nova abordagem "mãos à obra" de Michael Jackson. Ele não apenas a escreveu, mas também cantou todos os vocais de apoio em várias camadas e elaborou a introdução falada ("para aumentar a tensão e surpreender as pessoas", disse). Até tocou as garrafas de vidro (junto ao irmão Randy) que deram à música mais brilho rítmico. Quando a mãe dele, Katherine, questionou as insinuações sexuais de versos como "Não há nada como um desejo de amor... Estou derretendo como cera quente", Jackson respondeu: "Bom, se você acha que significa algo sujo, então é isso o que significa, mas não foi minha intenção".

I'll Be There

Third Album, 1970

4 "Apenas olhe sobre seus ombros, querida!", Jackson exclama no meio de "I'll Be There", citando erroneamente outro sucesso da Motown, "Reach Out I'll Be There", dos Four Tops. É um erro claro que de alguma forma deixa a performance dele ainda melhor – com apenas 11 anos quando a música foi gravada, ele estava cantando sobre emoções que nunca tinha experimentado, mas com o poder e o fogo de um homem que havia vivido muitas vidas. Reescrita a partir de uma demo do baixista da gravação, Bob West, com arranjo vocal de Willie Hutch (que mais tarde se tornou um astro), "I'll Be There" também tem como destaque o vocal de Jermaine Jackson. Era o quarto número 1 consecutivo do Jackson 5 e o single mais vendido da Motown até aquele momento, e mostrou que os dons do grupo eram muito mais profundos do que a diversão risonha de seus primeiros sucessos, além de ter revelado as raízes gospel que ancoravam sua arte. Em *Moonwalk*, Jackson a chamou de "a música que verdadeiramente nos revelou; foi a que disse 'Estamos aqui para ficar'".

Shake Your Body (Down to the Ground)

Destiny, 1978

5 Esta jam representa o momento em que Michael Jackson passou de vocalista principal de uma boy band muito bem-sucedida para o posto de Rei do Pop – ou, pelo menos, seu jovem príncipe. Pegando a determinação protodisco de "Dancing Machine", do J5, "Shake Your Body..." acrescentou uma dose cinética de soul: um crossover do som de Sly and the Family Stone e do funk de sintetizador no estilo de Stevie Wonder, junto a vocais percussivos e gemidos ainda adolescentes de Michael. Significantemente, Destiny foi o primeiro LP autoproduzido pelo grupo que havia se rebatizado como The Jacksons após o rompimento com o irmão mais velho, Jermaine, e a saída deles da Motown. A música chegou ao número sete das paradas, mas isso esconde sua profunda presciência pop. Ela foi memoravelmente sampleada em "Get on the Dance Floor", de Rob Base & DJ E-Z Rock, entre outras faixas de hip-hop. Justin Timberlake – um homem que deve imensamente a Michael – fez uma cover dela em 2013.

Smooth Criminal

Bad, 1987

6 Como Michael Jackson era o mais amado astro pop do mundo, nem todos ficaram felizes com ele lançando uma música que se baseou na agressão narrada na letra de "Beat It". Michael e Quincy Jones supostamente se desentenderam sobre incluir a irresistivelmente ameaçadora "Smooth Criminal" em *Bad*, e fiéis das Testemunhas de Jeová visitaram o set do videoclipe dessa faixa expressando decepção com suas imagens violentas, mas Jackson se manteve firme. O resultado é a melhor mistura de groove R&B e ousadia rock feita pelo cantor, e um ponto de virada em sua jornada em direção a um material mais sombrio. Inspirada parcialmente pela história de Richard Ramirez, um assassino em série de meados dos anos 1980, "Smooth Criminal" existia em uma forma levemente diferente desde 1985, inicialmente chamada "Chicago 1945" e depois rebatizada como "Al Capone". As duas versões contavam com uma linha de baixo rápida e funk. A batida do coração ouvida na faixa é uma versão em Synclavier dos batimentos de Jackson e ajuda a dar um contraponto arrepiante a seus gritos assombrosos de "Annie, você está bem?".

Wanna Be Startin' Somethin'

Thriller, 1982

7 Originalmente composta durante as sessões de *Off the Wall*, a faixa de abertura de *Thriller* foi uma declaração radical. Usando o canto africano "ma ma se ma ma sa ma ma ku sa" do improvável sucesso pop "Soul Makossa" (1972), do saxofonista camaronês Manu Dibango, Jackson ampliou o apelo universal da canção, prestando homenagem a suas raízes. Em primeiro lugar, tem uma batida para as pistas – "dá para brincar com ela na pista de dança e suar malhando", como Jackson a descreveu –, mas também tem drama lírico e tensão vocal. Entre o rodamoinho de batidas de sintetizador, as cores da cuíca do percussionista brasileiro Paulinho da Costa, os golpes quentes de instrumentos de sopro e os ritmos batucados por Jackson e companheiros de banda, o groove nunca para de chegar. Se *Off the Wall* havia sido o momento de coroação da disco pop, este é o primeiro grande exemplo da dance music poliglota pós-disco – basicamente, o que o pop global se tornou.

Clube de Revistas

Beat It
Thriller, 1982

8 Uma mistura visionária de bravata heavy metal com o brilho da disco, completada com a erupção da guitarra de Eddie Van Halen. Com o videoclipe, "Beat It" invadiu as rádios rock, além de todas as outras estações no dial, chegando ao número 1 apenas uma semana depois de "Billie Jean" sair de seu reinado de sete semanas (a música que chegou ao topo nesse meio tempo? "Come on Eileen", do Dexys Midnight Runners). "Beat It" foi a última música adicionada a Thriller, já que a data de lançamento estava quase chegando. Como Quincy Jones contou à Rolling Stone: "Quando estávamos terminando 'Beat It', tínhamos três estúdios trabalhando. Eddie Van Halen estava em um, Michael estava em outro cantando um trecho através de um tubo de papelão e estávamos mixando em outro. Trabalhamos cinco dias e cinco noites sem dormir. A certa altura, os alto-falantes sobrecarregaram e pegaram fogo". A única pessoa que não ficou impressionada foi David Lee Roth, vocalista do Van Halen, que desdenhou: "O que Edward tinha a ver com Michael Jackson? Ele foi e tocou o mesmo solo que está tocando nesta banda há 10 anos. Grande coisa!".

Black or White
Dangerous, 1991

9 Um chamado à unidade racial que cumpria o que proclamava ao combinar uniformemente o balanço do rock clássico e a garra do R&B, "Black or White" é a melhor música que Jackson gravou nos anos 1990. "Achava o rock dele até aquela época um pouco caricato", disse Bill Bottrell, que coescreveu e coproduziu a faixa. O riff tipo Stones veio de Jackson, que o murmurou para Bottrell um dia no estúdio. "Transformei em uma coisa de rock sulista, uma melodia crua", contou. Jackson também veio com a ideia de um ritmo forte para as pistas. "Comecei a adicionar muita percussão, incluindo cowbells e chocalhos", relembrou Bottrell, "tentando conseguir um groove mais balançante." Em vez de chamar um figurão do hip-hop, Jackson deixou Bottrell lidar com o trecho de rap que pedia consciência, mas são os vocais incisivos do cantor que fazem da música um tour de force de pop polido e energia bruta. A performance foi, na verdade, um teste vocal, mas Jackson – um perfeccionista sonoro que constantemente regravava tomadas inegavelmente excelentes – sabia que ela era suficientemente boa para deixar como estava.

MINHA MÚSICA PREFERIDA

BRITNEY SPEARS
The Way You Make Me Feel
1987

Lembro que ainda era uma criança quando dançava na sala de estar com esta música. A batida é fenomenal e ela captura a personalidade de Michael em seu auge, quando ele era o rei. Ela me leva de volta à época da escola – tudo era Michael Jackson. Não conseguia imitar seus passos de dança porque pareceria uma boba, mas cantávamos suas músicas no recreio e eu fazia minhas piruetas e coisas de menina. Em 2001, consegui cantar "The Way You Make Me Feel" com ele em seu especial de TV de 30º aniversário de carreira. Ele é o único homem que tive medo de conhecer, porque era muito icônico. Ensaiei sozinha e, então, ele chegou e fez a performance perfeitamente, o que é impressionante. Foi difícil não pensar: "Caramba, estou no palco com Michael Jackson!". No final da música, ele me deu um braço apertado e disse que me amava. É, provavelmente, o maior artista de todos os tempos.

Clube de Revistas

FENÔMENO
Jackson em Los Angeles, em 1971, aos 12 anos

Clube de Revistas

MINHA MÚSICA PREFERIDA

PETE WENTZ

Leave Me Alone

1987

Acho que é o ponto mais real em que michael chegou. Para mim, a música fala da frustração que ele sentia. O mundo estava muito focado nos aspectos bizarros da personalidade dele, e ele estava sentindo algo muito maior do que aquilo. Michael Jackson, pelo que eu saiba, nunca foi à imprensa falar sobre algum daqueles boatos, mas no clipe da música há um nariz voando com um bisturi e ele está dançando com os ossos do Homem Elefante. Aquilo era insano! Era simplesmente incrível. E é interessante que ele tenha conseguido explorar o lado mais sombrio daquela paranoia, da sensação de que todos o observavam.

10 *Rock With You*

Off the Wall, 1979

"Muitas músicas dançantes são ameaçadoras, mas gostei da aproximação, da gentileza desta – pegar uma garota tímida e deixar que ela abandone seus medos em vez de expulsá-los à força", disse Jackson, descrevendo "Rock With You". Provavelmente o último sucesso da era da disco clássica, esta faixa que liderou as paradas continua sendo uma das grandes canções do R&B moderno, um guia para inúmeros aspirantes a mestres da sedução. Embrulhada em vibrantes arranjos de cordas, ela fica no meio do caminho entre uma balada para momentos íntimos e uma incendiária faixa para as pistas de dança. "Músicas como 'Rock With You' me fizeram querer virar artista", afirmou Usher em 2009. Foi a primeira canção composta para Jackson por Rod Temperton, da banda de funk alemã Heatwave, depois de um pedido de Quincy Jones (posteriormente, Temperton compôs "Thriller", "Off the Wall", "Burn This Disco Out", "Baby Be Mine" e outras). O videoclipe, com Jackson fazendo sua mágica em uma roupa prateada com pouco mais do que lasers e fumaça como efeitos visuais, mostra um artista solo que ainda parecia muito jovem, mas tinha controle total de sua arte.

11 *ABC*

ABC, 1970

O que o jackson 5 faria para um bis depois de "I Want You Back"? Que tal construir algo sobre ela? O compositor Deke Richards elaborou um pequeno riff a partir do refrão do sucesso anterior, o moldando em uma música nova e igualmente potente. Ele e os parceiros do Corporation vieram com letras inspiradas pela realidade; como o compositor Freddie Perren disse: "[Eles tinham] a idade que tinham, e a maioria dos fãs ainda estava na escola". Em outras palavras, "ABC" era um pop direto, mas mais engraçado e funk do que os sucessos voltados para a garotada que grupos como The Archies e Ohio Express haviam lançado alguns anos antes. A quebra rosnada e percussiva e uma guitarra com fuzz retumbante que deixa o riff mais poderoso toda vez que começa ou para são tão sofisticadas quanto qualquer coisa que acontecia no pop em 1969. Nas palavras de Michael Jackson, "os versos eram trava-línguas, e é por isso que foram divididos" entre Jermaine e ele. Mesmo assim, Michael domina a música: as partes de Jermaine estão afundadas na mistura de sons, enquanto Michael grita como se precisasse da atenção da professora.

12 *Man in the Mirror*

Bad, 1987

A balada mais ambiciosa e emotiva de Jackson foi composta no final das sessões de *Bad* por Glen Ballard e Siedah Garrett. "Era o último fim de semana; estávamos prestes a fechar o disco e Quincy perguntou: 'Vocês não têm algo para nós?'", contou Ballard. "Fizemos uma demo rápida com Siedah cantando, e ela a tocou para Quincy no dia seguinte. Quincy amou e a mostrou na segunda-feira para Michael, que disse: 'Gravem as bases'. Então, começamos a construí-la, e foi mágico." Jackson assumiu a partir dali, pedindo que Siedah adicionasse vocais secundários e trazendo o coral de Andraé Crouch, de São Francisco, e o grupo The Winans para o apoio. "Ele falou: 'Quero que você a deixe grandiosa. Simplesmente faça soar muito gospel. Faça soar como a igreja'", lembra Sandra Crouch, irmã do líder Andraé . "E foi o que fizemos." Depois de ouvir a canção, Marvis Staple cantou o inesquecível "sch-mon" criado por Jackson, como uma homenagem ao clássico "I'll Take You There", do grupo The Staple Singers, outra canção com profundas raízes gospel.

13 *Bad*

Bad, 1987

A faixa-título de *Bad* injetou um novo nível de tensão na música de Jackson. Composta por ele, a música foi inspirada por uma reportagem que ele leu sobre um estudante afro-americano que havia saído de um bairro pobre para frequentar uma escola majoritariamente branca e que foi assassinado em uma visita à família. Ao mesmo tempo, Jackson era obcecado por Prince, a quem via como um verdadeiro concorrente (durante uma visita ao rancho Neverland, os produtores L.A. Reid e Babyface se sentaram com ele em seu cinema caseiro e assistiram ao filme Sob o Luar da Primavera, de Prince). Talvez para provar quem realmente era o Rei do Pop, Michael Jackson e Quincy Jones inicialmente conceberam "Bad" como um dueto – ou duelo – entre os dois (Prince supostamente cantaria o verso inicial "your butt is mine"). Prince se encontrou com Jackson e Jones para discutir a colaboração, mas desistiu depois de ouvir a música. Quando saiu da reunião, presumidamente disse: "Será um grande sucesso, mesmo se eu não estiver nele!".

Clube de Revistas

NO ARMÁRIO
As roupas que Jackson usou durante a turnê *Victory*, em 1984

Workin' Day and Night

Off the Wall, 1979

14 Um dos monstruosos grooves de *Off the Wall* que poderia facilmente ter sido um sucesso enorme, mas nunca virou single – talvez porque as paradas já estavam repletas de hits do álbum. "Workin' Day and Night" fica na metade do agitado lado A do LP original em vinil, e é uma das duas faixas que Jackson compôs sozinho (a outra foi "Don't Stop 'Til You Get Enough"). A letra dá pistas sobre o lado combativo do cantor, com a reclamação padrão do blueseiro sobre o quanto sua mulher o faz trabalhar. Ainda assim, a percussão latina hiperativa, os trompetes agudos e os vocais implorando por ar refletem a ética de trabalho fanática de Jackson. "Quando ele se compromete com uma ideia, vai fundo", disse Quincy Jones. " Tudo isso é muito poderoso. Você tem de estar emocionalmente pronto para colocar toda a energia necessária para que dê certo." "Workin' Day and Night" é uma faixa obscura, pouco conhecida pelo grande público. Mas é valorizada entre os conhecedores da obra de Michael Jackson.

Remember the Time

Dangerous, 1991

15 "Remember the time" foi a melhor tentativa de Jackson de atualizar seu som para a era do hip-hop. Depois de romper com Quincy Jones por diferenças criativas após a gravação de *Bad*, ele começou a procurar um produtor jovem e acabou contratando Teddy Riley, arquiteto do new jack swing, o som quente do R&B naquele momento. "Cheguei com dez grooves", Riley disse na época. "Ele gostou de todos." "Remember the Time" foi o ponto alto da colaboração deles e uma das melhores performances vocais de Jackson depois dos anos 1980. O engenheiro Dave Way se lembrou de ver o cantor trabalhar na faixa e acertar em cheio "cada nota e harmonia, duplicar, triplicar e, talvez, quadruplicar os vocais – cada vez cantando perfeitamente, com vibratos perfeitamente casados, ritmicamente no alvo, sabendo exatamente o que queria fazer o tempo todo. Impecável". Sobre quem Jackson estava cantando? Riley alegou que a música foi composta depois que Jackson confessou a ele seus sentimentos pela segunda esposa, Debbie Rowe (uma alegação que mais tarde ele desmentiu no Twitter). Jermaine Jackson, no entanto, disse que a música foi composta para Diana Ross.

Human Nature

Thriller, 1982

16 Uma das baladas R&B mais vulneráveis de Jackson teve uma origem surpreendente – a banda de rock Toto. Uma parte do grupo tocou em *Thriller*, incluindo o tecladista Steve Porcaro. Quase no final das sessões, Jones ainda estava caçando músicas, então o Toto enviou algumas demos, e, no final da fita, havia um instrumental inacabado que chamou a atenção de Jones. "Havia um rascunho de bateria, uma coisa muito embrionária", lembrou, "mas com um sabor maravilhoso". Jones a enviou ao letrista John Bettis, que também ajudou a compor sucessos melosos como "Crazy for You", de Madonna. O resultado se encaixou perfeitamente com os vocais sussurrados de Michael, mesmo com a trama envolvendo ir a boates e conquistar alguém para passar uma noite ("Se esta cidade é apenas uma maçã, deixe-me dar uma mordida", ele canta). Embora tenha sido uma adição de último minuto a *Thriller*, "Human Nature" se tornou o quinto single do disco e um sucesso de verão no Top 10. Ela voltou às paradas dez anos mais tarde no sucesso "Right Here/Human Nature" (1993), do grupo SWV, na trilha sonora de *Free Willy*, um filme infantil sobre uma baleia assassina.

The Love You Save

ABC, 1970

17 O terceiro na sequência inédita de três singles do Jackson 5 que foram direto ao topo das paradas chegou ao número 1 em junho de 1970, depois de "I Want You Back" e "ABC". Diferentemente de outras músicas do J5 que poderiam facilmente ser cantadas por um adulto, "The Love You Save" foi especificamente "composta para nossas vozes jovens, com partes para Jermaine e também para mim", como Michael explicou mais tarde. Ele se lembrou de ter visto as linhas vocais e a abertura com scats percussivos como uma "reverência do Corporation ao som de Sly [and the Family Stone], que revezava cantores no palco". Como os sucessos animados de Sly, ela também foi composta para ser música dançante, fosse para garotos cantando em um porão, fosse para uma banda bem coreografada no palco. E o "Stop!" recorrente é um bom eco de "Stop! In the Name of Love", o sucesso das companheiras de gravadora e "irmãs" mais velhas The Supremes. É provavelmente o destaque de um segundo LP que, com covers de "I Bet You", do Funkadelic, e de "La La Means I Love You", do Delfonics, viu o grupo passar de uma novidade para algo bem mais potente.

Clube de Revistas

LEGADO

SALVEM O REI

Clássicos de Jackson inspiraram covers em todos os gêneros musicais, do R&B ao rock, do reggae ao jazz. Aqui estão dez das melhores versões.

Por **Keith Harris**

Mariah Carey

"I'll Be There" (1992)

Mariah se conecta à pureza infantil da balada clássica do Jackson 5, mas também toma propriedade da música. A reprise dessa performance seria um dos momentos musicais mais tocantes do funeral de Jackson.

David Ruffin

"I Want You Back" (1971)

O integrante do Temptations substitui a energia jovem de Jackson por um pesado desespero. Quando Ruffin morreu de overdose, em 1991, Jackson contribuiu significativamente para as despesas do funeral.

Gloria Gaynor

"Never Can Say Goodbye" (1975)

A versão original do J5 expressa o amor juvenil e mostra o anseio que Jackson pode extrair da sílaba "oh". A transformação disco de Gloria Gaynor é sobre desejo carnal e é capaz de dominar qualquer pista de dança.

Willie Nelson

"She's Out of My Life" (1984)

A balada mais teatral da carreira solo de Jackson foi interpretada por cantores com vozes expansivas como Josh Groban, mas a fragilidade dela também combina com a voz suave e cuidadosa de Willie Nelson.

Caetano Veloso

"Billie Jean" (1986)

O icônico brasileiro reinventa "Billie Jean" como um suave samba. Ele também a vincula à história do pop global, acrescentando partes de "Eleanor Rigby" (Beatles) e "Nega Maluca".

Supergrass

"Beat It" (2008)

O Supergrass terminou em 2010, mas, dois anos antes, lançou o álbum *Diamond Hoo Ha*. Um dos pontos altos do disco é "Bad Blood", cuja edição especial em single vinha com uma energética versão de "Beat It" gravada para a rádio XFM.

Miles Davis

"Human Nature" (1985)

Músicos de jazz são fãs desta balada de Thriller – do saxofonista George Howard ao pianista Vijay Iyer. A interpretação de Davis supera todas, mantendo intacta a intimidade ofegante de Jackson.

Sugar Minott

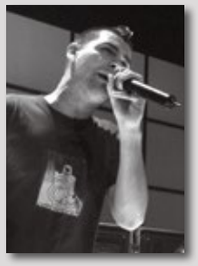
"We've Got a Good Thing Going" (1981)

"We've Got a Good Thing Going" é um lado B que achou seu caminho até o segundo álbum solo de Jackson, em 1972. Minott, pioneiro do dancehall, dá uma roupagem ousada à canção.

Chaka Khan

"Got To Be There" (1982)

O primeiro single solo de Jackson foi uma declaração de devoção. Chaka Khan aumenta o volume com uma interpretação jazzística, levando a canção a notas altas muito mais sugestivas que as da versão original.



Alien Ant Farm

"Smooth Criminal" (2001)

Uma versão nu-metal que transporta os sintetizadores dos anos 1980 para o bombardeio de guitarras dos anos 2000. Com esta versão, a banda conseguiu seu único sucesso.

Clube de Revistas

18 P.Y.T. (Pretty Young Thing)

Thriller, 1982

Cheio de levadas funk no teclado e gírias brincalhonas, "P.Y.T." foi o single mais despreocupado de Thriller. Quincy Jones a compôs com o cantor James Ingram depois que a mulher do produtor levou para casa uma lingerie de uma marca chamada Pretty Young Thing. Ingram disse que ficou impressionado com o modo como Jackson realmente dançava no estúdio enquanto cantava a faixa. Essa energia transparece, enquanto Jackson interpreta o trecho "na-na-na" com duas cantoras de apoio lindas e jovens que ele conhecia muito bem: suas irmãs Janet e La Toya. Diversos artistas, do finalista do *American Idol* Justin Guarini ao próprio Jones (em parceria com T-Pain e Robin Thicke), fizeram covers da música, e a edição de 25º aniversário de *Thriller* contou com uma versão completamente remodelada feita por Will.i.am, mas ninguém conseguiu capturar a energia elétrica da original. "Amo 'Pretty Young Thing'", afirmou Jackson.

19 She's Out of My Life

Off the Wall, 1979

"Talvez essa fosse pessoal demais para uma festa – para mim, era", disse Jackson sobre "She's Out of My Life", o momento triste em meio à celebração disco de Off the Wall. A música foi composta por Thomas Bähler, falando do final de um relacionamento de dois anos. Quincy Jones havia planejado gravar a faixa com Frank Sinatra, mas Jackson conseguiu uma chance e foi fundo para criar uma versão belíssima. "She's Out of My Life" foi o quarto single de *Off the Wall* no Top 10 e o piano elétrico de Greg Phillinganes serviu de guia, aparentemente, para toda balada de sucesso dos 15 anos seguintes. A poderosa voz de Jackson falha e oscila nas últimas palavras da música. "Toda vez que gravávamos, eu olhava para cima no final e Michael estava chorando", Jones contou em 1983. "Falei: 'Daqui a duas semanas voltaremos e faremos de novo...' Voltamos e ele começou a se emocionar, então, deixamos assim." Foi uma presença constante nos set lists de Jackson de 1981 a 1993, sempre seguida por um medley animado para levantar o astral do público.

20 She's Out of My Life

Off the Wall, 1979

"'The Way You Make Me Feel' e 'Smooth Criminal' são simplesmente o tipo de groove que eu curtia na época", disse Jackson. O planeta Terra também as curtia muito. O terceiro single consecutivo no número 1 saído de *Bad* é o último sucesso indiscutivelmente animado nos milagrosos anos 1980 de Jackson. "Essa era uma das minhas preferidas", diz o tecladista Greg Phillinganes. "Lembro que me diverti muito tocando aquelas partes fora do tempo, a linha de baixo, tudo aquilo, e vendo a expressão no rosto de Michael." A ideia da batida veio da mãe de Jackson, Katherine, que sugeriu que ele fizesse uma música "com uma espécie de ritmo para balançar os pés". Jackson respondeu: "Acho que sei o que você quer dizer", e rapidamente criou algo (originalmente com o nome "Hot Fever"). Ele gravou todas as partes vocais, incluindo os vocais de apoio, dançando ao som da faixa em um estúdio com as luzes apagadas. "Ele cantava o verso e desaparecia na escuridão", lembra o engenheiro Bruce Swedien.

MINHA MÚSICA PREFERIDA

TOM MORELLO

Beat It

1982

Beat It foi o primeiro hit de Michael Jackson entre os fãs de rock. O rei do "Trono das Seis Cordas", Eddie Van Halen, foi o valentão de sempre durante o solo de guitarra na música, mas ouvir sua abordagem pirotécnica dentro do contexto de uma música pop dançante mudou o rock e o pop para sempre. Essa música ajudou a deixar Michael ainda mais próximo da dominação global. Aparentemente, Eddie entrou em estúdio, tocou dois solos diferentes e eles escolheram um. Depois, não recebeu absolutamente nada pelo seu trabalho. Se foi isso mesmo, então seu solo em "Beat It" deveria entrar para a história como o maior "presente" já dado na música popular.

21 Thriller

Thriller, 1982

O videoclipe épico da faixa-título do álbum mais vendido de Jackson se tornou tão icônico que é fácil subestimar a música em si, uma das mais estranhas que ele já lançou. Composta por Rod Temperton, ela foi inicialmente chamada de "Starlight", até que o produtor Quincy Jones pediu ao autor um outro título. "Na manhã seguinte, acordei e simplesmente disse esta palavra ['thriller']", conta Temperton. "Algo na minha cabeça falou: 'Este é o título'. Dava para vê-lo no topo das paradas." Ele também revisou a letra para incluir o amor de Jackson por filmes de terror. A faixa levou a sensação funk de *Off the Wall* para um nível mais grandioso e teatral, com efeitos sonoros sobrenaturais, como lobisomens uivando e caixões rangendo. Para coroar tudo, ainda houve a narração arrepiante e sinistra do ator Vincent Price, amigo da esposa de Jones na época, a atriz Peggy Lipton (o mestre do terror fez sua parte em dois takes). A esquisitice de "Thriller" não parou aí: enquanto a faixa era mixada, Muscles, a cobra de 2,5 m de comprimento de Jackson, rastejava pela mesa de som. Sendo o último de impressionantes sete singles do disco, a música chegou ao número quatro nas paradas.

Clube de Revistas

FELIZ DA VIDA
Jackson no final
da década de 1970

22 *Off the Wall*

Off the Wall, 1979

"No estúdio, Michael era engraçado e adorava se divertir", lembrou Rod Temperton, que começou a trabalhar com Jackson no final dos anos 1970. "Ele nem mesmo falava palavrões." O lado solto e brincalhão do cantor está à mostra durante a faixa-título, composta por Temperton. "Off the Wall" [algo como incomum, excêntrico, em português] é uma ode à "gente baladeira, dia e noite". Ela convidava os ouvintes a "esconder suas inibições e deixar o bobo solto dentro de sua alma", indo às discotecas e "vivendo loucamente". O groove suculento, banhado nas harmonias suntuosas sobrepostas dos vocais de Jackson, era tão sedutor quanto a visão da música dançante que existia na cabeça dele. Temperton, que fez parte dos arranjos, recriou a vibração de pista de dança da banda Heatwave, da qual era integrante, e os sintetizadores funk da faixa foram parcialmente tocados pelo tecladista de jazz fusion George Duke. A música também foi estranhamente profética: nas décadas depois do lançamento, o mundo viu como a vida de Jackson se tornou verdadeiramente fora do comum.

23 *Never Can Say Goodbye*

Maybe Tomorrow, 1971

"Relembrando a era do Jackson 5 anos mais tarde, Michael Jackson disse que suas três músicas preferidas daquela época eram "Never Can Say Goodbye", "I'll Be There" e "ABC". Composta por Clifton Davis, que a cantou no funeral de Jackson em 2009, "Never..." combinou versos tristes com uma melodia cintilante. Davis ficou preocupado com a possibilidade de Michael, de 11 anos, não entender a dor contida na letra. "Lembro que ele perguntou sobre um dos versos", contou Davis. "'O que a palavra anguish [angústia] significa?, questionou, e entao eu expliquei. Ele deu de ombros e então cantou o verso que dizia: 'Existe aquela angústia e existe aquela dúvida.' E eu simplesmente acreditei nele." O single, movido por um arranjo barroco recheado por flauta e sinos, chegou ao número 2 das paradas em vez do costumeiro número 1 do Jackson 5. Entretanto, como Jermaine Jackson lembrou no livro You Are Not Alone, nem o patriarca da família Jackson, Joseph, "nem o senhor (Berry) Gordy" reclamaram. Como poderiam?

24 *Dangerous*

Dangerous, 1991

"*Off The Wall*, *Thriller* e *Bad* eram mais entretenimento. *Dangerous* e *HIStory* eram mais a história de vida de Michael", afirma Bruce Swedien, engenheiro de som de longa data do cantor. Um produto da mudança sonora de Jackson para acompanhar o R&B dos anos 1990, a faixa-título de *Dangerous* é austera e potente, com vocais que oscilam entre raiva e terror e letra sobre luxúria. A música evoluiu de uma gravação da era Bad chamada "Streetwalker", que ele revisitou e rebatizou durante as sessões de Dangerous ao lado do compositor Bill Bottrell. "Ela não mexeu com Michael", lembrou o coprodutor Teddy Riley. "Falei: 'Este álbum é seu. Se for a música certa, posso utilizar o que você tem em seu canto. Deixe que eu mudo o que há por baixo e coloco um piso novo ali'. Ele respondeu: 'Tente. Acho que temos de usar o que amamos'." O resultado mistura arranjos brilhantes de cordas e uma das batidas mais pungentes sobre as quais ele cantou, um alto contraste com a orquestração rica e floreada de Quincy Jones. Riley afirmou: "Não adicionamos música ou instrumento só por adicionar".

Clube de Revistas

The Girl Is Mine

Thriller, 1982

25 Jackson disse que este dueto com Paul McCartney era "o primeiro single óbvio" de *Thriller*, mas Quincy Jones se referiu a ele como "cortina de fumaça", pois dava apenas uma ideia do poder do álbum. Jackson ofereceu a música a McCartney como um dueto para "retribuir o favor" do ex-beatle, que deu "Girlfriend" para *Off the Wall*. A única preocupação de McCartney com a faixa, que tem um groove fácil e jazzístico, e mostra uma relação animada entre Jackson e Macca, era a palavra "doggone" ["maldita"], pois ele sentia que alguns poderiam considerá-la "superficial". "Quando comentei com Michael, ele explicou que não buscava profundidade, mas sim ritmo, sentimento", contou o baixista dos Beatles.

Dirty Diana

Bad, 1987

26 Steve Stevens, guitarrista de Billy Idol, ajudou Jackson a amadurecer seu som e seu guarda-roupa – depois de apresentar o astro pop a seu alfaiate, viu Jackson adotar o visual heavy metal cheio de couro na capa de *Bad*. Só que a maior contribuição de Stevens para o álbum é o solo pesado na balada sensual "Dirty Diana". "[Michael] ficava me perguntando sobre bandas de rock: 'Você conhece o Mötley Crüe?'", lembrou Stevens. A faixa com se tornou o quinto single número 1 consecutivo de Bad e uma das favoritas de uma Diana famosa da vida real – a princesa Diana –, que supostamente pediu a música em um show de Jackson em Londres, em 1988.

Burn This Disco Out

Off the Wall, 1979

27 A faixa que encerra *Off The Wall* explode com um sabor animado de pista de dança. A linha de guitarra poderia ter sido extraída de uma gravação de Stevie Wonder. Jackson, que havia trabalhado uma noite de sábado inteira decorando a letra para não ter de ler a cola em uma sessão de gravação no domingo, brinca com a voz em torno de uma melodia projetada para seu estilo vocal percussivo. "Ele era muito determinado do ponto de vista rítmico", disse Rod Temperton. "Então, tentei compor melodias que tinham muitas notas curtas para dar algumas coisas em staccato que ele poderia fazer... Assim, criei 'Burn This Disco Out'."

MINHA MÚSICA PREFERIDA

CEE LO GREEN

Earth Song

1985

Acredito que Michael deu um espírito filantrópico muito genuíno a determinadas canções, e elas ecoavam a sinceridade e profundidade da personalidade e do conteúdo dele. "Earth Song" realmente toca na humanidade que tento valorizar na minha própria música. Como compositor, às vezes é muito difícil encontrar as palavras para se expressar. Você quer ser suficientemente vago para que alguém dê sua própria interpretação, quer essa transparência, e acho que "Earth Song" tem isso. Não tem ganchos, é só um lamento – um pedido de ajuda. É muito dolorosa. Só de cantar a melodia, a sensação e o espírito dessa música correm por minha pele. Já estive nesse lugar. Todas as músicas, em sua origem, são para louvor ou redenção. Essa é verdadeiramente uma canção de redenção. É uma mensagem de quem aparentemente tinha tudo para alguém que ficou confortavelmente anestesiado. Ele ter tudo e ainda conseguir se condoer pela humanidade? Isso deveria colocar todos nós em nossos respectivos lugares.

Ben

Ben, 1972

28 Um dos sucessos mais bizarros a chegar ao topo das paradas nos anos 1970 – uma década que praticamente só teve sucessos bizarros no topo das paradas. Durante a maior parte daqueles anos, foi o único número 1 solo de Jackson. "Ben" é uma balada de amor e tema de *Ben, o Rato Assassino*, um filme de terror trash sobre roedores mutantes que provocam o caos em Los Angeles. Na produção, ela é cantada pelo garotinho desajustado que fica amigo do rato chamado Ben. Poucos fãs sabiam do subtexto pró-peste, e Jackson gostou da ideia, de acordo com o letrista Don Black: "Ele ama os animais – é muito sensível. Gosta de tudo que rasteje ou voe".

Butterflies

Invincible, 2002

29 A melhor faixa do último álbum de estúdio de Jackson é um R&B leve, inocente, dedicado, livre das insinuações sombrias que tinham dominado boa parte das últimas músicas do cantor. A canção foi apresentada a Jackson em uma demo com vocais de Marsha Ambrosius, do grupo Floetry, também uma das compositoras. "Originalmente, fizemos uma demo com uma mulher cantando, então foi difícil para ele atingir aquelas notas", lembrou o coprodutor Vidal Davis. "Fizemos toneladas de tentativas." Os resultados finais recapturaram o soul tranquilo das primeiras gravações solo de Jackson, incluindo um ritmo construído em torno do estalar de dedos do artista.

Clube de Revistas

CINTILANTE
Em julho de 1992, em show da turnê *Dangerous*

Clube de Revistas

Got to Be There

Got to Be There, 1972

30 Seu primeiro single como artista solo o mostra já pensando fora da norma da família Jackson. Um sucesso pop e R&B do Top 5, a melosa balada "Got to Be There" foi escrita pelo compositor Elliot Willensky e contava com um arranjo sofisticado e sensual que era muito mais lascivo do que o as músicas do J5. Poucos astros pop da época – quanto mais os que só tinham 13 anos – se aventuravam em versos docemente sugestivos como "Tenho de estar lá de manhã/E recebê-la em meu mundo". O letrista estava se referindo à sala de aula ou ao quarto? De qualquer maneira, Michael foi convincente.dos Beatles.

Get on the Floor

Off the Wall, 1979

33 Quincy Jones diz que esta era uma sobra do grupo The Brothers Johnson. Um dos integrantes, o baixista Louis "Thunder Thumbs" Johnson, conta que veio de uma fita cassete gravada em casa com ideias de baixo que ele tocou para Michael. Seja o que for, a colaboração animada é o funk mais pesado de Off the Wall. Embora Louis Johnson toque em outros três álbuns de Jackson, este foi um ponto alto que ele não conseguiu repetir. "O que sempre guardarei com carinho é a diversão e empolgação de tocarmos juntos ao vivo nas sessões de *Off the Wall*", afirmou. "Michael e todos rindo, sabendo que estávamos fazendo mágica."foi convincente.dos Beatles.

Enjoy Yourself

The Jacksons, 1976

34 O single de estreia do grupo The Jacksons – quatro dos Jackson 5 originais e o recém-promovido Randy – foi o primeiro lançado pelos rapazes fora da Motown. Ron Alexenburg, que os contratou na CBS, queria dois profissionais para o projeto – Kenny Gamble e Leon Huff, fabricantes de sucessos do soul da Filadélfia. Em conjunto com os Jacksons, eles criaram este poderoso single disco, mas as sessões deixaram outra impressão duradoura em Michael. "Simplesmente ver Huff tocando piano enquanto Gamble cantava me ensinou mais sobre a anatomia de uma canção do que qualquer outra coisa", escreveu. "Eu ficava sentado lá como uma águia, observando cada decisão, escutando cada nota."

Morphine

Blood on the Dance Floor: History in the Mix, 1997

31 "O Guns N' Roses provavelmente era a maior banda de rock da época e, do outro lado, estava Michael, que é meio que o Elvis Presley do período – e essa fama é assustadora", disse Slash, que tocou nesse funk lançado no álbum de remixes de 1997. Na letra, Jackson falou sobre os boatos de seu vício em analgésicos ("Demerol, Demerol/Oh, Deus, ele está tomando Demerol") como se estivesse pedindo ajuda. Jermaine alegou que o irmão começou a tomar analgésicos por causa das queimaduras sofridas durante a gravação de um comercial da Pepsi em 1984: "Duvido que ele tenha pensado bem sobre os efeitos colaterais do Demerol".

Mama's Pearl

Third Album, 1970

32 O The Corporation, time de composição da Motown, teve de suavizar a letra de "Mama's Pearl", originalmente chamada de "Guess Who's Making Whoopie (With Your Girlfriend)" ["Adivinha Quem Está Transando (Com Sua Namorada)"] para que o pré-adolescente Michael pudesse cantar sem espantar os pais. A faixa parece um pastiche de "I Want You Back", com piano animado e vocais de apoio graves, mas Michael soa fofo tentando persuadir uma garota a se apaixonar por ele. A música, que chegou ao número 2 das paradas, continuou especial para Jackson; em *Moonwalk*, ele escreveu que ela o fazia lembrar dos dias no pátio da escola.

MINHA MÚSICA PREFERIDA

CIARA

Heal The World

1991

Essa música foi composta de um jeito inteligente. Não há nada como uma canção que inspira sem ser piegas. É o exemplo perfeito de usar o poder da voz para fazer a diferença no mundo através da música. Sou totalmente inspirada por Michael Jackson. Ele me guiou para encontrar aquilo com que me identifico e o que aspiro ser como artista. Está além do que ele colocou na música – é o que deixou no mundo. Jackson acreditava que você não recebe uma plataforma para influenciar milhões de pessoas só para cantar e dançar: tinha de haver algo além. Isso me inspira. Ele incorporou essas situações da vida real às músicas porque queria influenciar as pessoas. Muitas dessas faixas vinham com uma mensagem porque ele realmente pegou o dom que tinha e o usou para os motivos certos. Sempre foi muito atencioso e, do jeito que era especial, era muito grato por seu sucesso. Era humilde e isso, mais do que qualquer coisa, é o que quero aprender com ele. Ser um artista tão grande e ao mesmo tempo ser humilde? Significa muito.

Clube de Revistas

DIA BRILHANTE Michael e outros astros gravando "We Are The World"

35 *We Are the World*

USA for Africa, 1985

"We Are The World" – que arrecadou mais de US$ 60 milhões para combater a fome na África e juntou Bob Dylan, Ray Charles, Cyndi Lauper e muitos outros – foi concebida por Harry Belafonte. Ela se transformou em uma sessão de noite inteira com 45 celebridades no estúdio da A&M em Los Angeles. Jackson compôs com Lionel Richie durante semanas e cantou versos para sua irmã, Janet, no escuro; então, entrou escondido em um estúdio de gravação. "Não podia esperar", contou. "Entrei e saí na mesma noite com a música completa – bateria, piano, cordas e as palavras do refrão." Quincy Jones disse aos astros reunidos para "deixar o ego na porta" e um sucesso beneficente nasceu.

36 *Say Say Say*

Pipes of Peace, 1983

Jackson e Paul McCartney escreveram essa canção suave, porém urgente, durante as mesmas sessões que geraram "The Girl Is Mine", e a gravaram com George Martin no estúdios Abbey Road. Jackson mais tarde lembrou que ele e McCartney "compartilhavam a mesma ideia de como uma música pop deve funcionar". "Trabalhamos juntos como iguais e nos divertimos. Paul nunca teve de me carregar naquele estúdio", ele acrescentou. O videoclipe com tema de charlatanismo conta com uma participação de La Toya e foi filmado perto de uma propriedade ao norte de Santa Barbara, que Jackson mais tarde comprou e rebatizou de rancho Neverland.

37 *Goin' Back to Indiana*

Third Album, 1970

"Você pode voltar para a cama, mas sei para onde estou indo", Jackson proclamou no especial para a TV *Goin' Back to Indiana* (1971), pouco antes de cantar esta empolgante faixa-título. A canção pop-funk cheia de sopros foi composta pelo Corporation e, além dos versos ascendentes de Jackson, tem um soul-rap cantado pelos irmãos sobre a cidade natal deles, Gary, no estado de Indiana. "Goin' Back to Indiana" abordava uma sensação real de nostalgia que soa estranha vinda de alguém tão jovem. Anos mais tarde, ele afirmou no livro *Moonwalk*: "Nossos discos tinham feito sucesso no mundo inteiro desde a última vez que vimos nossa cidade".

Clube de Revistas

LIVROS

CRÔNICAS DE UMA LENDA

Dá para encher uma sala no rancho Neverland com todos os livros escritos sobre Michael Jackson. Estes são os que você precisa ter em sua estante.

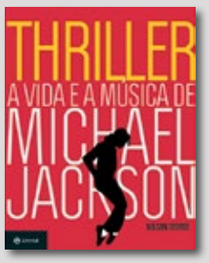
Por **Steve Knopper**

Jackson em 2001 e (à dir.) Jacqueline Kennedy Onassis, editora de *Moonwalk*

Moonwalk

Michael Jackson, 1988

Escrito com a ajuda de Stephen Davis (e da editora Jackie Kennedy Onassis), esta autobiografia é reveladora e analítica. Os capítulos sobre o início da vida do astro são os mais interessantes, especialmente considerando o que sabemos agora. Sobre seu abusivo pai, Joe, Michael escreveu: "Ainda não o conheço, e isso é triste para um filho faminto por entender o próprio pai".



Thriller: A Vida e a Música de Michael Jackson

Nelson George, 2010

George, que publicou uma biografia de sucesso de Jackson em 1983, voltou ao tema em 2010 para este aprofundado livro póstumo. Ele combina análise afiada e crítica.

Michael Jackson: A Visual Documentary

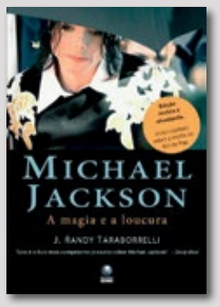
Adrian Grant 1994, 2009

Grant, editor do fanzine *Off the Wall*, conseguiu acesso aos principais contatos de Jackson e ao próprio cantor para montar uma cronologia ano a ano meticulosamente precisa.

On Michael Jackson

Margo Jefferson, 2006

A autora revela tudo o que é importante sobre Jackson, como o cruzamento entre sua vida e suas músicas. "'Billie Jean'", escreveu, "é sobre ansiedade e culpa, desejo e ressentimento, ter e ser uma criança."



Michael Jackson: A Magia e a Loucura

J. Randy Taraborrelli, 1991, 2009

Taraborrelli escavou detalhes inéditos, como o encontro de uma groupie do Jackson 5 que transou com Jermaine em um hotel e assim atrapalhou o sono de Michael.

Man in the Music: The Creative Life and Work of Michael Jackson

Joseph Vogel, 2011

A única análise abrangente e crítica do material solo de Jackson. Vogel escreve sobre *Thriller* e *Off the Wall*, mas também ama momentos posteriores.

Clube de Revistas

Leave Me Alone

Bad, 1987

38 Michael dormia em uma câmara hiperbárica? ("Acho que não deixei Michael ter aquela coisa em casa", disse a mãe dele, Katherine.) Ele pagou um milhão de dólares para comprar os ossos do Homem Elefante? ("Por que eu iria querer aquilo?", perguntou o astro a Oprah.) Tinha animais de estimação estranhos? (Freddie Mercury, do Queen, ligou para seu empresário dizendo: "Você tem que me tirar daqui, estou gravando com uma lhama".) Movida por linhas de teclado em duelo, sem falar do vocal enfático com um sintetizador ao estilo de Stevie Wonder, esta faixa funk foi o revide de Jackson aos tablóides.

Blame It on the Boogie

Destiny, 1978

39 Depois que *Goin' Places* (1977), dos Jacksons, afundou comercialmente, foi necessário que Michael Jackson ajudasse a resgatar a banda – mas não foi o Michael que você está pensando. "Blame It..." foi coescrita e cantada por Michael "Mick" Jackson, um cantor e compositor barbudo de Yorkshire que lançou sua versão quase simultaneamente. É claro que ele não teve chance alguma contra a gravação de Jackson, mas não tem ressentimentos. "O fato de a música ter dado certo facilitou muito para mim", disse Mick Jackson. "E, claro, os Jacksons fizeram um sucesso enorme."

MINHA MÚSICA PREFERIDA

DIPLO

Human Nature

1982

É difícil escolher uma gravação de Michael Jackson. Acho que minha preferida seria "Human Nature", só porque ele soa como um anjo nela. Está perfeito nessa faixa. Aliás, tudo nela é perfeito: a quebra no meio soa ótima, cheia de sintetizadores. Eu a amo desde a infância, não sei por quê. Poderia ter escolhido "Beat It" ou "Smooth Criminal" também. Ele tem essas gravações de gângster, mais rock and roll, mas "Human Nature" é simplesmente linda; ela me deixa feliz quando a escuto. Foi coescrita por Steve Porcaro, do Toto, e tenho uma versão que o Toto fez como uma demo para Michael Jackson. Acho que Steve Porcaro até a canta nos shows. É tão legal, mas também há muitas faixas boas em *Thriller*. Amo fazer samples, mas, como DJ, já ouvi "Billie Jean" centenas de vezes. É quase como se Michael Jackson fosse um daqueles artistas que você toca quando é DJ de casamento ou algo assim. É melhor se você consegue encontrar algo que as pessoas não conhecem tão bem, então eu tocava "Human Nature" em festas.

Can You Feel It

Triumph, 1980

40 "Recebi uma ligação às três da manhã. Era Michael Jackson", conta a coordenadora vocal Stephanie Spruill, que havia montado o coral de 30 vozes para "Can You Feel It", dos Jacksons. "Ele disse: 'Sei que pedi para você formar o coral de vozes... Mas agora preciso de um coral de crianças. E quero que sejam de todas as raças, credos e cores'. O negócio é que a sessão era dali a dois dias." Stephanie, que também cantou as notas agudas da canção, conseguiu. O coral foi gravado em três faixas, criando uma súplica disco triunfal que, de acordo com Tito, define os Jacksons. "Ela fala sobre o que somos", ele disse ao apresentador Larry King. "Amor, paz e harmonia para o mundo."

Farewell My Summer Love

Farewell My Summer Love, 1984

41 Em 1984, qualquer que fosse a gravação com Michael Jackson, ela provavelmente teria entrado nas paradas. Bastante ciente disso, a Motown lançou um álbum com material inédito de Jackson. *Farewell My Summer Love* tinha nove faixas de 1973, com overdub de nova instrumentação mais adequada aos anos 1980. "Não é justo", disse Jackson. "Não tive controle algum sobre aquelas músicas." A inocente faixa-título do álbum se tornou um sucesso no Top 10 do Reino Unido. Adequada para uma música sobre tristeza adolescente, a performance de Michael é um registro de quando a voz dele estava começando a mudar.

Jam

Dangerous, 1991

42 A faixa de abertura de *Dangerous* é chocantemente tensa e fragmentada. Ela tem o som e o groove característico do produtor Teddy Riley, mas coube a Jackson criar a maior parte da música. "Ele a trouxe para mim em uma DAT e disse que havia coisas que queria fazer, e as fiz", lembrou Riley. A voz de Jackson leva um tempo para se incorporar na mixagem e ele gagueja no refrão como se suas cordas vocais estivessem sendo despedaçadas. O momento mais acessível de "Jam" provavelmente é o verso interpretado por Heavy D, o rapper preferido de Jackson na época. A música empacou nas paradas pop, mas foi um sucesso no Top 5 de R&B.

Clube de Revistas

CHEIO DE ESTILO
No MTV Video Music Awards, em 1995

Clube de Revistas

Dancing Machine

Dancing Machine, 1974

43 A estrela do Jackson 5 tinha perdido um pouco do brilho em 1974 – fazia três anos desde o último sucesso do grupo no Top 10. Então, o produtor e compositor Hal Davis assumiu o risco de afastá-los do pop focado em crianças e dar a eles uma faixa totalmente disco, com um sintetizador borbulhante. Com a ajuda da espetacular "dança do robô" que Michael fez quando a música estreou no programa Soul Train, "Dancing Machine" se tornou um hit imenso e apontou a direção que o grupo seguiria a partir dali. "Amava 'Dancing Machine', amava o groove e a sensação daquela música", Michael afirmou em Moonwalk.

Scream

History: Past, Present and Future, 1995

44 Jackson havia atingido um ponto de ruptura depois de ser acusado de abuso sexual infantil. O resultado foi "Scream", uma de suas músicas mais confrontadoras e a primeira a usar a palavra "fuck" ["foda"]. Composta com a irmã Janet, ela chegou ao número 5 das paradas graças a um videoclipe extravagante que frequentemente é creditado como o mais caro da história. No entanto, ao mesmo tempo em que aquele foi um período difícil para Jackson, não foi totalmente ruim. "Eu me diverti muito trabalhando com minha irmã", ele disse em 1995. "É como uma reunião. Sou mais próximo de Janet do que de toda a família. Ficamos muito emocionados no set."

MINHA MÚSICA PREFERIDA

LARS ULRICH

Scream

1995

Uma capacidade incrível de composição obviamente estava presente em diversos dos hits de Jackson, e não dá para negar uma ótima canção pop bem elaborada quando ouvimos uma. Há "Billie Jean", "Thriller", todas essas músicas muito, muito boas, mas "Scream" foi uma faixa que, quando saiu, tinha mais de um elemento de rock pesado. Essa faixa estava em outro patamar. O videoclipe que o diretor Mark Romanek fez, com Michael e Janet flutuando em uma espaçonave? Era de outro nível. Dia desses, estava explicando para um dos meus filhos que, entre 1982 e meados dos anos 1990, a MTV era uma coisa essencial da sua vida se você fosse músico. Se estivesse em casa, a TV estava ligada nela. Se estivesse no estúdio, estava ligada nela. A MTV era uma parte importante do que você fazia como músico. E, obviamente, quando se tem esse tipo de relação com a MTV por mais de 15 anos, você também meio que tem esse tipo de relação com Michael Jackson, porque ele era o maior artista naquela época.

State of Shock

Victory, 1984

45 A maior vitória da morna era *Victory* dos Jacksons foi "State of Shock", um dueto entre Jackson e Mick Jagger que chegou ao número 3 das paradas e funcionou em algum lugar entre o rock e o pop. A intenção original da música era ser uma colaboração com Freddie Mercury, do Queen, mas ela caiu nas mãos de Jagger devido a dificuldades de agenda. "[Michael] fez Mick fazer escalas vocais por mais de uma hora para aquecer antes mesmo de começar", disse o engenheiro de som Bruce Swedien. "Mick nem hesitou. Àquela altura, todos sabiam o quanto Michael era bom. Se Michael Jackson te diz pra aquecer, você aquece – mesmo se você for Mick Jagger."

In the Closet

Dangerous, 1991

46 Escrever a canção mais quente e mais claramente sexual que já cantou e chamá-la de "In the Closet" [no armário]? O Michael Jackson do começo dos anos 1990 era um mestre das mensagens confusas. O produtor Teddy construiu uma batida dissonante e descompensada que fez os sussurros e gemidos encharcados de hormônios de Jackson se encaixarem direitinho no tom das rádios R&B. Inicialmente concebida como um dueto com Madonna, "In the Closet" conta com algumas passagens faladas por uma "Garota Misteriosa" – a princesa Stéphanie de Mônaco – na gravação. Naomi Campbell aparece no sensual videoclipe.

Will You Be There

Dangerous, 1991

47 Até para os padrões incrivelmente ambiciosos de Jackson, a canção-tema do filme *Free Willy* (1993), e oitavo single de *Dangerous*, foi uma de suas gravações mais grandiosas. Composta enquanto ele estava sentado à sombra de sua "Árvore Doadora" no rancho Neverland, "Will You Be There" começa com um longo prelúdio orquestral de Beethoven, conduzido pela Cleveland Orchestra, entrelaçado com exaltações do grupo The Andraé Crouch Singers e atingindo o clímax com um monólogo falado lacrimejante. Uma canção que marcou época para quem viu o filme sobre o amor de um garoto por uma orca.

Clube de Revistas

MOMENTOS NA TELA

MÁQUINA DANÇANTE

Uma seleção de vídeos ao vivo e aparições essenciais na TV. Por **Rob Sheffield**

"I Want You Back"

Soul Train, 1972

Este é Michael **(3)** do jeito como o mundo se apaixonou por ele: uma irresistível explosão de energia juvenil.

"Got to Be There"

Jackson 5ive, 1972

Você não era realmente um superastro pop teen nos anos 1970 se não tivesse seu próprio desenho animado nas manhãs de sábado **(2)**. Ele canta esta música no episódio "Michael in Wonderland".

Boxing With Muhammad Ali

The Jacksons, 1977

Os Jacksons foram apresentadores de um show de variedades na CBS, que durou pouco. Aqui, Michael faz um esquete de dança de sombras com Ali, que diz aos irmãos: "Se um dia sair do ringue, me junto a vocês e seremos o Jackson 6".

"Billie Jean"

Motown 25, 1983

A performance clássica de Michael Jackson na TV na comemoração do aniversário da Motown. Depois de uma reunião desconfortável com os irmãos, Jackson canta "Billie Jean" solo e completa a performance com seu primeiro moonwalk em público.

Com James Brown e Prince

Ao Vivo, 1983

Um show de James Brown em Los Angeles quase se transforma em tumulto quando ele chama Michael ao palco. Michael dança, faz moonwalk e pede ao Chefão da soul music para convidar outro fã: Prince. MJ e Prince dançam os passos de James Brown na frente do próprio.

"Man in the Mirror"

Grammy, 1988

Foi aqui que ocorreu a coroação de Michael como o artista completo do pop dos anos 1980. Ele começa sozinho no palco, vestindo camisa azul e calça preta, passa de um sussurro para um grito com um coral gospel, cai de joelhos e depois se levanta para refrãos em piruetas infinitas.

Show de Intervalo do Super Bowl

1993

Michael Jackson estava em uma missão de retorno depois de lançar Dangerous. Essa apresentação **(4)** exibiu seu lado de império de um homem só. Usando uniforme militar e óculos de sol, ele começou silencioso no palco durante um minuto e, então, explodiu.

Michael e Janet no Grammy

1993

Michael aceita o prêmio de Lenda do júri do Grammy, dado por sua irmã caçula, Janet **(1)**, enquanto eles se abraçam no pódio vestindo ternos brancos quase iguais.

"The Way You Make Me Feel"

This Is It, 2009

O astro conduz a banda no ensaio em uma cena do documentário póstumo sobre o show que marcaria o retorno dele aos palcos, dizendo ao tecladista: "Quero do jeito que compus, do jeito que as plateias ouvem". É uma visão rara de como ele pensa musicalmente.

Clube de Revistas

Blood on the Dance Floor

Blood on the Dance Floor: History in the Mix, 1997

48 Essa faixa descartada da era *Dangerous* foi reativada como música-título do álbum de remixes de 1997. Ela tem uma origem assustadora. Teddy Riley havia faltado a uma festa para trabalhar nela, e alguém levou um tiro na pista de dança do evento. Ele não tinha mencionado a tragédia a Jackson e ficou chocado quando o cantor sugeriu "Blood on the Dance Floor" como título. Jackson canta sobre uma perseguidora com uma faca longa – mais uma em sua lista de femmes fatales para quem sexo e assassinato se equivalem.

Who's Lovin' You

Diana Ross Presents the Jackson 5, 1969

49 "I Want You Back" foi uma espiada no futuro da Motown, enquanto o lado B da canção olhava para o passado da gravadora. Cover de uma música incendiária de Smokey Robinson (que apareceu inicialmente como lado B de "Shop Around", do grupo The Miracles, em 1960), foi o fruto mais doce da colaboração do Jackson 5 com o cantor de R&B Bobby Taylor, que os levou à Motown e produziu algumas das primeiras músicas do grupo. Apoiado pelo The Funk Brothers, banda de estúdio da gravadora, Michael se leva ao topo de seu alcance, destroçando cada palavra da letra.

This Place Hotel

Triumph, 1980

50 O futuro rei do pop assumiu o legado do Rei do Rock nesta espécie de versão dos Jacksons para "Heartbreak Hotel". Composta pelo próprio Michael, a faixa, em termos de som, tem pouco em comum com o clássico lançado por Elvis Presley em 1956; é uma faixa disco-pop ágil que leva o tema da canção que a inspirou para uma direção mais sombria, com letras sobre um hotel onde relações são rompidas. "Heartbreak Hotel" alcançou o número 2 da parada R&B; então, alguém da gravadora dos Jacksons, talvez prevendo complicações legais, alterou o título para o nonsense "This Place Hotel".

ASTRO E FÃ
Usher com Michael em 2001

MINHA MÚSICA PREFERIDA

USHER

Billie Jean

1982

"Billie Jean" foi a gravação máxima. michael era o cara de quem você esperava a estreia mundial dos videoclipes na TV. Você sabia que seria enorme, porque tudo o que tinha a ver com Michael Jackson tinha de ser maior do que a vida. Todas as crianças o imitavam, especialmente o que ele vestia. A jaqueta vermelha, por exemplo. Minha mãe não me deixou ter uma, não sei por que, mas fui influenciado pela música dele quando entrei no mundo do entretenimento e soube que era aquilo que faria da minha vida.

Colaboradores: Christopher R. Weingarten, David Browne, David Marchese, Douglas Wolk, Jon Dolan, Kory Grow, Rob Sheffield, Steve Knopper, Will Hermes

Clube de Revistas

Créditos fotográficos

CAPA: Kevin Mazur/Wireimage; PG. 4-5: Lynn Goldsmith/Corbis; PG. 6-7: Dave Hogan/Getty Images; PG. 8-9: Cortesia Universal Music Group Archives; PG. 10: Gilles Petard/Redferns; PG. 11: Globe Photos, Inc./Imagecollect; PG. 11-12: Michael Ochs Archives/Getty Images; PG. 14, de cima para baixo: Michael Ochs Archives/Getty Images, © Detroit Free Press/Zuma Press, Michael Ochs Archives/Getty Images; PG. 15: Andy Freeberg/Getty Images; PG. 16-17: Globe Photos Inc/Imagecollect; PG. 17-18: Globe Photos, Inc./Imagecollect; PG. 21: Sgranitz/Wireimage; PG. 23: Kurita Kaku/Gamma-Rapho Via Getty Images; PG. 25: Pool Photographer/Wireimage; PG. 26-27: Kevin Mazur/Aeg/Wireimage; PG. 28-29: Sharita Boyd/Imagecollect.com; PG. 30-31: Neal Preston/Corbis; PG. 33: Adam Scull-Photolink.net; PG. 35: Imagecollect; PG. 38 a 43: Reprodução; PG. 44–45: Lennox Mclendon/Ap Images; PG. 46–47: © Harrison Funk/Zuma Press; PG. 48: Imagecollect; PG. 49: Rex; PG. 50: Paul Natkin/Wireimage; PG. 51: Everett Collection; PG. 52: Alpha Photo Press Agency Ltd./Imagecollect; PG. 55: © Colin Mcconnell/The Toronto Star/Zuma Press; PG. 56: Imagecollect; PG. 58-59: David Mcgough/Dmi/The Life Picture Collection/Getty Images; PG. 61: Ron Galella/Wireimage; PG. 62-63: Michael Ochs Archives/Getty Images; PG. 65: Sankei Archive Via Getty Images, David O'neill/Associated New/Rex, Dennis Stone/Rex; PG. 66: ©Buena Vista Pictures/Courtesy Everett Collection; PG. 68: The Life Picture Collection/Getty Images; PG. 71: Phil Dent/Redferns/Getty Images; PG. 72-73, sentido horário, a partir do topo, à esquerda: Image Collect; Jason Kirk/Getty Images, Ap Photo, Ap Photo; PG. 75: Ap Photo/Rusty Kennedy, File; PG. 76: Eugene Audebari/Rex; PG. 79: John Barrett/Globe Photos Inc/Imagecollect; PG. 80: Michael Ochs Archives/Getty Images; PG. 82: Polaris; PG. 83, sentido horário, a partir do topo, à esquerda: Mark Allan-Alpha/Imagecollect, Echoes/Redferns, Max Tobin/Imagecollect, Ed Geller/Globe Photos,Inc., Riccardo Schirmacher/Imagecollect, Reprodução, Evan Richman/Imagecollect, Evan Richman/Imagecollect, Jacson Vogel, Mark Allan/Imagecollect; PG. 85: Jim Mccrary/Redferns; PG. 87: Dave Benett/Getty Images; PG. 89: © Everett Collection; PG. 90, sentido horário, a partir do topo, à esquerda: Theo Wargo/Wireimage, © Bettmann/Corbis; PG. 92: Kevin Mazur/Wireimage; PG. 94: Reprodução; PG. 95: Kmazur/Wireimage; PG. 96-97: Michael Ochs Archives/Getty Images; PG. 98: Polaris.

Rolling Stone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, **CHAIRMAN AND CEO**
GEORGE GROBAR, **CHIEF OPERATING OFFICER**
DEBASHISH GHOSH, **MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS**
GURJEET CHIMA, **ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS**
FRANCESCA LAWRENCE, **ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS**

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, **PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER**
NOAH SHACHTMAN, **EDITOR IN CHIEF**
SEAN WOODS, **EXECUTIVE EDITOR**
LISA TOZZI, **DIGITAL DIRECTOR**
JOSEPH HUTCHINSON, **CREATIVE DIRECTOR**
CATRIONA NI AOLAIN, **DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT**

JANN S. WENNER, **FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR**

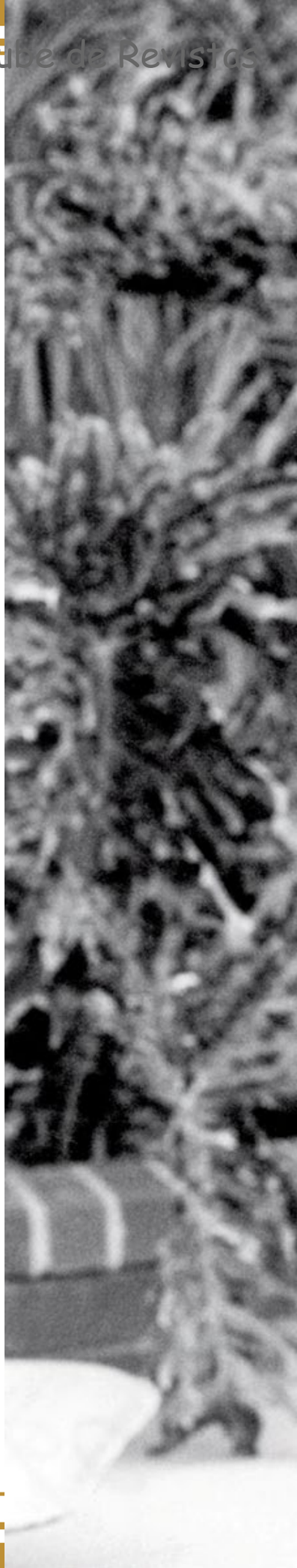
ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, **PUBLISHER**

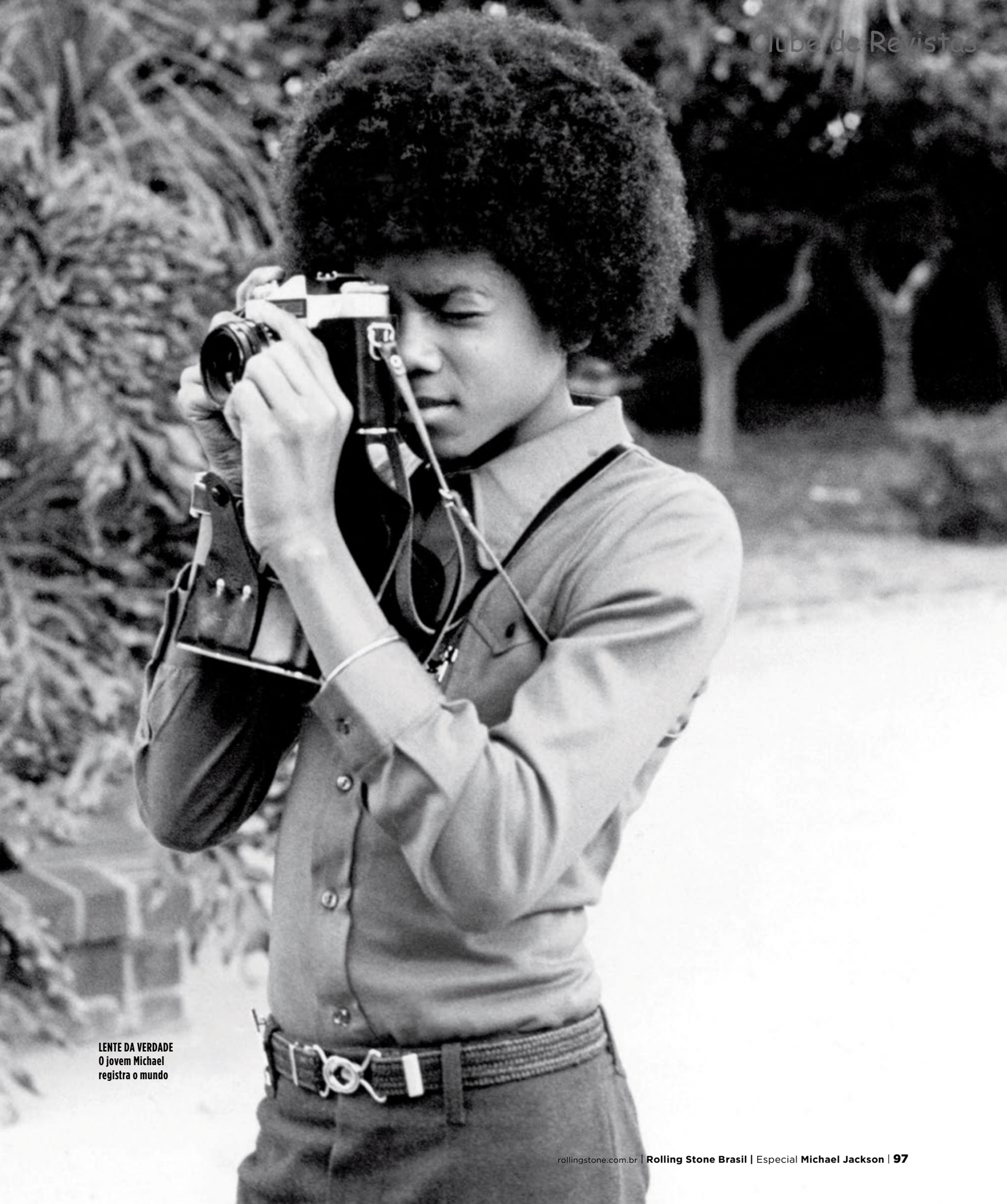
ADEMIR CORREA, **DIRETOR DE CONTEÚDO**
EDUARDO DO VALLE, **EDITOR**
FELIPE FIUZA, **DIRETOR DE ARTE**
EMERSON CAÇÃO, **TRATAMENTO DE IMAGEM**
BRUNA VELOSO, PAULO CAVALCANTI, STELLA RODRIGUES, MIKAEL GILMORE, BEN FONG-TORRES, ANTHONY DECURTIS, CHRISTOPHER R. WEINGARTEN, ALAN LIGHT, GERRI HIRSHEY, MICHAEL GOLDENBERG, DAVID HANDELMAN, BIA PEINE, DALTONY NÓBREGA, LIGIA FONSECA, JOSÉ JULIO DO ESPIRITO SANTO, **COLABORADORES**
FERNANDO LEOMIL, **DIRETOR COMERCIAL**
JOÃO PAULO, **GERENTE COMERCIAL**
ANDREA PEZZUTO, CONCEIÇÃO AUGUSTO, RITA CINTRA, FRANCISCO NETO, MARLEY GALVÃO, ROSANA DINIZ, VALÉRIA ALVES, **EXECUTIVOS DE CONTAS**

Spring

Copyright © 2024 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.



Clube de Revistas



LENTE DA VERDADE
O jovem Michael registra o mundo

Clube de Revistas

ETERNO
Nos bastidores de um show da turnê *Victory*, em 1984

Clube de Revistas

VIKING
AUTHENTIC MAN
SAN BERNARDINO
ELIXIR
O seu novo perfume!
A suprema expressão do luxo e do poder.
Acesse o Qr Code com a câmera do celular e saiba mais sobre o seu novo Elixir!
© 2024 Tempting Brands AG all rights reserved.
ROUTE 66 is a registered trademark
vikingbrand
viking.brand

Rolling de Revistas

O REI do pop

The Real State of the Union by Edward M. Kennedy
Rolling Stone
Trouble in Paradise?
MICHAEL JACKSON
An exclusive look inside a musical empire
Huey Lewis

Apresentando

As histórias por trás das 50 maiores canções do astro

Como o disco Thriller dominou o mundo

Os 20 melhores vídeos

Depoimentos de Tom Morello, Lars Ulrich e Britney Spears, entre outros

Mais de quatro décadas de arquivos da Rolling Stone - do sucesso do Jackson 5 aos últimos dias de Michael

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!